MARLENE DA LUZ MOREIRA DE OLIVEIRA

“INTERVIR NO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO”



UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARQUITETURA, ARTES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

PORTO
2013

MARLENE DA LUZ MOREIRA DE OLIVEIRA

"INTERVIR NO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO"

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Prof. Doutor Arquiteto Vítor Manuel Araújo De Oliveira
Universidade Lusófona do Porto

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

PORTO
2013

JÚRI

PRESIDENTE	Prof. Arquiteto Pedro Cândido Almeida de Eça Ramalho
ARGUENTE	Prof. Doutora Arquiteta Dulce Marques de Almeida
ORIENTADOR	Prof. Doutor Arquiteto Vítor Manuel Araújo De Oliveira

Dedico esta tese à minha família, em especial aos meus pais, pois foi graças a eles que alcancei tudo até agora. Apoiaram-me sempre, incondicionalmente, sem nunca me deixarem desistir. Apesar de todas as dificuldades, nunca permitiram que me faltasse nada e é graças a eles que consegui vencer este difícil caminho.

Ao Gonçalo, por ter sido o grande alicerce para a construção deste sonho.

O meu muito obrigado...

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Professor Doutor Vítor Oliveira, orientador científico desta dissertação, pela forma dedicada e prestável como sempre me acompanhou, pela confiança e empenho que depositou neste trabalho, pela disponibilidade e estímulo, pelo rigor e crítica exigente.

Um agradecimento à Universidade Lusófona do Porto, na pessoa do diretor do curso, o Professor Arq. Pedro Ramalho.

Gostaria também de agradecer a todos os colegas e professores do Departamento de Arquitetura, que de uma forma ou de outra, me encorajaram durante esta caminhada, em especial à Professora Doutora Lígia Nunes pela exigência, companheirismo e dedicação ao longo destes cinco anos de curso.

E porque os últimos são os primeiros, mais umas palavras de agradecimento aos meus pais, por todo o apoio, dedicação e auxílio, durante este longo percurso. Às minhas irmãs e suas famílias, em particular aos meus sobrinhos, pelo apoio e compreensão por ter estado menos presente durante estes cinco anos.

Com um carinho muito especial, gostaria de agradecer ao Gonçalo, pela paciência e sentido de interajuda que demonstrou nos momentos mais difíceis, contribuindo para a realização deste curso.

Resumo

Este estudo incide sobre o centro histórico do Porto.

O seu objetivo fundamental é a definição de uma metodologia de intervenção em realidades urbanas complexas. Propõe-se reabilitar um conjunto de quarteirões, identificados como áreas desprestigiadas, integrando habitação, comércio, serviços, equipamentos e espaços verdes, definindo, ao longo de um percurso, uma estrutura capaz de dinamizar a zona histórica. Esta metodologia visa não só a intervenção na dimensão física da cidade mas também a melhoria da qualidade de vida dos habitantes desta área da cidade.

A primeira parte da investigação centra-se no enquadramento teórico e metodológico, focando-se no debate sobre a intervenção na cidade existente, e abordando ainda um conjunto de intervenções em três cidades Europeias, Barcelona, Berlim e Veneza.

A segunda parte da investigação centra-se na cidade do Porto, desde a evolução da forma física da cidade, passando pelo modo como esta tem vindo a ser planeada, até um enfoque sobre a reabilitação do centro histórico da cidade. Realizada esta análise abrangente da cidade, avança-se para o elemento central da tese – a proposta de uma metodologia de intervenção em realidades urbanas complexas.

Conclui-se esta investigação sublinhando o potencial da utilização desta metodologia para a cidade do Porto e para outras cidades com características semelhantes.

Palavras chave: Metodologia de Intervenção, Reabilitação Urbana, Centro Histórico, Porto.

Abstract

This study focuses on the historic centre of Porto.

The fundamental objective of the study is to define a methodology for intervention in complex urban contexts. It aims at rehabilitating a number of urban blocks, identified as deprived areas, by integrating housing, commerce, services, facilities and green areas, along a 'path' - a structure that be able to contribute for the regeneration of the the historic centre. This methodology aims to act, not only in the physical dimension of the city but also, on the quality of life of residents in this area of the city.

The first part of the research corresponds to the theoretical and methodological framework, focusing on the debate on the intervention on the existing city, and addressing a number of interventions in three European cities, Barcelona, Berlin and Venice.

The second part of the investigation focuses on the city of Porto: from the evolution of the physical form of the city, to the way this is being planned, and to a focus on the rehabilitation of the historic city centre. Next, it moves to the core of the thesis – the proposal for a methodology of intervention in complex urban contexts.

This investigation is concluded emphasizing the potential advantages of this methodology to the city of Porto and to other cities with similar characteristics.

Keywords: Intervention Methodology, Urban Rehabilitation, Historical Centre, Porto.

Índice

Dedicatória IV
Agradecimentos V
Resumo VI
Abstract VII
Índice VIII
Índice de figuras X
Índice de anexos XIII
Abreviaturas XV

Capítulo I. Introdução 1
1.1 Justificação do objeto e tema 2
1.2 Estado da arte 2
1.3 Âmbito e problemática em estudo 5
1.4 Objetivos gerais e específicos 5
1.5 Metodologia e organização 5

Capítulo II. Enquadramento teórico e metodológico 7
2.1. Intervir na cidade existente 8
2.2. A reabilitação urbana no contexto Europeu: Barcelona, Berlim e Veneza 10
2.2.1. O caso de Berlim 12
2.2.2. O caso de Barcelona 15
2.2.3. O caso de Veneza 17

Capítulo III. A cidade do Porto 19
3.1 A evolução da forma urbana da cidade do Porto 20
3.2 O planeamento da cidade do Porto 24
3.3 O centro histórico do Porto no contexto da reabilitação urbana 25

Capítulo IV. Uma proposta de intervenção para o centro histórico do Porto 29
4.1 Inquéritos aos residentes e utilizadores da cidade 30
4.2 Levantamento da zona de intervenção 32
4.3 Memória de intenções 42

Capítulo V. Considerações finais 51

Bibliografia 54

Anexos **57**

Anexos A – Resumo gráfico das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto. 58

Anexos B – Peças desenhadas do levantamento da situação existente e da proposta urbanística e arquitectónica para o centro histórico do Porto. 65

Índice de figuras

1 – Bairro Kreuzberg. Modelo para a renovação urbana do bairro – preocupação com o meio ambiente. Fonte: Bodenschatz, H. et al (2010) 14

2 – Projeto da quadra feito por Rob Krieg e edifício proposto no conjunto de Aldo Rossi em Tiergarten Sul. Fonte: Bodenschatz, H. et al (2010) 14

3 – Projeto dos blocos em Friedrichstadt Sul de Aldo Rossi. Fonte: Bodenschatz, H. et al (2010) 14

4 – *Villa Olímpica* - Parque do Litoral da autoria de: Josep Martorell; Oriol Bohigas; David Mackay e Albert Puigdomènech. Fonte: Bohigas, O et al, 1990 16

5 – *Villa Olímpica* - Vivendas da autoria de: Josep Martorell; Oriol Bohigas; David Mackay e Albert Puigdomènech. Fonte: Bohigas, O et al, 1990 16

6 – Plantas da intervenção na ex-fábrica Dreher na Giudecca do Arq. G. Gambirasio. Fonte: Revista "Arquitectos" nº 164 18

7 – Imagens do exterior e interior após a intervenção na ex-fábrica de Dreher. Fonte: Revista "Arquitectos" nº 164 18

8 – Planta da evolução do espaço urbano da cidade do Porto – arruamentos – desde 1813 até 1973. Fonte: Oliveira, J., 1973 22

9 – Planta da evolução do espaço urbano da cidade do Porto – arruamentos – desde 1978 até 1992. Fonte: Oliveira, V., 2013 22

10 – Planta da evolução do espaço urbano da cidade do Porto – arruamentos – desde 1992 até 1997. Fonte: Oliveira, V., 2013 23

11 – Planta da evolução do espaço urbano da cidade do Porto – arruamentos – desde 1997 até 2003. Fonte: Oliveira, V., 2013 23

12 – Quadro síntese das respostas ao inquérito da população residente e utilizadora da cidade, para a questão nº 13: *O que faz falta neste quarteirão?* 31

13 – Aproximação ao local de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão D. Lopo* (Sem escala). Fonte: Cartografia digital – Google Maps 33

14 – Aproximação à parcela de intervenção – Vista Sul do *Quarteirão D. Lopo* (Sem escala). Fonte: Cartografia digital – Bing Maps. 33

15 – Localização da Casa dos Constantinos (a bordô) e os jardins do interior do lote. Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892 - Arquivo Histórico do Porto. 33

16 – Localização de alguns edifícios pertencentes ao antigo Hospital D. Lopo. Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892 - Arquivo Histórico do Porto. 34

17 – Localização da Casa Brandão e Silva (a bordô) e respetiva capela (a lilás). Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892 - Arquivo Histórico do Porto. 34

18 – Aproximação ao local de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão da Cividade* (Sem escala). Fonte: Cartografia digital – Google Maps 36

19 – Aproximação à parcela de intervenção – Vista Sul do *Quarteirão da Cividade* (Sem escala). Fonte: Cartografia digital – Bing Maps 36

20 – Localização do antigo Morro da Cividade (a bordô). Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892 - Arquivo Histórico do Porto. 36

21 – Aproximação ao local de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão Cimo de Vila* (Sem escala). Fonte: Cartografia digital – Google Maps 38

22 – Aproximação à parcela de intervenção – Vista Sul do *Quarteirão Cimo de Vila* (Sem escala). Fonte: Cartografia digital – Bing Maps 38

23 - Localização do Quarteirão Cimo de Vila. Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892 - Arquivo Histórico do Porto. 38

24 – Aproximação ao local de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão Jardim das Camélias* (Sem escala). Fonte: Cartografia digital – Google Maps 40

25 – Aproximação à parcela de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão Jardim das Camélias* (Sem escala). Fonte: Cartografia digital – Bing Maps 40

26 – Localização do quarteirão Jardim das camélias. Sobreposição de extratos da planta de Telles Ferreira, 1892 - Arquivo Histórico do Porto. 40

27 – Planta de enquadramento geral. Levantamento da situação existente. Escala 1/5000 41

28 – *Quarteirão D. Lopo* - Proposta arquitetónica para a reabilitação da capela e antiga fábrica de papel para edifício de serviços. Extrato do perfil P2 – escala 1/500. 43

29 – *Quarteirão D. Lopo* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifício destinado a estacionamento e zona de bar. Extrato do perfil P2 – escala 1/500. 43

30 – *Quarteirão D. Lopo* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifício destinado a serviços – relação com exterior. Extrato do perfil P4 – escala 1/500. 43

31 – *Quarteirão D. Lopo* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifício destinado a associação de terceira idade. Extrato do perfil P4 – escala 1/500. 43

32 – *Quarteirão da Cividade* - Proposta arquitetónica para a integração de serviços e equipamento desportivo. Extrato do perfil P2 – escala 1/500. 45

33 – *Quarteirão da Cividade* - Proposta arquitetónica para integração de SPA, ginásio e campo de jogos. Extrato do perfil P3 – escala 1/500. 45

34 – *Quarteirão da Cividade* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifícios e integração de equipamento desportivo. Extrato do perfil P1 – escala 1/500. 45

35 – *Quarteirão de Cimo de Vila* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifícios e integração de serviços e ATL. Extrato do perfil P2 – escala 1/500. 47

36 – *Quarteirão de Cimo de Vila* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifício e integração de ATL. Extrato do perfil P3 – escala 1/500. 47

37 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* - Proposta arquitetónica para a consolidação do quarteirão através da integração de edifícios de habitação, comércio, serviços, espaço verde e equipamento. Perfil P1 – Sem escala. 50

38 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* - Proposta arquitetónica de edifícios de habitação, comércio e serviços. Corte longitudinal – escala 1/500. 50

39 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifício destinado a residência temporária de artistas. Extrato do perfil P3 – escala 1/500. 50

40 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* - Proposta arquitetónica para reabilitação de edifício destinado a residência de estudantes. Extrato do perfil P3 – escala 1/500. 50

Índice de Anexos

Anexos A 58

Anexo A1 - Inquérito elaborado à população residente e utilizadora da zona de intervenção. 59

Anexo A2 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão 13: *O que faz falta neste quarteirão*? 60

Anexo A3 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão 13.1: *Neste quarteirão faz falta a inserção de equipamentos desportivos? Quais?* 61

Anexo A4 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão 13.2: *Neste quarteirão faz falta a inserção de equipamentos culturais? Quais?* 62

Anexo A5 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão 13.3: *Neste quarteirão faz falta a inserção de espaço verde público? Que tipo de espaço verde público?* 63

Anexo A6 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão:13.4: *Neste quarteirão faz falta a inserção de serviços? Quais?* 64

Anexos B 65

Anexo B1 – Planta de enquadramento geral e localização da situação existente. Escala 1/1000 66

Anexo B2 – Planta de enquadramento geral e localização da situação proposta. Escala 1/1000 67

Anexo B3 – *Quarteirão D. Lopo* - Planta de setor e perfil P2. Escala 1/500 68

Anexo B4 – *Quarteirão D. Lopo* – Edifício de oficinas de arte – Plantas do piso 0, piso 1, piso 2, piso 3 e perfil P2. Escala 1/200 69

Anexo B5 – *Quarteirão D. Lopo* – Edifício de oficinas de arte – Plantas do piso 4, piso da cobertura e perfil P1. Escala 1/200 70

Anexo B6 – *Quarteirão D. Lopo* – Edifício de serviços – Plantas do piso 0, piso 1, piso 2, piso 3, piso 4 e perfil P4. Escala 1/200 71

Anexo B7 – *Quarteirão D. Lopo* – Edifício de serviços – Plantas do piso 5, piso de cobertura e perfil P2. Escala 1/200 72

Anexo B8 – *Quarteirão D. Lopo* – Edifício da associação de terceira idade – Plantas do piso 0, piso 1 e piso de cobertura e perfil P5. Escala 1/200 73

Anexo B9 – *Quarteirão da Cividade* – Planta de setor e perfil P1. Escala 1/500 74

Anexo B10 – *Quarteirão da Cividade* – Edifício de serviços e equipamento. Plantas do piso 0, piso 1, piso 2, piso 3, piso 4 e perfil P2. Escala 1/200 75

Anexo B11 – *Quarteirão da Cividade* – Edifício de serviços e equipamento. Plantas do piso 5, piso de cobertura e perfil P3. Escala 1/200 76

Anexo B12 – *Quarteirão de Cimo de Vila* – Planta de setor e perfil P1. Escala 1/500 77

Anexo B13 – *Quarteirão de Cimo de Vila* – Edifício de serviços e ATL. Planta do piso 0, piso 1, piso 2 e perfil P2. Escala 1/200 78

Anexo B14 – *Quarteirão de Cimo de Vila* – Edifício de serviços e ATL. Planta do piso 3, piso 1de cobertura e perfil P3. Escala 1/200 79

Anexo B15 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* – Planta de setor e perfis P1 e P2. Escala 1/500 80

Anexo B16 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* – Planta de setor (piso r/chão e piso -1). Escala 1/500. 81

Anexo B17 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* – Edifícios de habitação, comércio e serviços. Planta do piso -1, piso 0, piso 1 e alçados. Escala 1/200. 82

Anexo B18 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* – Edifícios de habitação, comércio e serviços. Planta do piso 2, piso 3, piso 4 e cortes. Escala 1/200. 83

Anexo B19 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* – Edifícios para residencial de estudantes. Planta do piso 0, piso 1, piso de cobertura e perfil P3. Escala 1/200. 84

Anexo B20 – *Quarteirão do Jardim das Camélias* – Edifícios para residencial temporária de artistas. Planta do piso -1, piso 0, piso 1, piso 2, piso de cobertura e perfil P3. Escala 1/200. 85

Abreviaturas

ACRRU - Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística
ADRU - Áreas de Dinamização da Reabilitação Urbana
CMP – Câmara Municipal do Porto
EDRU - Eixos de Dinamização da Reabilitação Urbana
FEUP – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
PDM – Plano Diretor Municipal
SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana
VCI - Via de Cintura Interna
ZIP - Zona de Intervenção Prioritária

Capítulo I . Introdução

1.1 Justificação do objeto e tema

A cidade do Porto tem uma história de nove séculos, com uma irrefutável riqueza, sobretudo na sua parte antiga, o seu centro histórico, materialização do seu núcleo original.

No panorama nacional, a cidade do Porto encontra-se entre os principais destinos da comunidade estrangeira que visita o nosso país. Recentemente, a cidade do Porto foi distinguida como o "Melhor Destino Europeu 2012", conquistando os seus visitantes pela variedade dos seus recursos, desde os que a procuram pela história e autenticidade àqueles que a buscam para explorar uma nova cidade, mais cosmopolita e contemporânea.

Apesar destes factos, atualmente, esta zona nobre da cidade apresenta demasiados sinais de abandono, pobreza e degradação, desiludindo quem por lá nasceu e viveu…

Após esta verificação, rapidamente se percebe que o centro histórico da cidade do Porto necessita urgentemente de uma intervenção que a regenere e que lhe devolva a sua atratividade, convidando a população a voltar a habitar este local.

O objeto de estudo da tese centra-se na área histórica do Porto, e pretende ser um contributo para dinamizar a cidade e melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes. Justifica-se a escolha do tema uma vez "que a recuperação do edificado, é um objetivo económico porque contribui para uma melhor eficiência de cidade-competitiva, evidencia um objetivo social porque evita a exclusão e a segregação, traduz um objetivo ecológico porque recupera o património e afirma o objetivo cultural porque recria uma identidade urbana" (Vazquez et al, 2004).

1.2 Estado da arte

Da bibliografia consultada rapidamente se percebeu que a cidade do Porto foi sendo alvo de um conjunto de intervenções aleatórias, que de algum modo descaraterizam as suas formas urbanas originais. No entanto, é também verdade que consegue ser um exemplo de resistência na medida em que conserva importantes elementos da sua história urbana.

A revisão da literatura dividiu-se em duas áreas principais: i) no enquadramento teórico e metodológico de como intervir na cidade existente, fazendo referência ao contexto europeu (particularmente às cidades de Barcelona, Berlim e Veneza); ii) no estudo da evolução das formas urbanas e do planeamento para a reabilitação da cidade do Porto.

Vários autores têm vindo a desenvolver um quadro teórico suscetível de relacionar a morfologia urbana com a intervenção na paisagem da cidade.

No estudo sobre a "Transformação e permanência na habitação portuense, as formas da casa nas formas da cidade" (Barata, 1996), refere-se que para intervir na cidade existente é importante aprofundar o conhecimento arquitetónico e urbanístico sobre a cidade e sobre alguns tipos de edificação destinada a habitação que caraterizam a sua forma urbana.

Este estudo centra-se no processo de transformação dos edifícios de habitação unifamiliar em edifícios de habitação plurifamiliar (Porto mercantilista e Porto iluminista) e na impossibilidade de adaptação passando à materialização de uma divisão social e funcional (Porto liberal). O livro estabelece ainda uma relação entre culturas europeias e a habitação burguesa portuense: das matrizes mediterrânicas (italianas) às setentrionais (britânicas). Esta relação com a realidade britânica é ainda reforçada pela leitura de autores como M.R.G. Conzen e em particular a sua obra *Alnwick Northumberland: a study in town-plan analysis.*

Com a estabilidade do processo de transformação da habitação unifamiliar portuense, este passa a servir de referência tipológica para os novos modelos dos anos 50 a 80 do século XX; permanece o tipo de lote, a estrutura espacial do edifício e a relação com o espaço público.

Esta reflexão sobre arquitetura e cidade enquadra-se, do ponto de vista teórico, num entendimento tipológico da obra arquitetónica, e dirige-se às questões estruturais de projeto e de plano, reconhecendo-se que a informação assim recolhida possa servir como material operativo de apoio à prática de projeto (um dos propósitos fundamentais desta tese).

Outra obra indispensável para a compreensão da evolução urbana da cidade é "O espaço urbano do Porto – condições naturais e desenvolvimento" (Oliveira, 1973), que sistematiza a informação existente sobre o Porto no início dos anos 70 e acrescenta uma visão do desenvolvimento urbano e da heterogeneidade espacial que contribui decisivamente para o conhecimento da cidade. Este estudo faz o cruzamento da geografia com a história e promove a referenciação espacial através da cartografia, associada à morfologia urbana (época de construção do sistema viário, cérceas do edificado e espaços verdes) e à sua funcionalidade e usos.

Um outro contributo para o desenvolvimento desta tese foi o livro "A evolução das formas urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX e XX*"* (Oliveira, 2013). Este trabalho fornece um enquadramento teórico e metodológico da disciplina de morfologia urbana, identificando as origens, desenvolvimento e características fundamentais das abordagens dominantes nesta área do conhecimento. Elabora uma matriz de análise que é aplicada no estudo das cidades de Lisboa e Porto, e caracteriza os seus processos de expansão, identificando diversos padrões decorrentes de diferentes épocas e espaços destas cidades. O livro analisa ainda a importância do planeamento na criação das formas urbanas da cidade, desde a figura do Plano Geral de Melhoramentos até ao atual Plano Diretor Municipal, revelando um conjunto de impactos mais significativos na capital do que na cidade do Porto.

Num artigo intitulado "*The study of urban form in Portugal*" (Oliveira et al, 2011), são estudadas as origens e o desenvolvimento do estudo da forma urbana em Portugal. De uma forma cronológica são apresentados autores e obras que em muito contribuíram para a morfologia urbana no nosso país. Deste artigo, para a presente tese, importa reter que as intervenções devem ser mais informadas e baseadas em evidências sobre a cidade; que para um planeamento urbano mais informado, a morfologia urbana deve atuar como um campo específico do conhecimento sobre a forma física da cidade e o seu processo de transformação ao longo do

tempo. Neste artigo são também apresentadas e descritas as diferentes abordagens na morfologia urbana – análise sintática, processo tipológico, processo histórico-geográfico, entre outros.

Passa-se agora para um conjunto de textos mais voltados para a prática profissional de planeamento na cidade do Porto. Uma análise ao plano de gestão do centro histórico do Porto, desenvolvido pela Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU), permite concluir que os problemas fundamentais com que se deparara a reabilitação do centro histórico são a perda de influência da economia da cidade, a desertificação, o envelhecimento e abandono da população, o estado de conservação dos edifícios, a debilidade e escassez de infra-estrutura e ainda a necessidade de coesão espacial. A SRU considera esta "área urbana como contínua e consolidada, uma zona homogénea, tendo em conta as suas particularidades topográficas e morfológicas que integram uma diversidade de tipologias e qualidade diferenciada do edificado, incluindo, ainda, núcleos de escala menor, como sejam as referidas "ilhas" do Porto, o simples aproveitamento do território ou, enfim, a sobreposição de morfologias rurais urbanas de diferentes cronologias. A estrutura de quarteirão reconhece-se e mantém-se, apesar de tudo, inalterada. Todavia, a zona sofre permanentemente fortes pressões. Veem-se edifícios, quarteirões e frentes de rua, deprimidos e degradados (…)" (Porto Vivo, 2005).

Um outro texto que importa referir é o relatório do sistema de monitorização da qualidade de vida urbana do Porto, realizado pela Câmara Municipal do Porto (CMP) em 2011. Este relatório pretende ser um suporte para o aprofundamento do conhecimento do centro urbano do Porto e para o desenvolvimento de estratégias com prioridades de intervenção. Este documento representa uma plataforma disponibilizada pelo município e pretende facilitar o "acesso a informação, estimular o debate, a consciência coletiva e a cooperação em torno da realidade local, quer no que diz respeito aos seus pontos fortes e progressos que interessa defender e potenciar, quer no que toca as ameaças e dinâmicas desfavoráveis às quais se torna necessário reagir eficazmente".

Por fim, da análise do "Estudo estratégico para o enquadramento de intervenções de reabilitação urbana da Baixa do Porto", elaborado na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), sublinha-se que "a cidade é um espaço fragmentado e constituído por tecidos cuja diversidade lhe é conferida pelo seu processo histórico de formação, pelas culturas urbanas subjacentes e pelo suporte físico onde assenta" (Vazquez et al, 2004). A diversidade destas áreas é um agente inerente de qualidade urbana pelo que é necessário analisa-las individualmente, estabelecendo critérios de valorização, ocupação e usos. Neste sentido é necessário que este processo de regeneração urbana enquadre, a longo prazo, oportunidades de dinamização da cidade, combinando objetivos de regeneração física, social e económica, através de fatores de qualificação, de atratividade e de relacionamento.

1.3 Âmbito e problemática em estudo

Nos dias de hoje torna-se fundamental intervir no contexto da reabilitação urbana, numa perspetiva de regenerar as cidades, atraindo novamente a vida ativa.

A regeneração urbana é um processo difícil, sendo necessário enquadrar soluções com referência ao caráter complexo e heterogéneo dos problemas das áreas urbanas degradadas, que disseminam os fenómenos de degradação física, de vulnerabilidade social e de fragilidade económica, e que traduzem um sentido de perda, com grandes dificuldades de inversão.

A partir do reconhecimento desta problemática e da análise da evolução histórica da malha urbana do centro histórico do Porto, será possível compreender a evolução da cidade e avaliar a interação entre a reabilitação de quarteirões e o espaço público, de modo a formular um programa de dinamização e atração para viver na cidade.

1.4 Objetivos gerais e específicos

Nesta tese pretende-se definir uma metodologia de intervenção que se adapte à realidade física e humana do centro histórico do Porto. Esta metodologia é suportada por três elementos fundamentais: i) a análise de casos semelhantes, num contexto europeu; ii) a participação dos residentes e utilizadores da cidade; e por fim, iii) a elaboração de uma proposta urbanística e arquitetónica de intervenção no centro histórico.

Neste contexto propõe-se reabilitar um conjunto de quarteirões identificados como áreas desqualificadas, promovendo a mistura de usos (habitação, comércio, serviços, equipamentos e espaços verdes), definindo ao longo de um "percurso" - uma estrutura que contribua para a dinamização da zona histórica.

1.5 Metodologia e organização

Ao longo deste estudo será apresentada uma metodologia de intervenção urbana que será aplicada no caso de estudo do centro histórico do Porto. Posteriormente será discutida a aplicabilidade da metodologia em situações análogas a este caso prático.

A tese começa com um enquadramento teórico e metodológico em torno das questões de como intervir na cidade existente num contexto nacional e europeu. Será feita referência à evolução e ao planeamento da forma urbana da cidade do Porto desde o séc. XIX até aos dias de hoje, recorrendo a estudos desenvolvidos por outros investigadores.

Em seguida serão reunidos os elementos fundamentais para a elaboração de uma proposta de intervenção que irá ter como suporte fundamental, a participação dos residentes e dos utilizadores do espaço que nos propomos a regenerar.

Será então apresentada uma solução urbanística e arquitetónica contextualizada ao ambiente urbano em causa, de modo a integrar-se no espaço existente sem "ferir" os traços e as origens deste local singular da cidade do Porto.

Por último serão apresentadas as principais considerações a reter, após a elaboração da proposta urbanística e arquitetónica.

Importa referir que o caso apresentado e estudado, não pretende funcionar como uma solução final mas sim como um ponto de partida para intervenções futuras a realizar em espaços idênticos.

Capítulo II. Enquadramento teórico e metodológico

2.1. Intervir na cidade existente

A intervenção nas cidades é um processo oneroso, sendo necessário enquadrar soluções com referência ao caráter complexo e heterogéneo dos problemas das áreas urbanas degradadas, que disseminam os fenómenos de degradação física, social e económica, que traduzem um sentido de perda com dificuldades de inversão.

"(…) uma cidade perde identidade cada vez que quem nela constrói arquitetura corrente não entende as características do seu conjunto edificado, nem está apto a realizar uma análise tipo-morfológica da área onde é chamado a intervir. (…) o conhecimento das características de uma cidade, do seu processo de formação e da sua estrutura implica o conhecimento das tipologias de habitação e é fundamental para a definição dos significados de novas propostas." (Barata, 1996).

Francisco Barata refere que, apesar da história da cidade não ter sido usada como objeto de conceção prévia da forma de residência urbana, a cidade histórica apresenta maior homogeneidade formal do que a cidade proposta pela arquitetura moderna. Salienta ainda a importância da reflexão da relação da habitação urbana com a forma da cidade, para o desenvolvimento de um trabalho e estabelece níveis de análise que permitam estruturar um princípio eficaz de caracterização objetiva. Considera três parâmetros de análise: o relevo (a topografia que, natural ou implícita na morfologia do conjunto construído, identifica um determinado suporte); o espaço público (composto pelo traçado viário, pelos espaços verdes ou conjuntos arborizados e pelo conjunto de elementos e de espaços que representam outro sistema de formalização da relação da topografia com o conjunto edificado); e o conjunto edificado (todos os edifícios, independentemente da sua função, os seus prolongamentos e articulações com o espaço público e com o relevo, tais como: muros, pórticos, escadarias, etc.).

O autor refere que, utilizando estas variáveis, se verifica o domínio do tema da habitação na cidade. Salienta a importância que tem a modelação destes edifícios na caracterização global da forma urbana e que as características do sistema viário estão relacionadas com as características de algumas tipologias. Considera que o conjunto edificado pode influenciar as opções de planeamento e se o arquiteto conseguir integrar este conjunto com a sua capacidade criadora, a cidade enriquece.

O autor refere que os edifícios da cidade do Porto têm uma capacidade de adaptação a novos usos, devido à riqueza da sua matriz de organização, às potencialidades de expansão e à sua capacidade em permanecer na construção da cidade (ao longo de praticamente trezentos anos). Verifica ainda que quando um edifício deixa de ter capacidade de adaptação a novos usos entra em processo de degradação e transforma-se em ruína.

Conforme foi referido na secção 1.2, existem três tipos de habitação dominantes no Porto que contribuem para a caracterização da forma urbana: habitação mercantilista (domínio e preenchimento integral do lote de matriz medieval); habitação iluminista (aumenta a dimensão do lote, altera-se a relação do edifício com o logradouro, alguns destes com jardins e hortas); e

habitação liberal (primeiro tipo de habitação que manifesta e materializa uma efetiva divisão social e funcional da cidade, não prevendo usos mistos).

De facto, no núcleo central, constituído pelas freguesias de S. Nicolau, Sé, Miragaia e Vitória, existe um tipo de habitação diferente do segundo, da época da expansão Almadina e de um terceiro que se consolidará a partir da segunda metade do séc. XX.

Francisco Barata defende ainda que diversos autores consideram que a cidade industrial atingiu níveis de descontrolo generalizado no seu processo de desenvolvimento, o que provocou uma rutura com a cidade tradicional, e que a cidade moderna é uma resposta à tentativa do restabelecimento do equilíbrio perdido.

O trabalho de Ildefonso Cerdà é um exemplo de um esforço desenvolvido no sentido de racionalizar a cidade, estruturar e objetivar a ação de planeamento. O plano para Barcelona (cidade que irá ser estudada na seção seguinte) baseia-se nos princípios da cidade tradicional - a rua como elemento privilegiado da construção, e pretende controlar a forma urbana introduzindo outros conceitos, como o de cidade ordenada e unitária. Responde assim a questões de circulação e transportes, de equipamentos públicos, de infraestruturas gerais, de plurifuncionalidade, de opções tipológicas de edifícios de habitação, de controlo do espaço público e da própria forma da cidade, de articulação com a malha antiga. O plano dá assim um contributo fundamental para que Barcelona continue a ser uma cidade exemplar e um caso de estudo para a urbanística contemporânea.

“Ao longo da história das cidades verificamos que os grandes temas urbanísticos e de arquitetura parecem poder estruturar-se com base num sistema de relações entre público e privado, coletivo e individual, sagrado e profano. São temas que englobam usos e atividades, desde as constantes como a da habitação, do trabalho e do lazer, até àquelas que são específicas das diversas culturas e lugares. Os processos de formalização desenvolvem-se, agindo simultaneamente sobre o terreno, o traçado viário, as edificações, as atividades humanas. (…) a convicção de que o modo como se pode controlar o processo de transformação da forma da cidade contemporânea consiste na prévia identificação das homogenias morfológicas que antecedem uma intervenção. (…) é necessário estudar a obra de arquitetura, ela própria , como a cidade que a inclui.” (Barata, 1966, pp. 299 e 300)

Para intervir na cidade é necessário ter os modelos urbanos mais adequados, o que deverá pressupor uma análise tipo-morfológica, envolvendo uma visão mais alargada da cidade e a procura da história da cidade construída e das regras que contribuem para a sua urbanidade. Só assim poderá ser criado um fio condutor, inserindo o nosso trabalho num processo coletivo de construção urbana.

Bernard Huet, no artigo “A cidade como espaço habitável. Alternativa à carta de Atenas”, afirma que: “(…) falar de forma urbana não significa ignorar os problemas socioeconómicos nem acreditar que a arquitetura esteja em condições de por si só constituir espaço da cidade. Significa simplesmente reconhecer a dimensão do que é visível no espaço urbano, operar dentro de um sistema de inter-relações entre forma urbana e tipologia arquitetónica, aceitar que o espaço urbano seja carregado dos valores simbólicos hierarquizados que dão um significado diferenciado

à arquitetura. Se a arquitetura deve encontrar uma dimensão simbólica (…), é necessário que se insira no sistema das convenções urbanas. Caso contrário, está irremediavelmente condenada à confusão e à insignificância, como constatamos todos os dias nas cidades novas."

Por seu lado, Francisco Barata considera que num trabalho que envolva o desenho de espaço público, é mais produtivo trabalhar a partir de conceitos existentes como o que é uma praça, um largo, uma alameda, uma avenida, uma rua, uma viela, etc… do que usar terminologias mais abstratas como espaço urbano de qualidade, espaço urbano de apoio, espaço lúdico, espaço urbano de transição, etc…. Observa também que os espaços públicos tradicionais são, maioritariamente definidos por edifícios ou caracterizados pelos elementos construtivos, transportando sempre as fachadas como determinantes do espaço público.

Defende ainda que as intervenções na cidade devem ter presentes a consciência que não intervém só no seu lote, mas também na caracterização do traçado viário e da forma urbana.

Para a fundamentação e objetivação das propostas de intervenção não é suficiente conhecer os processos de transformação e variação de identidade tipológica dos edifícios de habitação. É também necessário articular as propostas com as mudanças mais significativas que se operam em toda a cidade. Do mesmo modo são insuficientes as interpretações globais da história urbanística sem se analisarem os edifícios representativos dos processos de transformação.

O trabalho do arquiteto que pretende intervir na cidade passará por cerzir e corrigir, "com uma capacidade de avaliar com grande objetividade os factos urbanos existentes, o que implica refletir sobre património e consequentemente sobre a relação novo-antigo. (Barata, 1966, p.300)"

2.2. A reabilitação urbana no contexto Europeu: Barcelona, Berlim e Veneza

No contexto da reabilitação é necessário conhecer outras cidades, conhecer a "cidade europeia" tendo sempre presente que cada cidade requer um trabalho particular e uma redefinição dos conceitos utilizados.

O estudo da relação entre os tipos construídos e a estrutura urbana é o princípio para compreender a estrutura da cidade enquanto processo histórico e fenómeno parcial de continuidade. Não se constitui um fim em si mesmo e faz-se acompanhar de uma análise dos elementos e processos de crescimento da forma urbana, com uma particular atenção para as modificações que afetam a cidade no tempo e espaço, identificando rupturas com a cidade tradicional.

Os casos de Barcelona, Berlim, e Veneza são exemplos onde a cidade existente é encarada como objeto de estudo. Investigações sobre tipologia arquitetónica e morfologia urbana, análise das relações entre espaços públicos, semipúblicos e privados passam a ser os procedimentos nos quais o discurso e a prática arquitetónica irão apoiar-se.

Estas experiências podem ser caraterizadas como contextualistas, uma vez que equiparam-se por parâmetros similares com relação à cidade existente, ainda que apresentem programas e problemáticas distintas e bastante particulares (Bronstein, 2012).

*"Que la arquitetura es consustancial a la ciudad está fuera de duda. Que la ciudad sea sólo una arquitetura puede ser una afirmación mucho más problemática. (...) En la situación contemporánea, la arquitetura sigue estando en la ciudad. Forma parte de ella y materializa una parte de los espacios en los que se desarolla la vida urbana. Sin embargo, hoy más que nunca, comprobamos que la ciudad es muchas más cosas que sus edificios y arquiteturas." (*Solà-Morales*, 1996)*

Num estudo sobre "A crise do urbanismo contextualista", Bronstein considera que o contextualismo se sustenta a partir da existência inevitável do seu reverso mais imediato, o universalismo. Considera ainda que o contextual, entendido como a procura do autêntico e do original, tem as suas bases no passado (memória, história e tradição) e no presente (lugar, cultura e ambiente) colocando-se em oposição ao universal, uma condição caracterizada pela ausência de limites, particularidades ou identidades locais.

Nos estudos arquitetónicos sobre a cidade, tal dicotomia encontrou terreno fértil. A crítica ao Movimento Moderno "configurou uma primeira tentativa de reformulação de determinados ideais urbanos - entre eles a questão do universalismo das suas propostas - a partir de uma abordagem ainda pautada na tradição deste movimento. A ideia de imprimir ao pensamento urbano com noções de identidade aliadas a uma mudança de escala no tratamento dos problemas do habitar foram transformações no interior de um pensamento que se mantinha operando sob a lógica produtiva da inovação e do progresso" (Bronstein, 2012).

Um momento de mudança nesta linha de pensamento, acontece quando a componente da história é reintroduzida no discurso urbano. Dois contributos importantes (mas exemplos de um contexto de crítica mais vasto) são dados por Ernesto Nathan Rogers, e o seu conceito de "pré-existências ambientais" e por Christian Noberg-Schulz nas suas considerações ao "*genius loci*". O contexto existente passa a ser um dos fatores fundamentais no pensamento sobre as cidades.

2.2.1 O caso de Berlim

O programa IBA em Berlim, e em particular os projetos para a *Potsdamer Platz* e a *Friedrichstrasse* são exemplos que materializaram grande parte das teorias surgidas a partir da crítica ao urbanismo moderno e desenvolvidas segundo as ideias contextualistas.

As propostas do IBA surgidas no final dos anos 70, baseiam-se no traçado urbano existente e na utilização da estrutura urbana tradicional, onde o passado e o futuro poderiam viver juntos. Era também importante caracterizar a cidade como local de moradia e requalificar os equipamentos e edifícios residenciais existentes (modelo de intervenção *Altbau*) e criar novas unidades habitacionais (modelo de intervenção *Neubau*).

Um dos exemplos de intervenção, que usou o modelo de intervenção *Altbau,* foi o Bairro *Kreuzberg* (ver fig.1), planeado em três fases. Numa primeira fase as preocupações centraram-se na melhoria das condições de higiene e saneamento, na criação de assistência social junto dos moradores e na instalação de serviços públicos. A intenção era fazer as reformas com o menor custo possível, contando muitas vezes com a ajuda dos próprios moradores. A preocupação não era só com a requalificação interior dos edifícios, mas também com a fachada, para que assim se melhorasse a paisagem urbana do bairro.

Numa segunda fase, as propostas passaram pela reformulação das ruas e do espaço urbano, atraindo um fluxo mais local e pedestre, organização do espaço para estacionamento e ordenamento de equipamentos públicos e arborização do espaço, reordenando a comunicação visual (pública e privada).

Na terceira fase o plano passou pela melhoria da qualidade de vida dos moradores, e pela produção de equipamentos públicos, verificando-se junto da população as principais necessidades (creches, reforma e ampliação das escolas existentes, associações juvenis, centro de desporto, clubes de terceira idade, centro para mulheres, associação de vizinhança, bibliotecas,…). O governo interveio através do financiamento de parte das reformas dos edifícios e colaborou na regulamentação e negociação entre partes interessadas.

O resultado final desta intervenção refletiu-se na caracterização de um bairro de moradias privadas, que através da revitalização do local atraiu nova população, diversificando a região e, com este método, a população não necessitou de ajudas financeiras e sociais para permanecerem no local.

Um segundo exemplo de intervenção da IBA, através do modelo de intervenção *Neubau,* é o caso do bairro de *Tiergarten* Sul (ver fig. 2). Da autoria de Rob Krier, a proposta baseava-se no quarteirão residencial e contou ainda com a participação de Aldo Rossi, que projetou um edifício. Esta intervenção caracterizou-se pela construção de novas unidades habitacionais, através do design participativo*,* de acordo com o traçado e a cidade existente. A população é assim convidada a intervir no desenho da sua cidade (esse tema será explorado no capítulo 4 na intervenção no centro histórico do Porto).

Estudar o IBA como um processo, aproximando conceptualmente a relação do objeto com a problemática urbana e com um eixo teórico, leva a apontar que, num primeiro momento, as

teorias de Rossi estão na base de grande parte dos distintos eixos teóricos das intervenções e que, de alguma forma, em *L'Architettura della Cittá* são sistematizadas grande parte das questões em relação à cidade existente (numa visão externa ao movimento moderno).

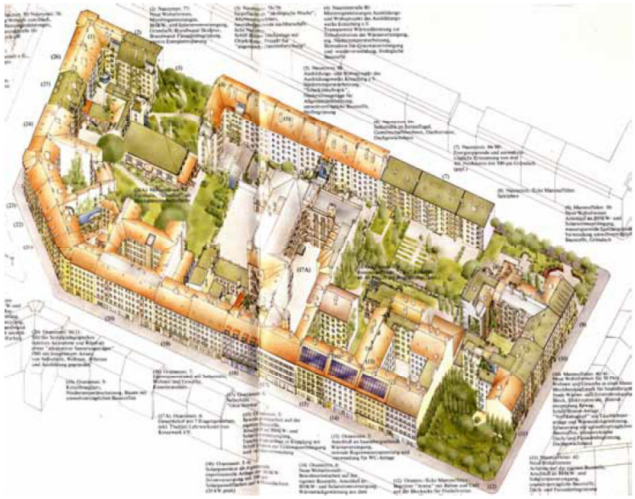
Para Aldo Rossi os elementos constituintes da cidade de Berlim são: as casas, as ruas, os bairros, os monumentos e as demais estruturas que compreendem o espaço habitado. Define um projeto ordenado e que evidencia os elementos que caracterizam a sua construção (ciência urbana); desenvolve um sistema compositivo, usa o "tipo" como elemento existente; a natureza como fonte inspiradora e trata a paisagem urbana à escala da rua (imóvel residencial), do bairro (definindo-o como trecho urbano com singularidade própria) e da cidade.

Rossi analisa as relações arquitetónicas com o valor que estas adquirem no conjunto urbano e conceptualiza *locus* e "permanência" como duas das relações detetadas. Define *locus* como a conformação peculiar entre determinadas construções e o lugar em que estas se situam (memória) e o valor singular destas situações. Associa "permanência" a manter presente as estruturas históricas e os vestígios urbanos de épocas anteriores, como edifícios, formas e traçados, o reconhecimento dos elementos primários e dos monumentos da cidade, os quais em diferente medida das áreas-residência, possuem o valor de transcendência ao longo da evolução urbana.

Numa análise dos blocos em *Friedrichstadt* Sul (ver fig. 3), da autoria de Aldo Rossi, compreende-se que este se baseia na construção de distintas unidades residenciais, com comércio, equipamentos e jardins dentro de uma quadra, deixando o interior do quarteirão permeável. O objetivo foi reconstruir este trecho de cidade baseando-se sobretudo na forma urbana do local e na tipologia predominante, redesenhando o perímetro do quarteirão e respeitando a escala dos edifícios do local. A rua é utilizada como "elemento urbano de excelência", revitalizador da cidade e elemento que permite conjugar, de forma equilibrada, construções novas e antigas.

É possível perceber que apesar das intervenções do IBA terem ocorrido há trinta anos, os conceitos fundamentais desta intervenção continuam contemporâneos. A ideia de participação da população na decisão das mudanças urbanísticas, o uso de infraestruturas existentes e a remodelação de edifícios antigos para uso habitacional em áreas com potencial, são questões indissociáveis da cidade compacta e sustentável.

Contudo, apesar das suas inúmeras virtudes, o IBA demonstrou algumas fragilidades que se basearam no facto de, a colaboração de vários arquitetos, gerar diferentes formas de pensamento e levar ao conflito arquitetónico. A produção de diferentes projetos sem a procura de uma uniformidade acabou por criar uma certa "rivalidade" entre edifícios. Os projetos foram desenvolvidos para cada uma das áreas sem a procura de um critério comum e a pluralidade do pensamento acabou por não convergir numa "ideologia cultural única" para a cidade (Eskinazi, 2007).



1 **-** Bairro Kreuzberg. Modelo para a renovação urbana - preocupação com o meio ambiente.
Fonte: Bodenschatz, H. et al (2010)



2**-** Projeto do quarteirão realizado por Rob Krier e edifício proposto no conjunto de Aldo Rossi em Tiergarten Sul.
Fonte: Bodenschatz, H. et al (2010)



3 - Projeto dos blocos em Friedrichstadt Sul de Aldo Rossi.
Fonte: Bodenschatz, H. et al (2010)

2.2.2 O caso de Barcelona

Nas últimas décadas do séc. XX, Barcelona desenvolveu novas estratégias de intervenção no tecido urbano existente. A cidade de Barcelona sofreu, desde o plano de Ildefonso Cerdà no séc. XIX até aos nossos dias, um processo de mutação constante, repensando os seus espaços e mantendo um carácter renovador, sem comprometer a sua estrutura histórica.

Na década de 80, Oriol Bohigas (juntamente com Josep Acebillo, Albert Puigdomènech, Jaume Galofré e Josep Abad) funda uma comissão consultora de programas de renovação urbana, assente no entendimento da forma da cidade, com base no desenho dos elementos urbanos, na tentativa da (re)construção de uma identidade (ver fig. 4 e 5).

Oriol Bohigas refere que "passa-se de um urbanismo abstrato, com referências a modelos ideais, a um urbanismo baseado no conhecimento das diferentes realidades que compõe a cidade, um urbanismo múltiplo e heterogéneo que se estrutura a partir da procura das soluções para as necessidades locais. Um programa de realizações concretas, que se compromete com definições formais" (Bohigas, 1983).

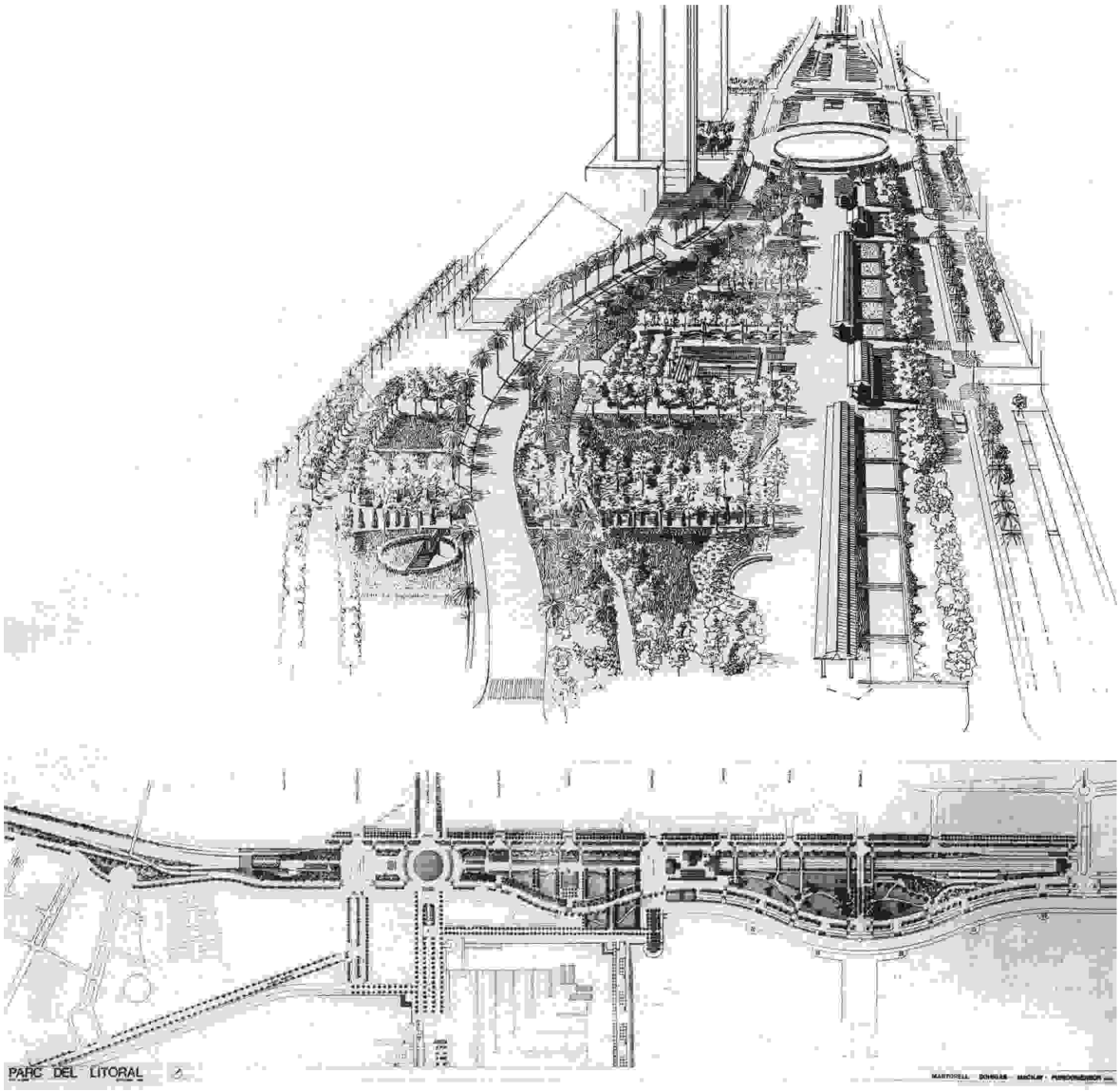
O novo modelo de planeamento, atuava de forma pontual, em diferentes escalas, obedecendo a uma análise criteriosa e bem definida da estrutura da cidade. Normalmente estas intervenções caraterizavam-se como ações homogéneas na área central e periferia, e por vezes, a grande escala, denominavam-se como "ações de cidadania" – apontavam o coletivo e tentavam integrar tradições culturais e artísticas, valorizando e recuperando a identidade da comunidade.

Neste contexto, a articulação do espaço público com o privado possui um papel importante de renovação e recuperação, cuja matriz parte da cidade existente. O objetivo fundamental era estabelecer um processo urbano capaz de atuar numa cidade já constituída e densa, (re)ordenando, interligando, recuperando, higienizando e revitalizando a cidade existente.

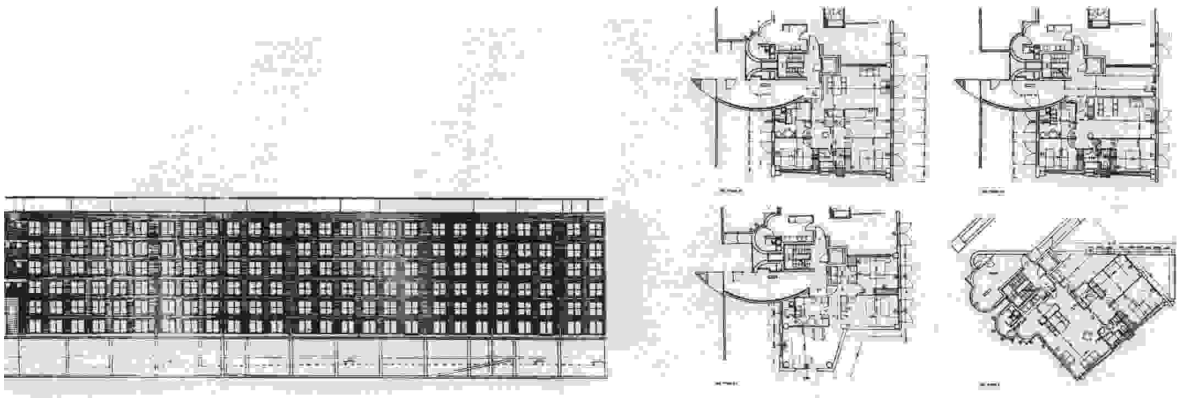
Bohigas propõe um método de atuação sugerindo uma estratégia que denomina de "modo metastático" – metástases benignas – que consiste em ações difusas que atuam como pontos de radiação, focos dispersos que se instalam no tecido, considerado de certo modo como homogéneo, com o sentido de reabilitá-lo.

Neste sentido, a antiga distinção entre o centro e a periferia deixou de ter significado. Bohigas defende que é necessário "monumentalizar a periferia", tentando estabelecer através de projetos urbanos e de ação sobre o espaço público, uma identidade própria, uma memória, um lugar urbano (Solá-Morales, 1990).

Barcelona foi, assim como Berlim, uma das primeiras cidades a introduzir uma política coordenada para o espaço público, operante e eficiente, dentro do novo contexto ideológico dos anos 80. (Caixeta & Frota, 2010)



4 - *Villa Olímpica* - Parque do Litoral da autoria de: Josep Martorell; Oriol Bohigas; David Mackay e Albert Puigdomènech.
Fonte: Bohigas*, O et al*, 1990



5 – *Villa Olímpica* - Vivendas da autoria de: Josep Martorell; Oriol Bohigas; David Mackay e Albert Puigdomènech.
Fonte: Bohigas*, O et al*, 1990

2.2.3 O caso de Veneza

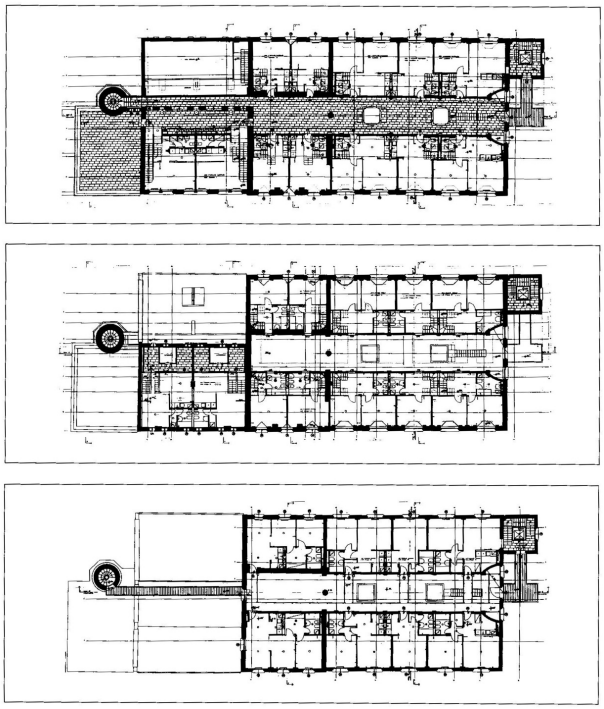
A terceira cidade escolhida é Veneza. A escolha desta cidade surge como contraponto às duas cidades anteriores, já que esta cidade italiana, considerada por vários autores como uma cidade-museu, é um exemplo notável de permanência e de resistência à transformação. De facto, Veneza, herdeira de uma condição de riqueza morfológica, é a cidade da "resistência à modernização", primeiro à renovação renascentista e depois às tentativas de transformação oitocentista e aos movimentos expansionistas da cidade do séc. XIX. Muitos arquitetos como Serlio, Sansovino, Le Corbusier ou Kahn, desenvolveram projetos minuciosamente estudados à procura das causas que levaram a cidade chegue quase intacta até aos nossos dias (embora com problemas de degradação e abandono).

A última grande estratégia de intervenção nesta cidade foi concebida nas primeiras décadas do séc. XX, quando a cidade insular, se tentou modernizar com a construção de uma zona industrial na ilha da Giudecca, com a construção da ponte ferroviária e outras intervenções, impondo assim a própria estratégia de crescimento urbano e alargando as funções tradicionais.

No final dos anos 50, foi elaborado um plano regulador que estabeleceu critérios inerentes ao desenvolvimento de uma cidade sem qualidade, em terra firme e das áreas industriais, e de um impotente imobilismo face à cidade histórica.

Os anos 80 são marcados por uma grande tensão na iniciativa pública das intervenções de restauro nas novas obras. O exemplo da recuperação da ex-fábrica Dreher na Guidecca, para habitação, da autoria de Giuseppe Gambirasio, mantém a arquitetura existente, sem se impor à linguagem preexistente do edifício, alterando o interior, criando uma galeria central, permanecendo a ideia de rua interior, coberta de claraboias que iluminam as fachadas interiores das habitações. O espaço interno, comum à habitação, surge como uma interpretação do sentido do espaço urbano. Os alojamentos integram-se com naturalidade provando a adaptabilidade de formas de habitar, procurando ocasiões para dar abertura ao imaginário (ver fig. 6 e 7).

Em 1993 foi desenvolvida uma política urbanística fortemente inovadora que se propõe **"**reunificar as várias partes da cidade num organismo urbano coerente e funcional, salvaguardando ao mesmo tempo a preciosa singularidade dos lugares, herança de uma história mais que milenária, e o seu funcionamento como suporte de uma cidade normal, local de vida quotidiana e de funções urbanas superiores**"** (D'Agostino, 1996, p.63). Esta política urbanística teve como base o desenho da cidade, com maior incidência na reorganização da acessibilidade e da mobilidade, a caracterização e a construção das novas centralidades urbanas, a recuperação e valorização do ambiente natural e construído e a reorganização e relançamento das atividades produtivas. O centro de Veneza serviria de ligação entre as outras cidades da região através da rede ferroviária e favoreceria a adaptação da mobilidade urbana para os meios de transportes públicos. Do plano consta ainda a desativação das instalações industriais nas margens da laguna sendo reconvertidas em zonas de parques naturais que conjuntamente com a recuperação de áreas livres dentro do tecido histórico, contribuiriam para a valorização da renaturalização, criando um ambiente natural nesta cidade.



6 - Plantas da intervenção na ex-fábrica Dreher na Giudecca do Arq. G. Gambirasio.
Fonte: Revista "Arquitectos" nº 164



7 - Imagens do exterior e interior após a intervenção na ex-fábrica de Dreher.
Fonte: Revista "Arquitectos" nº 164

Capítulo III. A cidade do Porto

3.1 A evolução da forma urbana da cidade do Porto

Para a análise da evolução da forma urbana e do planeamento da cidade do Porto, partiu-se da leitura dos livros "O espaço urbano do Porto. Condições ambientais e desenvolvimento" (Oliveira, 1973) e "A evolução das formas urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX e XX" (Oliveira, 2013).

Da análise ao primeiro livro percebe-se que a cidade do Porto "segue como linhas mestras os velhos traçados viários que, vindos de longínqua data, permaneceram funcionais até aos nossos dias, escoando em direção ao porto e às pontes as riquezas" vindas de diversos pontos do país. O casco histórico foi-se alastrando, enriquecendo as suas atividades, não deixando de se diversificar no seu todo (Oliveira, 1973).

Com base na cartografia histórica (quinze plantas elaboradas nestes dois séculos) o segundo livro descreve a evolução das formas urbanas, bem como dos processos e dos atores que dinamizam a sua transformação. A análise das quinze plantas sugere a existência de três períodos morfológicos (segundo a definição de Conzen, 1960): um período monárquico correspondente às cinco primeiras plantas (1813 - 1865), um período tardo-monárquico e do Estado Novo correspondente às plantas compreendidas entre 1892 e 1960, e um período democrático correspondente às quatro últimas plantas – entre 1978 e 2003.

O período monárquico (1813 – 1865) corresponde à fase inicial da expansão da cidade sustentada pela Rua do Almada e pelas cinco vias de saída da cidade, nomeadamente as estradas para Matosinhos, Viana do Castelo, Braga, Guimarães e Penafiel. O processo de desenvolvimento para o lado poente da cidade é marcado pela implantação de edifícios singulares, marcando o início de uma tendência que se materializa nos anos seguintes. "A organização espacial da cidade é fortemente marcada pelo processo de industrialização e pela consequente necessidade de alojamento operário, satisfeita quase exclusivamente pelas ilhas." (Oliveira, 2013)

Segundo o autor, o período tardo-monárquico e do Estado Novo (1892 – 1960) corresponde à expansão da cidade para norte e ocidente, apoiada em três avenidas: Avenida da Boavista, articulada com as outras duas avenidas - Marechal Gomes da Costa e Antunes Guimarães - e pela Rua da Constituição. A implantação destes quatro eixos foi elaborada, tendo sido instituído o último plano em 1865. O crescimento da cidade é organizado por este conjunto de vias que define novas direções, que suporta grandes frentes de edificado e organiza a criação da malha urbana (ver fig. 8). "O sistema de transportes públicos tem uma importância fundamental na organização espacial da cidade neste período, constituindo o meio que possibilita o afastamento entre a residência e o trabalho." O aparecimento de bairros sociais, edificados com o propósito permanente de erradicação das ilhas e barracas, marcam o tecido urbano da cidade. "Se numa primeira fase estas intervenções correspondem a habitações unifamiliares de um ou dois pisos, as intervenções massivas dos anos 50 e 60 correspondem a grandes bairros compostos por vários edifícios lineares dispostos livremente no terreno" (Oliveira, 2013).

Finalmente, o período democrático (1978 – 2003) (ver fig. 9 a 11) corresponde à construção de infraestruturas de circulação, de corte e destruição do tecido urbano tradicional: a Via de Cintura Interna (VCI), a Avenida da Associação Industrial Portuense (AIP), a Via Norte e as Autoestradas A1, A3 e A4. Este conjunto de vias altera radicalmente a mobilidade, estruturação e organização do tecido urbano do Porto, "apontando por um lado uma nova relação entre a rede viária e o edificado e por outro a integração do tecido urbano num território mais vasto constituído pela Área Metropolitana do Porto. Ao nível dos equipamentos, a cidade é marcada pela construção dos dois novos pólos universitários, pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves e pela implantação do Parque da Cidade" (Oliveira, 2013).



8 - Planta da evolução do espaço urbano da cidade do Porto – arruamentos – desde 1813 até 1973.
Fonte: Oliveira, J., 1973



9 - Planta da evolução do espaço urbano da cidade do Porto – arruamentos – desde 1978 até 1992.
Fonte: Oliveira, V., 2013



10 - Planta da evolução do espaço urbano da cidade do Porto – arruamentos – desde 1992 até 1997.
Fonte: Oliveira, V., 2013



11 - Planta da evolução do espaço urbano da cidade do Porto – arruamentos – desde 1997 até 2003.
Fonte: Oliveira, V., 2013

3.2 O planeamento da cidade do Porto

Ao longo destes dois séculos, um conjunto de Arquitetos e Engenheiros, procuraram planear a cidade, tendo sido elaborados oito planos gerais, desde o Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto do Eng. Correa Barros até à revisão do Plano Diretor Municipal do Arq. Fernandes de Sá.

Seguindo de perto Oliveira (2013), sublinham-se os aspetos essenciais do planeamento, desenvolvidos ao longo deste período e organizando-os em três grupos.

O primeiro grupo composto pelo Eng. Correa de Barros, elaborado em resposta ao Decreto-Lei nº10 de 19 de Janeiro de 1865, refere-se aos Planos Gerais de Melhoramentos, sem ainda uma visão geral da cidade. Este plano debruça-se somente sobre assuntos de estruturação viária e de definição de edificação singular e aponta propostas no sentido de definir os serviços e infraestruturas de higiene urbana.

O segundo grupo, constituído pelos estudos do Eng. Ezequiel de Campos, do Arq. Marcello Piancentini e do Arq. Giovanni Muzio, que mesmo com diferentes propostas, os três planos demonstram uma visão clara e estruturada da totalidade da cidade. Destas propostas, consta uma dimensão regional no planeamento da cidade - introduzida pelo Eng. Ezeqiel de Campos e mais tarde desenvolvida pelo Eng. Almeida Garret - a regulação dos usos do solo assente fundamentalmente em quatro zonas: residenciais, industriais, verdes e desportivas.

Em relação ao sistema viário, verifica-se uma hierarquização das vias de comunicação e encontram-se definidos dois tipos de modelos. Um “modelo em quadrícula”, definido pelo Arq. Marcello Piancentini e um “modelo radial” “complementado por um conjunto de ruas primárias de circulação concêntrica”, definido pelo Eng. Ezequiel Campos.

O último grupo é formado pelos planos do Eng. Almeida Garrett, do Arq. Robert Auzelle, do Arq. Castel-Branco e do Arq. Fernandes de Sá. Estes planos concentram-se na definição do sistema viário e na regulação dos usos do solo – “ainda que a um nível bastante mais complexo do que o apontado pelo Eng. Ezequiel de Campos e pelos arquitetos Italianos” (Oliveira, 2013) - e apontam para a predominância do transporte individual, que se traduz na sobreposição de um conjunto de infraestruturas pesadas à rede viária existente (VCI, AIP, a Via Norte e as Autoestradas A1, A3 e A4).

O Arq. Fernandes de Sá, ao elaborar a revisão do PDM, “define uma estrutura tipológica que se constitui como uma regulação dos usos do solo mais atenta às questões da forma urbana do que à separação funcional, que tantos efeitos perversos introduziu na cidade. O modelo viário subjacente a estes planos aponta para a definição de um conjunto de circulares” (Oliveira, 2013) - correspondem nas propostas do Eng. Almeida Garrett às Grandes Cinturas e às Circulares e do Arq. Robert Auzelle à Circunvalação/Marginal e à VCI – que se complementam com as vias radiais (em Anel) e às Vias Rápidas Urbanas - do Arq. Castel-Branco e a parte da Rede Nacional - do Arq. Fernandes de Sá.

Pela análise desta obra percebe-se que no século XIX as mudanças na malha urbana do Porto foram determinadas pela estratégia urbana definida pela Junta de Obras Públicas ainda no

século XVIII. Percebe-se ainda que os grandes elementos da forma urbana do Porto "surgem muito mais da relação entre iniciativa privada e gestão urbana corrente (a curto prazo)" (Oliveira, 2013) (particularmente quando a cidade é comparada com Lisboa), destacando-se ainda que a estrutura viária fundamental definida pelo Eng. Almeida Garrett, marcou os princípios estruturantes de organização da cidade do Porto.

3.3 O centro histórico do Porto no contexto da reabilitação urbana

Apresenta-se seguidamente um conjunto de estudos que abordam a reabilitação do centro histórico do Porto: o "Estudo estratégico para o enquadramento de intervenções de reabilitação urbana na baixa do Porto", realizado na FEUP (2004) sob a coordenação de Isabel Breda-Vazquez (2004); o "Masterplan, Revitalização urbana e social da baixa do Porto", realizado pela Porto Vivo - Sociedade de Reabilitação Urbana (2005); e ainda o "Sistema de monitorização da qualidade de vida urbana do Porto", realizado pela CMP (2011).

O estudo elaborado pela FEUP é organizado em cinco áreas temáticas e define que para garantir a durabilidade das ações de reabilitação da zona edificada, deve-se ter em conta a "natureza e dimensão dos problemas que contribuem para a "degeneração" da área central da cidade do Porto, provocando a sua progressiva rutura face a padrões de qualidade urbana, e devem, também saber enquadrar os desafios ou os "contextos de oportunidade" que se colocam à cidade e, em particular, à sua zona central, os quais criam condições para a transformação das atuais tendências de "degeneração urbana" (Vazquez et al, 2004).

Para que o processo de reabilitação urbana seja bem-sucedido é importante que reconheça a diversidade de fatores – económicos, funcionais, institucionais, sociais e espaciais – apoiando-se em estratégias e formas de desenvolvimento operacional e atribuindo grande importância à delimitação de "espaços de dinamização da reabilitação urbana".

O "projeto de futuro" para o centro do Porto tem por base um conjunto de "forças estratégicas" desenvolvidas em torno de linhas de intervenção e apostam no bem-estar, na recriação de identidades e no reforço da atratividade, sublinhando a importância da especificidade de cada espaço na articulação com diversos locais do centro do Porto; a importância da habitação numa perspetiva diversificada e inclusiva; a importância da introdução de fatores de inovação; da abertura de diversos modelos, "escalas" e agentes de intervenção e a preocupação com a identificação de articulações estratégicas entre intervenções e os agentes de reabilitação.

Com base no diagnóstico elaborado, através dos indicadores analisados pelo estudo da FEUP, afirma-se que no núcleo histórico do Porto "reside uma população com uma estrutura etária envelhecida, pouco instruída, com fracos níveis de qualificação profissional e com indicadores de desemprego altos". Nas últimas décadas registou-se um número elevado de alojamentos vagos existentes e processos de desocupação e de degradação que manifesta o abandono do núcleo histórico.

Do conjunto de objetivos definidos importa referir os que permitem: “adequar a natureza de Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística (ACRRU) (definidas pelo mesmo estudo) a contextos de “degeneração urbana”; existência de “áreas de dinamização de reabilitação urbana”; conservar a contiguidade de “áreas históricas” e enquadrar as “áreas de frente urbana contínua e consolidada” e conduzir estratégias integradas de intervenção” (Vazquez et al, 2004).

As visões e forças estratégicas constituem um quadro de referências para o enquadramento das intervenções de reabilitação urbana, transformando o centro do Porto num “espaço atrativo para residir, trabalhar, investir e visitar, contribuindo para o reforço da identidade da cidade e para sua projeção no exterior” (Vazquez et al, 2004). As cinco forças orientadoras deste estudo baseiam-se em conceitos que defendem uma cidade socialmente equilibrada e diversificada, garantindo o acesso a equipamentos, serviços, recursos e oportunidades a todos os cidadãos, participando ativamente na cidade, uma cidade que potencie o seu capital relacional, que valorize o seu caráter histórico e riqueza patrimonial, que aposte na educação e qualificação dos cidadãos e que se empenha na promoção de práticas sustentáveis em todos os domínios de atividade, salvaguardando o seu património e ambiente, procurando ser atrativa para os residentes, investidores e visitantes.

Pela necessidade de articular lógicas de intervenção física com necessidades de regeneração social e económica, este estudo organiza algumas linhas de intervenções relacionadas com o centro da cidade. Este deve ser um espaço habitável, integrado numa estrutura social heterogénea, que promove a socialização urbana e crie um local integrador; deve ser um espaço de atratividade e vitalidade, um centro de consumo e da vivência urbana, um centro que identifica a história e identidade da cidade, capaz de surpreender os visitantes, com capacidade de inovação e recuperação urbana. A “recuperação do edificado é um objetivo económico porque contribui para uma melhor eficiência de cidade-competitiva, evidencia um objetivo social porque evita a exclusão e a segregação, objetivo ecológico porque recupera o património e afirma o objetivo cultural porque recria uma identidade urbana”. (Vazquez et al, 2004, p. IV 15/39).

Seguindo ainda de perto o estudo da FEUP, referem que os contextos de dinamização da reabilitação urbana são “áreas de dinamização da reabilitação urbana” (ADRU), definidas por conjuntos de quarteirões ou “eixos de dinamização da reabilitação urbana” (EDRU), definidos por ruas ou avenidas, que devem servir de base às intervenções de reabilitação urbana.

A fundamentação da delimitação de contextos de dinamização da reabilitação do núcleo histórico tem por base a problemática em torno do declínio da presença de uma população mais jovem e com diversos indicadores de problemas sociais importantes relacionados com a falta de qualificação, desemprego e à sobrelotação dos alojamentos.

O estudo desenvolvido pela Porto Vivo SRU (desenvolvido a partir do estudo realizado na FEUP) é um documento de enquadramento e orientação do processo de reabilitação da Baixa do Porto, com objetivos, estratégia e instrumentos operativos, com orientações e procedimentos que se destinam a transformar a realidade atual. Da análise deste estudo importa reter a problemática identificada e os objetivos gerais. Para a SRU o problema fundamental reside na perda de

influência da economia da cidade, na desertificação, no envelhecimento e abandono da população, no estado de conservação dos edifícios, na debilidade e escassez de infraestrutura e na necessidade de coesão espacial. Os objetivos gerais consistem em reabilitar a Baixa do Porto, reforçando a rede social, económica e territorial de forma a produzir capacidade de inovação e investimento; favorecer a cooperação entre os atores e diferentes escalas de território e em diferentes campos de ação (no domínio do setor público e privado); estimular a cooperação e as atenções dos agentes locais, regionais, nacionais e europeus; favorecer ações entre setor público e privado e despoletar projetos exemplares indutores de nova qualidade social e territorial, com caráter pluri-dimensional (projetos integrados e participativos).

O estudo elaborado pela CMP debate a qualidade de vida urbana do Porto e procura facultar a todos os agentes que participam na transformação do centro urbano, um suporte que possa ser útil para o aprofundamento do conhecimento e desenvolvimento de estratégias e de prioridades de intervenção no centro urbano do Porto.

Deste trabalho é importante referir o seu enquadramento conceptual e metodológico. De acordo com a definição adotada pela CMP, qualidade de vida "corresponde a um nível global de bem-estar dos indivíduos que incorpora aspetos relacionados com as condições objetivas em que se desenrola o seu dia a dia, bem como os sentimentos das pessoas face ao seu quadro de vida concreto. (…) um número alargado de dimensões – materiais e imateriais, mas também individuais e coletivas" (CMP, 2011). Como método de estudo adotou-se um modelo analítico que relaciona quatro grandes domínios: as condições ambientais (espaços verdes, clima, ruído, qualidade do ar, água, energia e resíduos); as condições económicas (rendimento e consumo, mercado de trabalho, mercado de habitação e dinamismo económico); as condições materiais e coletivas (equipamentos culturais, desportivos, educativos, sociais e de saúde, edificado, mobilidade, comércio e serviços); e por fim, a sociedade (população, educação, dinâmica cultural, participação cívica, segurança e sociedade da informação).

Dos resultados analisados segundo os diferentes domínios entende-se que para um desenvolvimento sustentável dos territórios, os espaços verdes e o reforço da extensão de ruas arborizadas (condições ambientais) contribuem de forma decisiva, melhorando a qualidade do ar, fornecendo a permeabilização do espaço urbano, ajudando à proteção da biodiversidade, correspondendo também a uma mais-valia em termos ambientais e paisagísticos. Os espaços de usufruto direto e de acesso público – parques urbanos, jardins públicos, espaços verdes de proximidade, etc - são locais de excelência para a prática de atividade física e de lazer, reduzindo a vulnerabilidade das zonas urbanas, e proporcionando benefícios de saúde e bem-estar dos cidadãos.

Um fator determinante para o bem-estar local que se refletiu como resultado negativo neste estudo, e que condiciona o padrão de vida das populações e o acesso a empregos qualificados, é o nível de desenvolvimento económico. Neste aspeto, o estudo da CMP colide com os estudos analisados anteriormente, no entendimento de que pólos de geração do conhecimento, criatividade, inovação, a elevada concentração de instituições, empresas e mão-de-obra, nas

áreas urbanas, se apresentam atualmente como os principais motores do desenvolvimento económico e regional e protagonista no processo de competitividade territorial.

As áreas urbanas, enquanto núcleo de concentração de atividades, desempenham um papel primordial, garantindo o acesso das populações a diversos bens e serviços de natureza variada (condições materiais e coletivas). As condições de mobilidade influenciam decisivamente o quotidiano dos indivíduos na cidade contemporânea, marcada por uma profunda diferenciação funcional e espacial.

No contexto da sociedade, a competitividade territorial numa cidade bem-sucedida é aquela que oferece boas oportunidades aos indivíduos de participarem ativa e plenamente nas suas comunidades. O acesso à cultura e ao lazer, assim como as oportunidades de aprendizagem contribuem para a valorização integral dos cidadãos.

Atualmente, a insegurança tende a ser uma ameaça na vida social, reconhecida como vulnerabilidade das cidades a novos fenómenos e acontecimentos que podem colocar em causa o seu funcionamento e destruir a tranquilidade e confiança das populações. Este problema poderá ser minimizado através da procura de serviços, da expansão e adaptação de rede de equipamentos, garantindo a sua acessibilidade.

Capítulo IV. Uma proposta de intervenção para o centro histórico do Porto

O objetivo fundamental deste projeto é planear uma ação cirúrgica no centro histórico da cidade intervindo pontualmente, em partes específicas do território, criando um "cordão umbilical" que agarre estas pequenas cirurgias e as unifique, definindo assim uma estrutura capaz de dinamizar a zona histórica.

Optou-se por atuar em quarteirões que se identificaram como zonas desprestigiadas - pelo abandono da população, pelo número elevado de edifícios devolutos, pela população envelhecida, pelo baixo nível de instrução, pelo nível de desemprego, etc…, mas que, ao mesmo tempo, possuíssem características morfológicas e relações de proximidade com nexos polarizadores que as tornassem zonas com um grande potencial para a cidade.

Os quatro quarteirões selecionados são o quarteirão D. Lopo, que pertence à freguesia da Vitória, e os quarteirões da Cividade, de Cimo de Vila e do Jardim das Camélias, que pertencem à freguesia da Sé. As formas urbanas destes quatro quarteirões caracterizam-se, maioritariamente, por uma tipologia habitacional mercantilista, em que a matriz medieval domina e preenche integralmente o lote, à exceção do quarteirão do Jardim das Camélias que inclui construções de épocas mais recentes. Todos eles se encontram próximos de zonas de grande interesse turístico, histórico e cultural, consideradas zonas de oportunidade.

4.1 Inquéritos aos residentes e utilizadores da cidade

Porque a cidade se origina da necessidade de contato, comunicação, organização e troca entre homens e mulheres, pensa-se que o princípio que rege o pensamento e a ação do arquiteto na intervenção das cidades, deve nascer do vínculo entre participação ativa e vida dos moradores e utilizadores da cidade. Qualquer que seja a sua escala, a cidade é uma organização viva, dinâmica e com diversas partes em permanente interação. Deste modo, ser cidadão, e morador da cidade, significa ter consciência dos problemas e contribuir para a sua solução, uma vez que são eles quem melhor conhecem o local a intervir.

Assim sendo, tentou-se perceber junto dos moradores e utilizadores da cidade do Porto, quais as suas preocupações e necessidades, para assim poder melhorar a qualidade de vida deste local. Realizou-se um conjunto de inquéritos aos cidadãos, no sentido de perceber as reais carências dos locais a intervir. Os inquéritos foram realizados nos dias 11, 13, 14, 15, 20 e 21 de Maio de 2013, numa amostra de 97 pessoas. Em termos gerais, esta amostra tinha a seguinte composição: 53 pessoas do sexo feminino e 44 do sexo masculino; 2 menores que 15 anos, 6 pessoas com idade entre os 15 e os 30 anos, 57 pessoas com idade entre os 30 e os 65 anos, e ainda 32 maiores que 65 anos; e, por fim, 19 residentes (dos quais 5 estrangeiros) e 78 trabalhadores na área de estudo. O inquérito, para além das questões sociais, e de rotinas diárias, centrou-se na mistura de usos.

Os resultados mostram que a maioria dos inquiridos acha que este local tem grandes potencialidades e que pode oferecer uma melhor qualidade de vida às pessoas. No entanto sentem a falta de investimentos financeiros, de recursos que dinamizem o comércio local e tradicional, de oferta de habitação com rendas baixas e atrativas para jovens e "casais em início

de vida" e mesmo para outras pessoas com interesse em continuar a morar nas suas casas arrendadas, mas que por motivos económicos, veem-se obrigados a abandonar a cidade.

Após a realização dos inquéritos e análise dos resultados obtidos, conclui-se que os moradores e utilizadores do centro histórico do Porto indicam como necessidades prioritárias as atividades económicas, o lazer e a cultura. Referem a inclusão de serviços (principalmente estacionamento de baixo custo, ofertas atrativas para a implementação de locais de trabalho e centros de apoio social), equipamentos desportivos (pontos de manutenção ao ar livre, ciclovia, piscina, ginásio/SPA e campo de jogos), equipamentos culturais (biblioteca, galerias de arte, dança e estruturas para eventos ao ar livre como festivais de música e teatro), comércio tradicional, espaço verde público (parque de lazer com percursos pedonais e parques para crianças), e acima de tudo a necessidade de reabilitar os edifícios para habitação (ver fig. 12).

Quarteirões	A	B	C	D	Total
Nº de Inquiridos	24	25	16	32	97
Equipamentos desportivos					58
Pontos de manutenção ao ar livre		3		4	7
Ciclovia	1	4	1	9	15
Piscina/Ginásio/SPA	3	7	5	6	21
Campo de jogos	2	6		7	15
Equipamentos culturais					28
Galerias de Arte	6	1		2	9
Estruturas públicas para eventos / Festivais				5	5
Biblioteca	1	6	2	5	14
Espaço verde público					57
Parque de lazer com percursos pedonais	10	15	3	19	47
Parque para crianças	2	2		6	10
Reabilitação da habitação	11	14	10	22	57
Comércio tradicional	3	10	11	5	29
Serviços					61
Creche		2			2
Restaurante		5			5
Pastelaria		3			3
Espaços de diversão noturna		2			2
Locais de trabalho			5	3	8
Estacionamento	9	6	2	8	25
ATL	1		2	4	7
Pontos de reciclagem				2	2
Lar/centro de dia	4				4
Urinóis Públicos	1				1
Entrega de compras ao domicilio	2				2

12 - Quadro síntese das respostas ao inquérito da população residente e utilizadora da cidade, para a questão nº 13: *O que faz falta neste quarteirão?*

4.2 Levantamento da zona de intervenção

Quarteirão D. Lopo

O quarteirão D. Lopo é definido a Nordeste pela Rua dos Caldeireiros, a Noroeste pela Rua da Vitória, a Sudoeste pela Rua do Ferraz, e por fim, a Noroeste pela Rua das Flores (ver fig. 13 e 14). Uma parte significativa deste conjunto edificado encontra-se devoluto, sendo que o rés-do-chão, destinado a comércio ou serviços, é o que continua, a manter o carácter deste local. Atualmente residem poucas pessoas neste quarteirão, tendo, a grande maioria dos moradores idade superior a 65 anos.

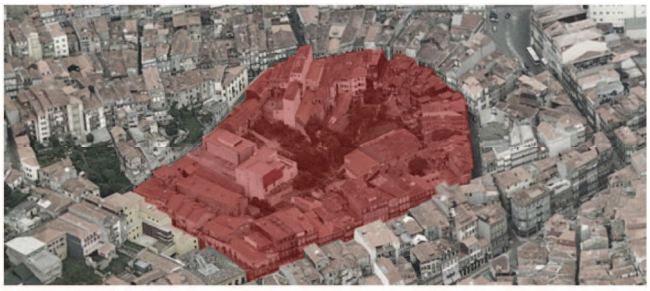
É possível identificar dois casos de sucesso de reabilitação de edifícios, o atelier do Arquiteto Joaquim Massena (Rua dos Caldeireiros, n.º 61) e o Hotel *Vitória Village*. Quando da escrita desta tese, o Hotel, antiga Casa dos Constantinos, com entrada pela Rua da Vitória (n.º 29), estava em obras no sentido do seu prolongamento até à Rua das Flores. A casa dos Constantinos (ver fig. 15), do século XVIII, ocupava um extenso lote, com grandes jardins, estufas, miradouros, pomares e hortas, e para além de confrontar com as duas ruas anteriormente referidas, tinha ainda saída para a Rua dos Caldeireiros por um largo portão (entrada n.º 139), a antiga Porta dos Carros, designação que tinha quando servia o extinto Hospital de D. Lopo. A construção deste hospital, que ocupou a antiga Albergaria Rocamador, com entrada pela Rua dos Caldeireiros (nº 139) de frente para a porta de Santo Elói, estendeu-se para a Rua da Vitória (Oeste) e para a Rua das Flores (Sul), com um interior de pomares e grandes jardins. Mais tarde veio a encerrar dando lugar ao Hospital de Santo António, sendo que hoje se encontram simplesmente alguns vestígios e edifícios “perdidos” no quarteirão (ver fig. 16).

Na Rua do Ferraz encontra-se a capela da antiga casa Brandão e Silva (ver fig. 17), que entretanto também encerrou, servindo hoje de armazém. O edifício conserva ainda no pináculo a cruz e uma pequena sineira de ferro. É ainda possível encontrar as antigas instalações de uma fábrica de papel, que empregou muitas pessoas.

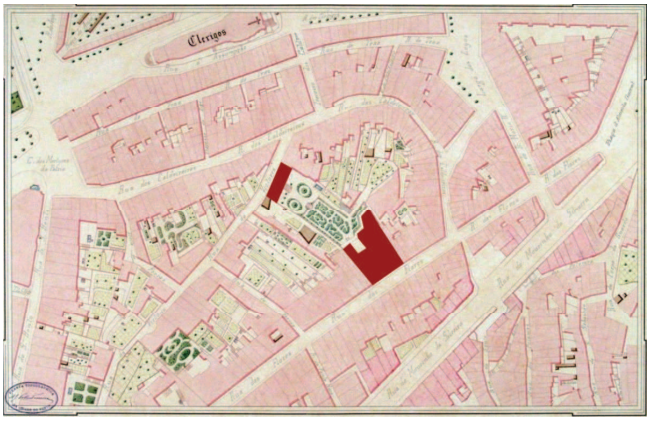
Num sentido muito lato podemos concluir que, atualmente este quarteirão, com forte potencial pela sua localização, relações de proximidade e qualidade do edificado, está praticamente desabitado o que leva a um processo crescente de degradação, sendo urgente intervir para fixar a população residente contribuindo assim para a sua rápida revitalização.



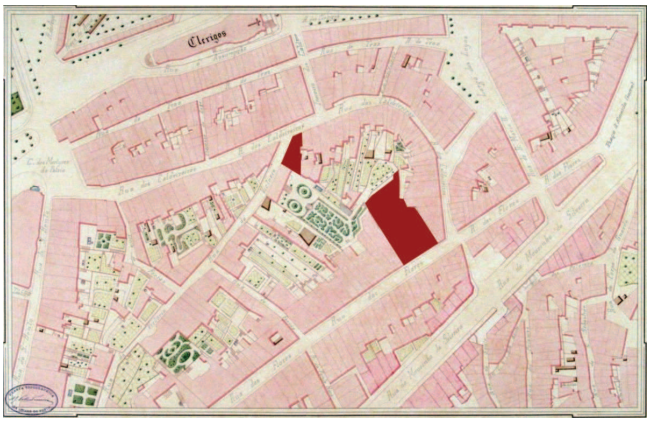
13 – Aproximação ao local de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão D. Lopo* (Sem escala).
Fonte: Cartografia digital – Google Maps



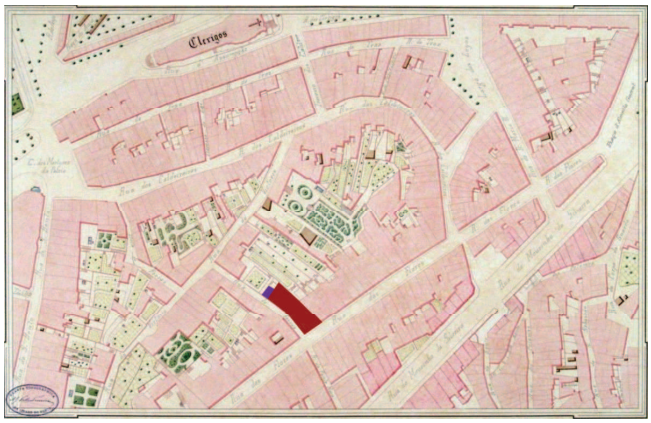
14 – Aproximação à parcela de intervenção – Vista Sul do *Quarteirão D. Lopo* (Sem escala).
Fonte: Cartografia digital – *Bing Maps*



15 – Localização da Casa dos Constantinos (a bordô) e os jardins do interior do lote. Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892- Arquivo Histórico do Porto



16 - Localização de alguns edifícios pertencentes ao antigo Hospital D. Lopo. Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892- Arquivo Histórico do Porto



17 – Localização da Casa Brandão e Silva (a bordô) e respetiva capela (a lilás). Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892- Arquivo Histórico do Porto

Quarteirão da Cividade

O quarteirão da Cividade, é parte do, antigamente designado por Morro do Corpo da Guarda ou Cividade. Esta era a colina mais elevada entre a Praça da Batalha e a Estação de São Bento, e é hoje delimitado pela Avenida da Ponte, Rua do Loureiro e a Rua Chã (ver fig. 18 e 19). Neste antigo morro assistiu-se "a uma densificação da malha urbana, verificando-se desde o período medieval a existência de um apertado casario que marginava a junção da Rua Escura com a Rua Chã, assim como a parte oriental da Rua de S. Sebastião. A zona superior apresentava características de maior ruralidade, destacando-se a existência de hortas e quintais, elementos determinantes no quadro da economia urbana desta época. (…) existia ainda um terreiro público (ver fig. 20), que se veio a denominar Campo da Cividade, Largo da Relação e, mais tarde, do Corpo da Guarda" (Real e Braga, 2001). Este quarteirão mantém-se até meados do séc. XX, quando existe a necessidade de ligar a Ponte D. Luís ao Centro da cidade, começando as obras de demolição em 1948, que alteraram significativamente a forma e estrutura do local, dividindo-o em duas partes.

Atualmente, não há nada que distinga os edifícios destas ruas, das restantes do centro histórico do Porto mas, ao caminhar pela Rua do Loureiro, Rua Chã, Rua Cimo de Vila ou Rua do Cativo, apercebemo-nos que algo de diferente existe.

Com poucos residentes, a maioria são de nacionalidade estrangeira. Este local tornou-se a casa de centenas de imigrantes vindos da Índia, do Paquistão, do Bangladesh, de Marrocos, entre outros países. As roupas penduradas nas portas das lojas assinalam a diferença relativamente às lojas de Portugueses, mais sóbrias mas quase ausentes, existindo apenas alguns oculistas, lojas de eletrodomésticos, um sapateiro e uma ou outra loja antiga.

O conjunto edificado encontra-se maioritariamente devoluto nos pisos superiores, observando-se ainda um edifício em ruínas no gaveto junto à entrada de metro de S. Bento, que hoje acolhe pessoas sem-abrigo e toxicodependentes, tornando-se um local relativamente inseguro.

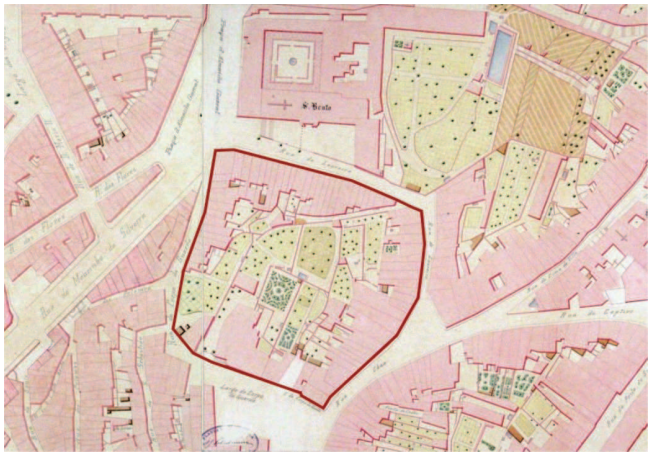
Em suma, podemos concluir que este quarteirão, atualmente habitado maioritariamente por estrangeiros, necessita de uma urgente intervenção, que seja atrativa e que transmita segurança para garantir a fixação de uma população mais diversificada.



18 – Aproximação ao local de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão da Cividade* (Sem escala).
Fonte: Cartografia digital – *Google Maps*



19 – Aproximação à parcela de intervenção – Vista Sul do *Quarteirão da Cividade* (Sem escala).
Fonte: Cartografia digital – *Bing Maps*



20 - Localização do antigo Morro da Cividade (a bordô). Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892-
Arquivo Histórico do Porto

Quarteirão do Cimo de Vila

Continuando a subir a Rua do Loureiro em direção à Rua Cimo de Vila, deparamo-nos com o mesmo cenário descrito no anterior quarteirão. Os imigrantes trouxeram preços baratos, obrigando as lojas a "adaptarem-se" - esta é de facto uma zona procurada por ser vista como "barata" com as vantagens de estar no centro da cidade. Na Casa Crocodilo (há mais de 50 anos a vender cabedais e solas) o funcionário diz-nos que não há convivência entre portugueses e estrangeiros, afirmando que: "Eles estão no canto deles e nós no nosso. Vivem em núcleos muito fechados". Outros relembram estas ruas de um modo "muito diferente" e têm uma visão negativa da situação atual. Percebe-se que existe a necessidade de voltar ao comércio tradicional, de integrar serviços que gerem atratividade e economia e de atrair Portugueses para habitar naquelas ruas, promovendo a mistura e a diversidade.

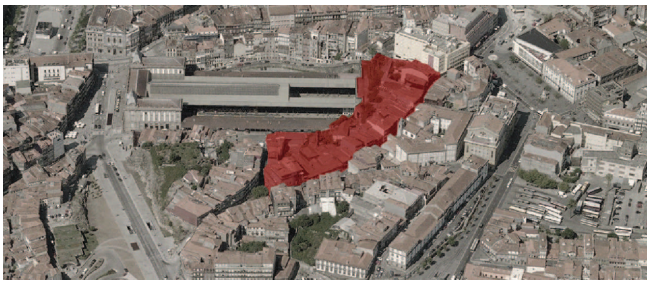
O casario do lado esquerdo, delimitado pela Rua do Loureiro (a Poente), pela Rua Cimo de Vila (a Sul e Nascente) e pela Estação de São Bento (a Norte), preserva no seu interior as instalações de uma antiga serralharia que hoje se apresenta em ruínas (ver fig. 21 e 22).

O interior do quarteirão que no passado se destinava a hortas, jardins e miradouros (ver fig. 23), esconde o jogo altimétrico vencido por estreitas escadas, entre arbustos e arvoredo, evidenciando pouca utilização. É de referir a importância da existência do *Hotel Mercure* junto à Praça da Batalha, que de alguma forma atrai os turistas para este local.

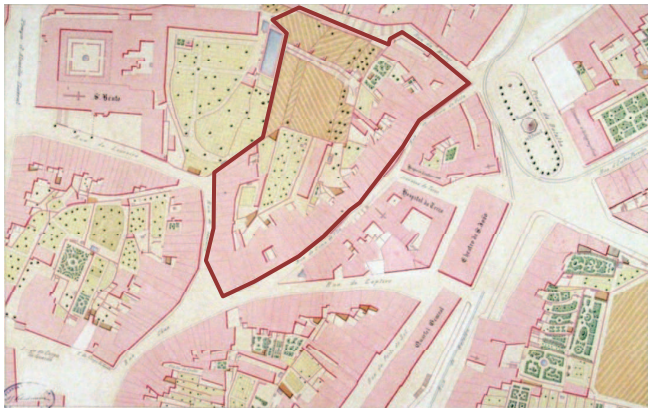
Pode-se concluir que este quarteirão necessita de uma estratégia de intervenção que requalifique o conjunto edificado e o espaço exterior, permitindo a sua permeabilidade e assumindo um papel importante de interligação com a envolvente, dinamizando assim esta zona.



21 – Aproximação ao local de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão Cimo de Vila* (Sem escala).
Fonte: Cartografia digital – *Google Maps*



22 – Aproximação à parcela de intervenção – Vista Sul do *Quarteirão Cimo de Vila* (Sem escala).
Fonte: Cartografia digital – *Bing Maps*



23 - Localização do Quarteirão Cimo de Vila. Extrato da planta de Telles Ferreira, 1892- Arquivo Histórico do Porto

Quarteirão do Jardim das Camélias

Continuando o percurso que unifica estes quarteirões, chegamos ao quarteirão do Jardim das Camélias. Este quarteirão é delimitado a norte pela Rua Alexandre Herculano, a sul pela Rua do Sol, a nascente pela Rua Duque de Loulé e a poente pela Rua Augusto Rosa (ver fig. 24 e 25). Insere-se num local de grande relevância, pela singularidade da malha urbana constituída por tecidos cuja diversidade lhe é conferida pelo suporte físico onde assenta, pelo seu processo histórico de formação e ainda pelas diferentes culturas urbanas que lhes estão associadas.

No passado, por trás dos muros das casas, adivinhavam-se parques cheios de árvores corpulentas ou de sombrios arbustos, vestígios das quintas cultivadas por cidadãos abastados (ver fig. 26). Estes parques vieram mais tarde a dar lugar a um equipamento desportivo com entrada pela Rua Alexandre Herculano, através de uma estreita passagem, que ainda hoje se mantém.

Atualmente encontramos um quarteirão fragmentado, dividido em dois conjuntos edificados correspondendo a diferentes épocas de construção, sendo a zona que confronta com a Rua do Sol, a que apresenta características de habitação mercantilista, de matriz medieval. No geral, o conjunto edificado encontra-se ocupado por comércio e serviços, à exceção da Rua do Sol que se encontra praticamente devoluta, persistindo poucas habitações e poucos serviços (ver fig. 27). No gaveto definido por esta rua e pela Rua Duque de Loulé encontramos um edifício em ruínas, que encerrou as suas aberturas para evitar o vandalismo.

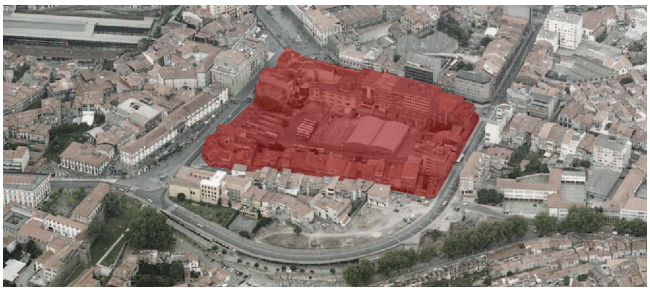
Percebe-se que começam a desenvolver-se iniciativas de jovens artistas que ocupam o rés-do-chão e o transformam, com recurso a materiais reciclados e à criatividade, desenhando assim o início das suas carreiras. É o caso do edifício n.º 172 da Rua do Sol, que alberga, no rés-do-chão (um antigo armazém), o local de trabalho de jovens recém licenciados da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

O interior do quarteirão é ocupado por uma central de autocarros e pelas instalações do Sport Clube Vasco da Gama.

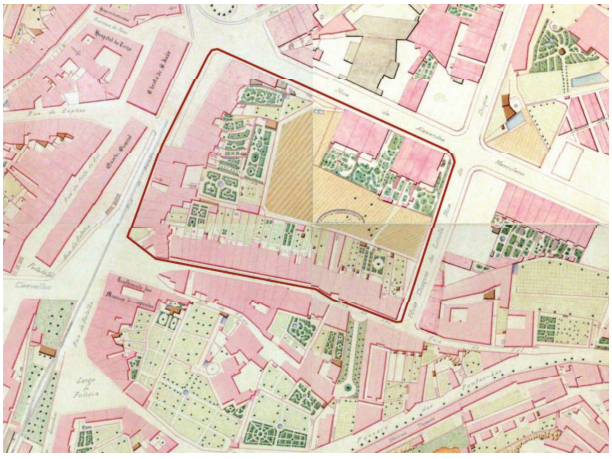
Este quarteirão, é maioritariamente ocupado por serviços e comércio e tem uma forte relação de proximidade com a cidade. Necessita de uma estratégia de intervenção que atraia as pessoas, no sentido da sua fixação e que promova a dinamização deste local.



24 – Aproximação ao local de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão Jardim das Camélias* (Sem escala).
Fonte: Cartografia digital – *Google Maps*



25 – Aproximação à parcela de intervenção – Vista aérea com a localização do *Quarteirão Jardim das Camélias* (Sem escala).
Fonte: Cartografia digital – *Bing Maps*



26 - Localização do quarteirão Jardim das camélias. Sobreposição de extratos da planta de Telles Ferreira, 1892-
Arquivo Histórico do Porto



27 - Planta de enquadramento geral. Levantamento da situação existente.
Escala 1/5000

LEGENDA:

Limite da área de intervenção

A - Quarteirão D. Lopo

B - Quarteirão da Cividade

C - Quarteirão de Cimo de Vila

D - Quarteirão do Jardim das Camélias

Habitação

Habitação e comércio

Habitação e Serviços

Serviços

Equipamento

Comércio

Comércio e Serviços

Edifício devoluto

Edifício em ruína

Edifício em obra

Comércio tradicional e artesanto

Bares e cafés

4.3 Memória de intenções

A ideia principal da intervenção nestes quarteirões passa por reabilitar todo o conjunto edificado devoluto, devolvendo-lhes o seu caráter funcional. Não é, no entanto, prioritário manter na íntegra a sua pré-funcionalidade, visto que, como refere Francisco Barata, os edifícios do Porto, têm a particularidade de se adaptarem a novas funções.

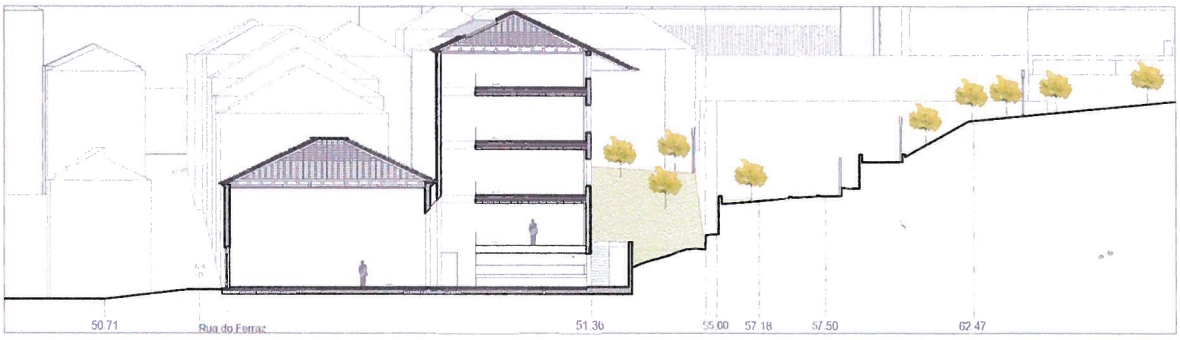
Propõe-se que os edifícios periféricos de todos os quarteirões se destinem a habitação, comércio ou serviços, estabelecendo critérios de arrendamento em propriedade horizontal, oferecendo diferentes produtos para diferentes pessoas. Todos os edifícios que se encontrem devolutos, com carácter industrial, tipologia diferenciada dos restantes, ou em ruínas, serão utilizados para integrar equipamentos e serviços que respondam às necessidades dos residentes e utilizadores da cidade.

A intenção fundamental é intervir sem descaracterizar, valorizando os edifícios, "atribuindo-lhes" atividades e simultaneamente criando zonas verdes no interior dos quarteirões que unifiquem todo este espaço, permitindo o seu atravessamento e estabelecendo uma relação de proximidade com os outros espaços urbanos.

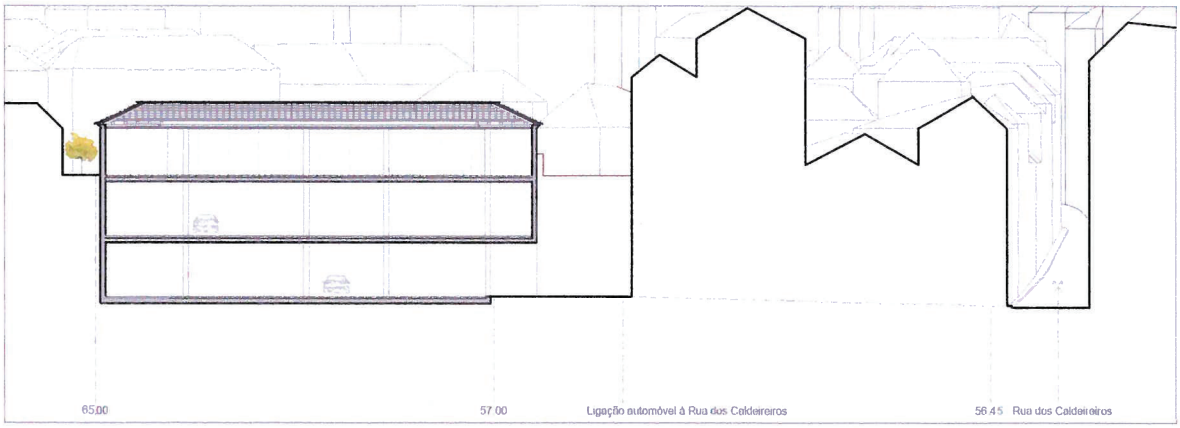
Será definido um percurso de caráter pedonal, arborizado, integrando uma ciclovia e uma linha da rede do elétrico. As restantes ruas terão, se tal se justificar (com base nas necessidades da população e do local de intervenção) um novo perfil.

Quarteirão D. Lopo

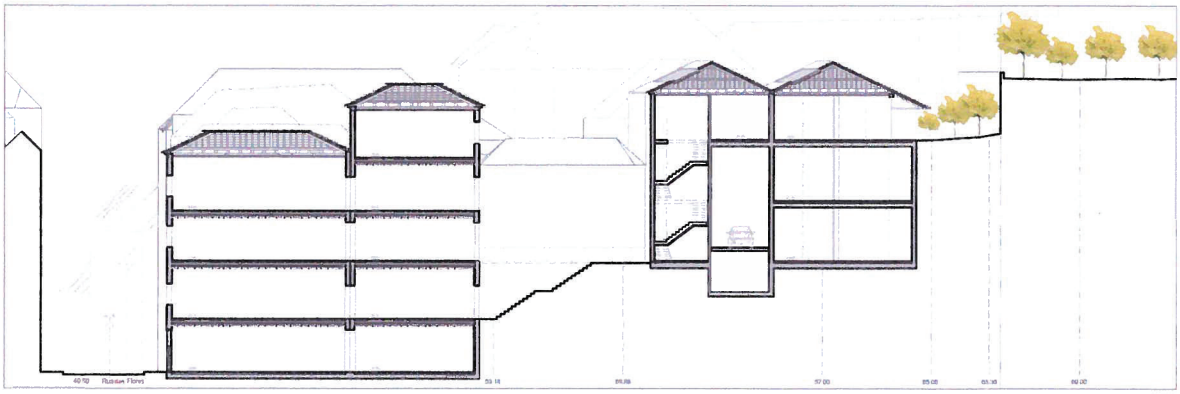
No Quarteirão D. Lopo pretende-se utilizar a capela existente como ponto de atração, ("abrindo as portas") e sem lhe devolver o caráter funcional na sua totalidade, recuperá-la como local de culto e reflexão…consentindo a passagem para o interior do edifício contíguo, atravessando-o, permitindo chegar ao interior do quarteirão. Sem descaracterizar a linguagem do edifício, bem como do seu espaço interior, propõe-se a reabilitação, mantendo a traça original - o edifício 'despido' de decorações, introduzindo unicamente a presença de luz natural, marcando a sua centralidade, definindo um ponto de transição entre os edifícios, afirmando a noção de presença (divina/atravessamento). Esta luz chegará através das claraboias existentes na antiga fábrica de papel, que será agora um local dedicado à arte. A luz descerá por entre um jogo de mezaninos, podendo afirmar-se e acentuar o seu prolongamento até ao interior do quarteirão (ver fig. 28). Este espaço da antiga fábrica será aproveitado para trabalhar em parceria com instituições ligadas às artes e servirá para albergar espaços expositivos e de trabalho. Pretende-se manter a linguagem e o sistema estrutural do edifício, libertando o interior. Pretende-se estabelecer critérios de arrendamento partilhado (para jovens em início de carreira). O rés-do-chão será destinado para um bar/cantina e espaços de arrumos. Os pisos 1 e 2 serão destinados a locais expositivos e os dois últimos pisos a locais de trabalho, uma vez que pela sua cota altimétrica estabelecem uma notável relação com o exterior, servindo de moldura para belas "obras de arte" sobre a paisagem do Porto.



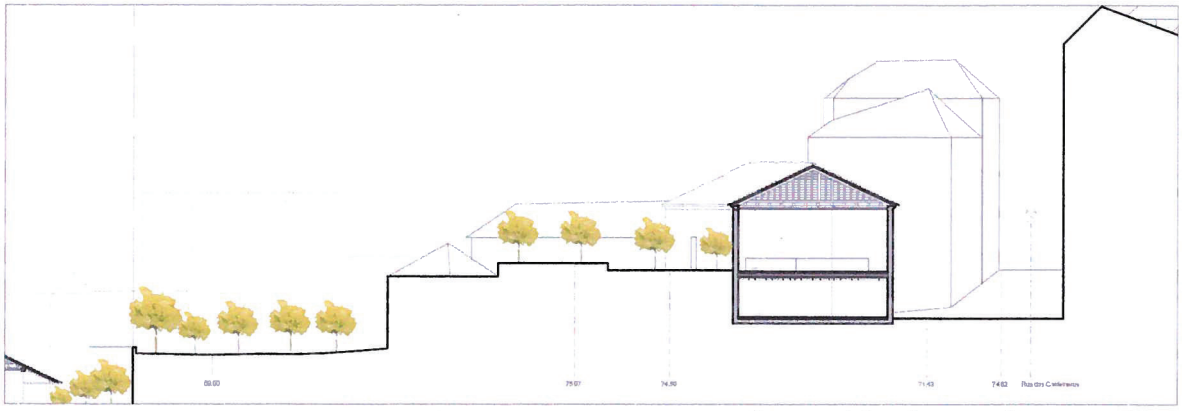
28 - *Quarteirão D. Lopo* - Proposta arquitetónica para reabilitação da capela e antiga fábrica de papel para edifício de serviços.
Extrato do perfil P2 - escala 1/500



29 - *Quarteirão D. Lopo* - Proposta arquitetónica para reabilitação de edifício destinado a estacionamento e zona de bar.
Extrato do perfil P2 - escala 1/500



30 - *Quarteirão D. Lopo* - Proposta arquitetónica para reabilitação de edifícios destinados a serviços - relação com o exterior.
Extrato do perfil P4 - escala 1/500



31 - *Quarteirão D. Lopo* - Proposta arquitetónica para reabilitação de edifício destinado a associação de terceira idade.
Extrato do perfil P4 - escala 1/500

Ainda neste quarteirão, requalificando os edifícios dispersos que restam do antigo Hospital D. Lopo, aproveita-se o acesso automóvel existente (n.º 43) que liga a Rua dos Caldeireiros ao edifício situado mais a sul no interior do quarteirão, criando um estacionamento nos pisos inferiores (ver fig. 29), libertando o último piso para uma zona de bar, estabelecendo uma relação com o espaço exterior a uma cota mais elevada, tendo o privilégio de usufruir de uma vista sobre a cidade e o rio, recuperando assim os antigos miradouros aqui existentes (ver fig. 30). Requalifica-se também um edifício que confronta com a Rua das Flores, para serviços, permitindo o atravessamento para o edifício de estacionamento.

Propõe-se que o estacionamento tenha um sistema que atraia os utilizadores da cidade a permanecerem mais tempo no centro histórico e a usufruírem dos percursos pedonais e ciclovias.

Num outro edifício - que pertencia ao Hospital, no lado da Rua da Vitória - propõe-se a inclusão de um centro para receber pessoas de terceira idade (a maioria dos habitantes são idosos). Este edifício, ao nível do andar superior, relaciona-se com o interior do quarteirão permitindo às pessoas usufruir do espaço verde, com locais de lazer e descanso, como um prolongamento do espaço urbano (ver fig. 31).

Percorrendo a Rua das Flores, a converter em espaço pedonal com ciclovia e rede de elétrico, pontuada por árvores para criar sombra às esplanadas de rua que se afirmam como um prolongamento dos espaços interiores dos lotes, chegamos até ao próximo local de intervenção, o Quarteirão da Cividade.

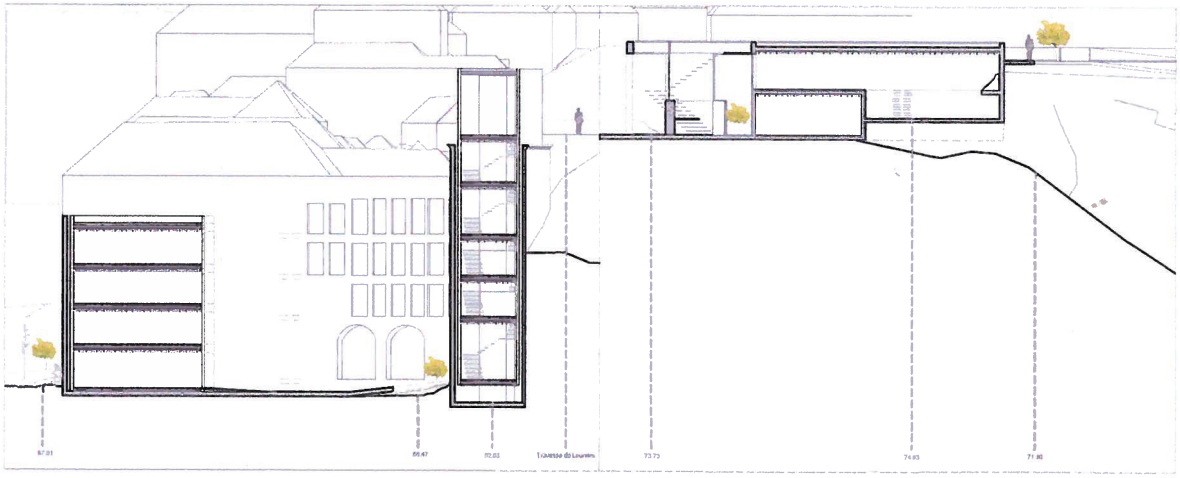
Quarteirão da Cividade

Neste quarteirão (à semelhança do primeiro) pretende-se: i) requalificar todos os edifícios devolutos para habitação, comércio e serviços; ii) deixar, no interior, a área livre, integrando uma zona desportiva com ginásio, SPA e campo de jogos (ver fig. 32). Para a implantação deste equipamento, aproveita-se a topografia existente, com um desnível de cerca de quatro metros. O SPA é integrado na zona da escarpa do lado Poente (deixada aquando da abertura da Avenida da Ponte), deixando-se assim definir pela pré-existência, permitindo que esta 'entre e desenhe o espaço interior". Esta zona será então inserida nas rochas, permitindo que os utilizadores desfrutem da paisagem poente da cidade do Porto (ver fig. 33).

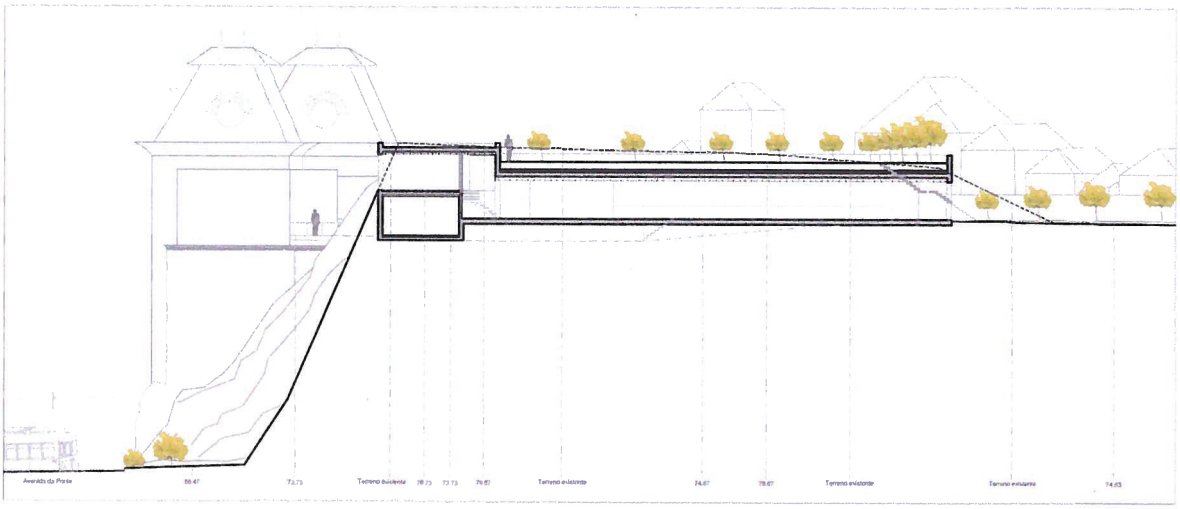
O ginásio será inserido no lado nascente virando-se para a zona do campo de jogos, a uma cota inferior, aproveitando a luz nascente para iluminar o seu interior.

O campo de jogos, destinado às crianças, fica contido pelo edifício do ginásio e pelo casario do próprio quarteirão. Todo este "miolo" será destinado a zona verde, com percursos pedonais e zonas de lazer e estar, assumindo-se como um grande miradouro sobre a cidade.

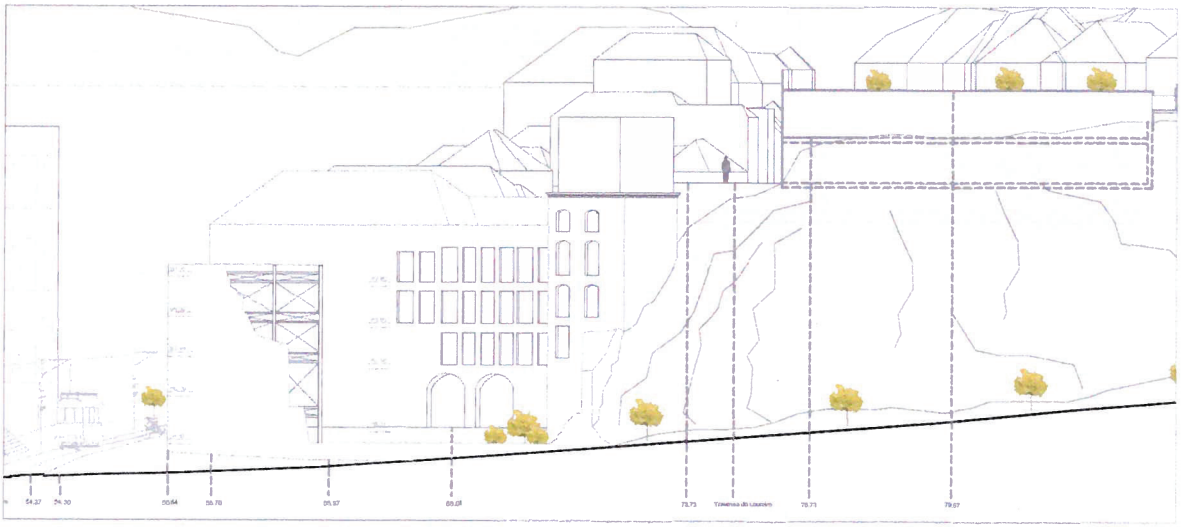
O acesso a este espaço será feito por três locais. Primeiro, pela Travessa do Loureiro, através de escadas existentes a meio da rua ligando à cota do terreno do campo de jogos, ou então, no fim da Travessa do Loureiro, com entrada pelo edifício do ginásio. Segundo, pela Rua Chã, através de plataformas rampeadas que ligam as duas cotas, o campo de jogos e a zona de



32 - *Quarteirão da Cividade* - Proposta arquitetónica para a integração de serviços e equipamento desportivo.
Extrato do perfil P2 - escala 1/500



33 - *Quarteirão da Cividade* - Proposta arquitetónica para integração de SPA, ginásio e campos de jogos.
Extrato do perfil P3 - escala 1/500



34 - *Quarteirão da Cividade* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edícios e integração de equipamento desportivo.
Extrato do perfil P1 - escala 1/500

cobertura do ginásio. Terceiro, pelo edifício em ruínas, que se destinará a serviços com uma zona de acessos verticais até à zona do ginásio. Este edifício será definido por três volumes. Dois deles encontram-se atualmente em ruínas. O terceiro está ocupado ao nível do rés-do-chão, tendo os restantes pisos devolutos. Propõe-se a recuperação dos três edifícios, mantendo a traça original.

Este edifício que atualmente se encontra num estado avançado de ruína, define o gaveto entre a Rua do Loureiro e a Avenida da Ponte, e está suportado por uma estrutura metálica. Pretende-se intervir, deixando o caráter de ruína sem "ferir" e descaracterizar o existente, e aproveitar a estrutura metálica, inserindo um novo volume, deixando-o ser o reflexo, através do vidro, da pré-existência. Ao entrar pela Rua do Loureiro encontramos um interior definido por pisos em madeira, aço e vidro, oferecendo um espaço de estar, de convívio, mas que anuncia sempre a "reminiscência" (ver fig. 34) Através dos grandes vãos em vidro, obtém-se uma relação direta com os pátios exteriores, que permitem o prolongamento do seu interior. Os pisos superiores do edifício, que se encontram devolutos, são reservados para salas de refeições e têm uma relação com o espaço interior/exterior que estabelece a passagem entre os volumes. Esta passagem é feita por um átrio que aproveita o alçado "despido" e cheio de aberturas, num jogo de mezaninos, deixando que as pessoas ao percorrerem este espaço consigam, em todos os pisos, debruçar-se sobre os pátios e sobre a cidade. A existência de um muro do lado poente garantirá a privacidade das pessoas nos pátios, e ao mesmo tempo, pelos seus atravessamentos visuais, atrairá as pessoas que passam na rua, convidando-as a entrar.

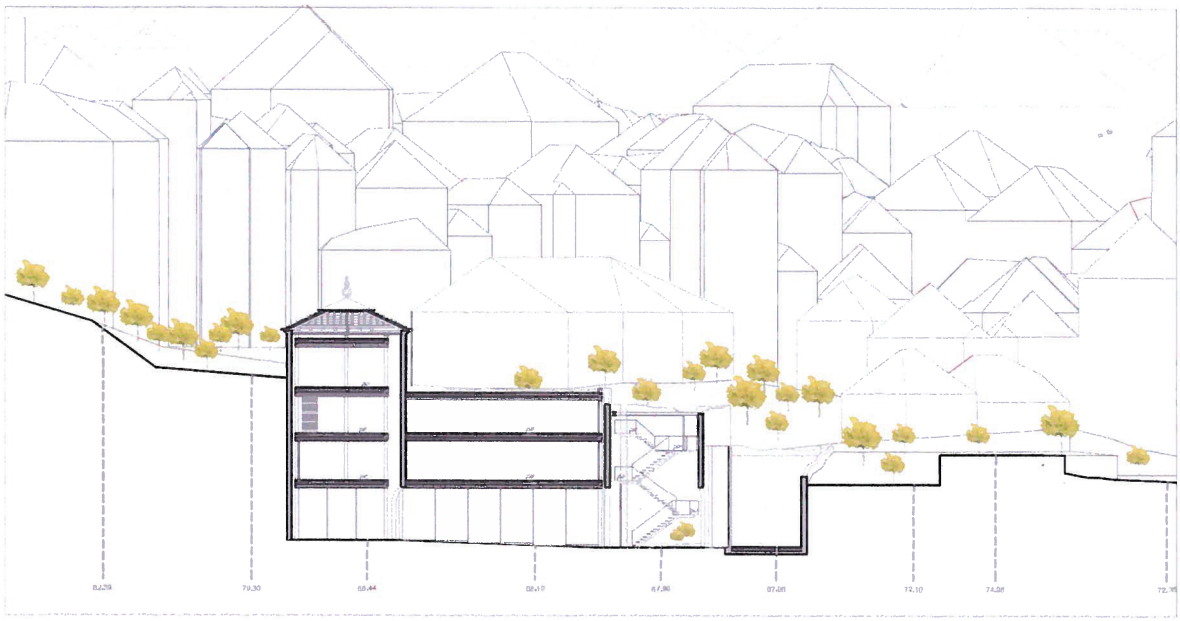
Todo este conjunto edificado, mesmo com a introdução de novos objetos arquitetónicos, mantém a linguagem existente, sem dissimular a paisagem e ao mesmo tempo oferecendo espaços de qualidade que se integram sem se impor.

Quarteirão de Cimo de Vila

Subindo em direção ao terceiro quarteirão, pela Rua do Loureiro, somos convidados a entrar, pela abertura "cedida" pelo pequeno edifício em forma trapezoidal, que entretanto deixou de existir, para criar permeabilidade para o espaço interior.

Ao entrar no quarteirão, seguindo a continuidade da Estação de S. Bento, uma antiga serralharia abre-se ao nível do rés-do-chão, sendo também este edifício permeável, deixando as pessoas atravessá-lo para usufruírem do restante espaço verde que continua, por entre socalcos, até à Rua da Madeira. Este edifício será recuperado, deixando inalterada a sua arquitetura, introduzindo unicamente uma estrutura em aço e madeira, que sem lhe tocar, oferecerá espaços diversos dedicados a jovens e crianças (ver fig. 35).

Serão definidas salas de estudo, espaços de internet, uma biblioteca e um ATL. Do lado da Rua de Cimo de Vila, encontramos uma outra entrada que nos faz chegar até uma zona verde, destinada a um jardim para as crianças que frequentarem o ATL (ver fig. 36). A integração do ATL neste local permitirá que as pessoas que chegam ao Porto pela manhã através do metro, do comboio ou de autocarros, possam deixar as crianças de forma descansada deslocando-se em



35 - *Quarteirão de Cimo de Vila* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifícios e integração de serviços e ATL.
Extrato do perfil P2 - escala 1/500



36 - *Quarteirão de Cimo de Vila* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifícios e integração de serviços e ATL.
Extrato do perfil P3 - escala 1/500

seguida para o local de trabalho e regressando no final do dia, possam ir buscar as crianças tranquilamente e seguirem o seu destino.

Pretende-se que a criação destas zonas verdes, com ciclovias, percursos pedonais e espaços de lazer, possa atrair turistas, instalados nos hotéis próximos, convidando-os a entrar. As pessoas que frequentam a Estação de São Bento facilmente se aperceberão do que se passa no interior deste quarteirão, pelo que deverão passar a percorrer e a frequentar estas zonas de novos espaços de estar, de lazer, de serviços e de comércio – o que terá também um impacto ao nível da economia e da segurança.

Quarteirão do Jardim das Camélias

Continuando pela Rua do Cativo até ao Teatro de S. João, deparamo-nos com um conjunto edificado, que em ritmos de cheios e vazios, se dispõe de forma a convidar as pessoas a entrar no Jardim das Camélias. Este jardim encontra-se na proximidade de monumentos de grande relevância, o Teatro de S. João, a Igreja de Santo Ildefonso, o Cinema Batalha, o edifício do Governo Civil, a Capela dos Alfaiates, a Universidade Lusófona do Porto, o antigo Palácio dos Condes de Azevedo, e o Mosteiro de Santa Clara.

Como no Quarteirão da Cividade onde se propôs a introdução de novos objetos, de forma "dissimulada", aqui propõe-se construir somente para consolidar a frente edifciada. Propõe-se a consolidação do quarteirão através da construção de edifícios destinados a habitação, comércio e serviços no alçado nascente e poente do quarteirão, deixando o interior como um "vazio" de tal forma intenso que seja ele próprio forma, tornando-se num dos raros momentos em que a cidade se contempla a si própria ou a complexa natureza sobre a qual cresceu, e se transforma num observatório inesperado.

Todo o "miolo" do quarteirão se destina a um grande espaço verde temático, definido pelo casario e por dois percursos que definem diferentes zonas (de socialização, de lazer, de desporto, entre outras). Aqui a relação entre os espaços públicos e privados é muito próxima. A topografia natural é o suporte base para a construção deste espaço, acolhendo um anfiteatro natural para festivais de música ou teatro ao ar livre. A topografia permite também que estes dois percursos abracem um equipamento integrado no terreno (que substituirá o equipamento desportivo existente) rasgando-o para definir de forma subtil a sua entrada (ver fig. 37).

Para a análise do local e materialização da proposta consideraram-se três elementos importantes i) a topografia, que é o suporte base para qualquer construção; ii) o espaço público, no que respeita ao sistema viário e outros locais próximos; e por fim, iii) o conjunto edificado existente, na relação com os edifícios e espaço público. Todas as intervenções no interior do quarteirão convergem no sentido de o interior permeável, sendo localizadas estrategicamente permitindo a emergência de diferentes temáticas e interesses.

Propõe-se a construção de oito edifícios, sete do lado poente e um do lado nascente. Utiliza-se um módulo que repete as dimensões do lote existente e mantém as características de habitação e comércio ou serviços. Do lado da Rua Augusto Rosa, seis edifícios são destinados a

habitação e comércio no rés-do-chão e um edifício no lado Norte (que assume a forte presença do Teatro de São João e se deixa definir indicando a entrada para o interior do quarteirão) para é destinado a serviços. Propõe-se a criação de habitação plurifamiliar, oferecendo diversas tipologias com rendas atrativas.

A forma repetida do "lote", concebida através de uma métrica, define um ritmo e assume um caráter de "continuidade" com a cidade, tanto na definição dos edifícios através da comunicação entre os existentes como na afinidade que estabelece com o interior do quarteirão Estes edifícios definem uma relação de alçado mais fechada para a rua e mais aberta para o interior do quarteirão.

Cada edifício marca a sua entrada principal pela Rua Augusto Rosa ou pela Rua Duque de Loulé, deixando as laterais, ao nível do rés-do-chão, para comércio, relacionando-se com os percursos de atravessamento. Os acessos às habitações são feitos por um núcleo central que serve dois volumes, com um esquema de acessos esquerdo/direito, através de um jogo de escadas que se sobrepõem, alternando entre escada comum e privada.

O seu desenvolvimento vertical e a sua planta livre assumem a pretensão de edifícios de carácter habitacional, onde o núcleo vertical de circulação caracteriza o espaço, deixando a luz penetrar e dar vida ao interior da casa. Esta luz vinda de cima, reflete-se e dilui sobre a casa, unificando-a numa reinterpretação contemporânea da arquitetura tradicional.

No interior a relação do espaço social e privado é feita através de um pátio interior e, quando se trata de um duplex, o piso inferior destina-se à zona social e o piso superior à zona privada (ver fig. 38).

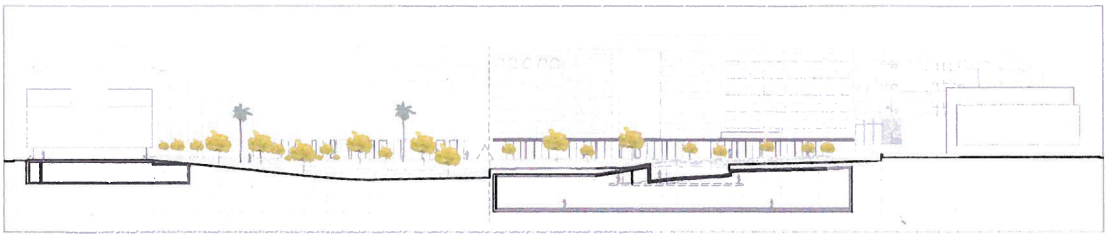
A intervenção neste quarteirão passa também pela reabilitação de um antigo palacete, recuperando a sua beleza, mantendo os espaços existentes, acolhendo uma residência temporária para artistas. Este local relaciona-se com o interior do quarteirão e usufrui das galerias para expor os trabalhos que nele sejam criados (ver fig. 39)

A ruína que se encontra no gaveto definido pela Rua do Sol e pela Rua Duque de Loulé, prepara-se para receber uma residência de estudantes, que se justifica pela proximidade com diversas instituições universitárias. Á semelhança dos quarteirões anteriores, a intenção é preservar a preexistência e inserir uma nova estrutura que aceita a ruína deixando-se refleti-la, afirmando assim a sua importância (ver fig. 40).

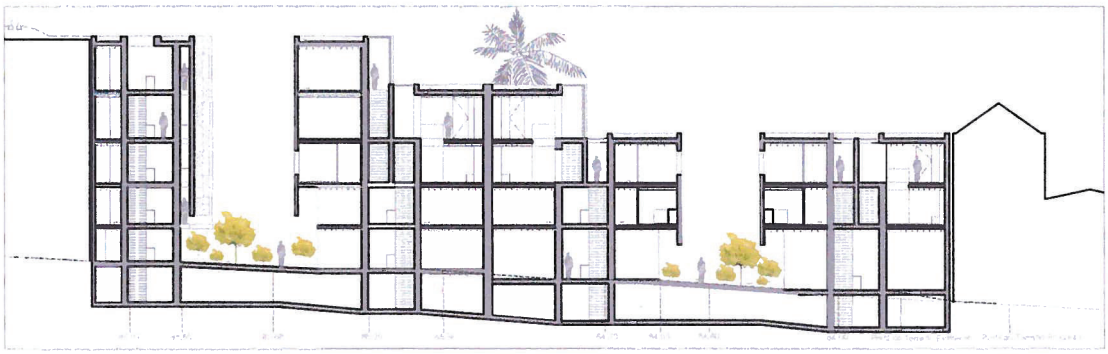
Como nos quarteirões anteriores, propõe-se a reabilitação de todos os edifícios devolutos destinados a habitação e comércio ou serviços e a requalificação das fachadas interiores do quarteirão, estabelecendo uma relação direta entre o espaço público e privado, permitindo que os moradores entrem nas suas casas por esta nova frente. A topografia molda de forma subtil e pontual esta nova ligação.

Ao nível do sistema viário, propõe-se a conversão da Rua Augusto Rosa em zona pedonal.

O "percurso" definido ao longo da proposta termina no Jardim das Camélias, neste espaço verde que dará certamente um sólido contributo para a dinamização da cidade.



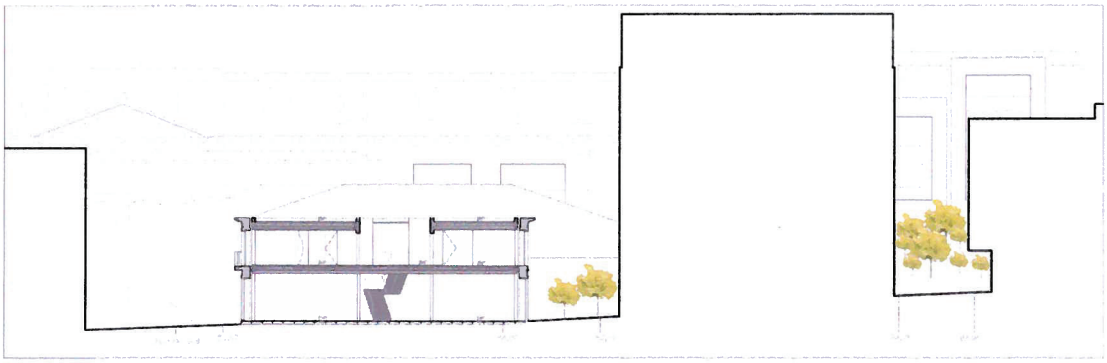
37 - *Quarteirão do Jardim das Camélias* - Proposta arquitetónica para a consolidação do quarteirão com a integração de habitação, comércio e serviços, espaço verde e equipamento.
Perfil P1 - s/ escala



38 - *Quarteirão do Jardim das Camélias* - Proposta arquitetónica para a integração de edifício de habitação, comércio e serviços.
Corte longitudinal C1 - 1/ 500



39 - *Quarteirão do Jardim das Camélias* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifício destinado a residência temporária de artistas. Extrato do perfil P3 - 1/500



40 - *Quarteirão do Jardim das Camélias* - Proposta arquitetónica para a reabilitação de edifício destinado a residência de estudantes.
Extrato do perfil P3 - 1/500

Capítulo V. Considerações finais

As conclusões deste estudo ambicionam ser, agora e no futuro, uma ferramenta útil de auxílio ao processo de reabilitação urbana em centros históricos, e de apoio às metodologias construtivas, conceptuais e programáticas que fazem parte deste tipo de intervenção urbana.

Para intervir na dimensão física de uma cidade, sem que haja perda da sua identidade, é necessária uma cuidada análise tipo-morfológica, o conhecimento das características do conjunto edificado, da sua estrutura e do seu processo de transformação, dos tipos de habitação e da relação que cada um destes estabelece com a cidade. É importante ter os modelos urbanos mais adequados, envolvendo uma visão mais alargada da cidade e a procura da história da cidade construída e das regras que contribuem para a sua urbanidade, criando assim um fio condutor, inserindo uma nova proposta num processo coletivo de construção urbana.

Numa análise do contexto europeu, baseada no estudo das cidades de Barcelona, Berlim e Veneza, identificaram-se os princípios fundamentais de intervenção na cidade tradicional. Sublinhou-se a importância decisiva da prévia identificação dos elementos morfológicos estruturantes de cada cidade.

A forma urbana da cidade do Porto foi evoluindo segundo as linhas mestras dos antigos traçados viários - que, em larga medida, permanecem funcionais até aos nossos dias. As grandes mudanças na malha urbana do Porto do século XIX foram determinadas pela estratégia urbana definida pela Junta de Obras Públicas no séc. XVIII. A partir de então, os elementos fundamentais da forma urbana do Porto surgem da relação entre iniciativa privada e gestão corrente (de curto prazo). A única exceção relevante será, porventura, a estrutura viária fundamental definida pelo Eng. Almeida Garrett que marcou os princípios estruturantes da reorganização da cidade do Porto.

No contexto da reabilitação urbana no centro histórico do Porto, percebeu-se que para garantir a durabilidade das ações de reabilitação da zona edificada é necessário ter em conta a natureza e dimensão dos problemas que contribuem para a degeneração da área central da cidade. É necessário saber enquadrar os contextos de oportunidade, os quais criarão certamente condições para a transformação das atuais tendências de “degeneração urbana”. Para que o processo de reabilitação seja bem-sucedido é importante que se reconheça a diversidade dos factos – económicos, sociais, espaciais e funcionais – apoiando-se em estratégias e formas de desenvolvimento operacional e atribuindo grande importância à delimitação de “espaços de dinamização da reabilitação urbana”.

No contexto actual de competitividade territorial, uma cidade bem-sucedida é aquela que oferece boas oportunidades aos indivíduos de participarem ativa e plenamente nas suas comunidades.

A realização dos inquéritos e a sua posterior utilização confirmou a ideia que a intervenção na cidade é enriquecida pela participação ativa dos moradores e utilizadores da cidade, pois são eles quem melhor conhecem os seus problemas. Percebeu-se que, efetivamente, existe o interesse dos cidadãos em participar nas intervenções urbanas e existem, de facto, vantagens em ouvir esses cidadãos antes de ser tomada qualquer decisão. Uma parte significativa dos inquiridos sustenta que este local tem grandes potencialidades e que pode oferecer uma melhor qualidade de vida aos moradores e utilizadores.

Para a elaboração da nossa proposta urbanística e arquitetónica é importante reter que a reabilitação do património arquitetónico desempenha um papel chave ao nível da coesão social, através da preservação dos valores sociais e culturais das comunidades, sendo que o objetivo fundamental das intervenções urbanas é o de oferecer uma melhor qualidade de vida. Concluiu-se que para obter estes níveis de qualidade de vida, é necessário a integração de espaços recreativos, de espaços verdes e equipamentos desportivos, de equipamentos culturais, de locais de passagem e de estar, de locais de comércio, e de ofertas capazes de atrair uma população diversificada para virem novamente morar para a cidade.

A preservação dos centros históricos de forma sustentável, ou seja, sem que haja perda de outros setores, só é possível quando a intervenção é baseada num modelo que não exclua algum dos lados, nomeadamente as populações mais desfavorecidas que, habitualmente, antes de implantados os projetos de revitalização, já habitavam a cidade.

Do mesmo modo que a sociedade deve ser integrada, o mesmo se deve passar em relação ao plano espacial das intervenções. Estas propostas devem ser capazes de compreender as características funcionais, económicas, sociais e ambientais e equacioná-las de forma sustentável. Deste modo é importante ter uma visão geral do espaço e forma, e a capacidade de interpretar as potencialidades de cada local para que o resultado não seja a fragmentação mas antes a unificação/integração da malha urbana. É importante saber incorporar o contemporâneo e salvaguardar o antigo, compreender que um e o outro agregam valor e qualidade quando atuam juntos.

Por fim, sustenta-se que esta metodologia pode ser aplicada em situações análogas à cidade do Porto. Defende-se que a aplicabilidade desta metodologia deverá assentar num sólido conhecimento do processo de formação da cidade e das suas características fundamentais. É necessário que os processos de regeneração urbana enquadrem oportunidades de dinamização da cidade, combinando objetivos de regeneração física, social e económica.

Bibliografia

Barata, F. (1996). *Transformação e Permanência na Habitação Portuense. As formas da casa na forma da cidade*, FAUP Publicações, Porto.

Bodenschatz, H. & Polinna, C. (2010). "*Learning from IBA - die IBA 1987 in Berlin",* Senatsverwaltung für Stadtentwicklung, Berlim.

Bohigas O. (1983). "*Per una altra urbanitat" em Plans i Projects per Barcelona 1981-1982*, Ajuntament de Barcelona, Barcelona.

Bohigas, O. (1986). "*Reconstrucción de Barcelona"*, Monografías de la Dirección General de Arquitectura y Edificación (MOPU), Madrid.

Bohigas, O., Buchanan, P.& Lampugnani, M. V. (1990). "Barcelona – Arquitectura y Ciudad 1980-1982", Editorial Gustavo Gili, Barcelona

Caixeta, E. & Frota, J. (2010). "Arquitetura da paisagem/paisagens de arquitetura: O caso recente de Barcelona*"*, Usjt, arq.urb, n.º4

Chen, A. & Calzolaio, F. (2001). *Progetti per L'Arsenale Di Veneza – Projects for the Arsenale of Venice*, Venice Lagoon Foundation, Itália.

CMP (2011). *Sistema de monitorização da qualidade de vida urbana do Porto* - Relatório, CMP, Porto.

Conzen, M. (1960). *Alnwick Northumberland: a study in town-plan Analysis,* Institute of British Geographers, Londres.

D' Agostino, R. (1996). 'Estratégias de Intervenção'*, Arquitetos*, n.º 164, pp. 62 - 65.

Gregotti, V. (1996). 'Veneza, cidade da nova modernidade'*, Arquitetos*, n.º 164, pp. 54-61.

Kropf, K. (2009). 'Aspects of urban form', *Urban Morphology*, 13, pp. 105-120.

Lamas, J. (1993). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Oliveira, J. (1973). *O espaço urbano do Porto*, Centro de Estudos Geográficos, Coimbra.

Oliveira, V., Barbosa, M. & Pinho, P. (2011). 'The study of urban form in Portugal', *Urban Morphology*, 15, pp. 55-66.

Oliveira, V. (2013) *A evolução das formas urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX e XX*, Edições UP, Porto.

Pastor, V. (1996). 'O contributo da experiência veneziana na solução dos problemas da habitação*', Arquitetos* , n.º 164, pp. 26-42.

Real, M. & Braga, M. (2001). *A Ponte e a Avenida. Contradições urbanísticas no Centro Histórico do Porto*, CMP, Porto.

Sat, C. (1996). 'Veneza: passado, presente, futuro'*, Arquitetos* , n.º 164, pp. 10-11.

Solà-Morales, I. (1990). *De las plazas a los juegos. Diez años de intervenciones urbanas*. A&V, n.º 22.

Solà-Morales, I.(1996). *Presente y Futuros. La arquitetura en las ciudades*. Catálogo do XIX, Congresso da UIA, Barcelona,1996.

SRU (2005). *Masterplan, Revitalização urbana e social da baixa do Porto*, Porto Vivo, Sociedade de reabilitação Urbana, Porto.

Vazquez, I., Conceição, P., Marques, T, Móia, P. & Sá, F. (2004) *Estudo estratégico para o enquadramento de intervenções de reabilitação urbana na baixa do Porto*, FEUP, Porto.

Anexos

Anexos A

INQUÉRITO
À população residente e utilizadores Centro Histórico do Porto

Quarteirão nº: ..... Data:___/___/_____

1 **Morada:** .....

2 **Sexo:** Feminino ☐ Masculino ☐ Idade .....

3 **Profissão:** .....

4 **Local de Trabalho:** .....

5 **Estado civil:** Casado(a) ☐ Solteiro(a) ☐ Outros: .....

6 **Pessoas a cargo:**

Filhos menores ☐ Adolescentes ☐ Adultos ☐

Netos ☐ Outros: .....

7 **Onde passam o dia?**

Casa ☐ Casa de familiares ☐ Creche ☐

Lar/centro de dia ☐ Escola ☐ Outros: .....

8 **Frequenta equipamentos de desporto?** Sim ☐ Não ☐

Se sim: Quais?

Campos de jogos grande ☐ Piscinas cobertas ☐ Ciclovias ☐

Campos de jogos pequeno ☐ Piscinas descobertas ☐ Ginásio ☐

Pavilhões e salas de desporto ☐ Espaço Verde ☐ Outras: .....

Onde?.....

9 **Pratica atividades culturais?** sim ☐ não ☐

Se sim: Quais?.....

Dança ☐ Música ☐ Festivais ☐

Teatro ☐ Outras: .....

Onde?.....

10 **Gostaria que os equipamentos desportivos e culturais fossem mais próximos?**

sim ☐ não ☐ Onde?.....

11 **Viveu/trabalhou sempre na cidade do Porto e no mesmo local?** sim ☐ não ☐

Em que local (locais) e há quanto tempo?.....

12 **Como caracteriza a evolução do lugar onde vive/trabalha?**

Má ☐ Satisfatória ☐ Boa ☐

Porque motivos?.....

13 **O que faz falta neste quarteirão?**

13.1 **Equipamentos desportivos** ☐ Quais ? Piscina/Ginásio/SPA ☐ Ciclovia ☐

Pontos de manutenção ao ar livre ☐ Campo de jogos ☐ Outros.....

13.2 **Equipamentos culturais** ☐ Quais? Galerias de Arte ☐

Biblioteca ☐ Estruturas públicas para eventos / Festivais ☐ Outros.....

13.3 **Espaço verde público** ☐ Qual? Parque para crianças ☐

Parque de lazer com percursos pedonais ☐ Outros.....

13.4 **Serviços** ☐ Quais?

Creche ☐ Restaurante ☐ Pastelaria ☐ Locais de trabalho ☐ Estacionamento ☐

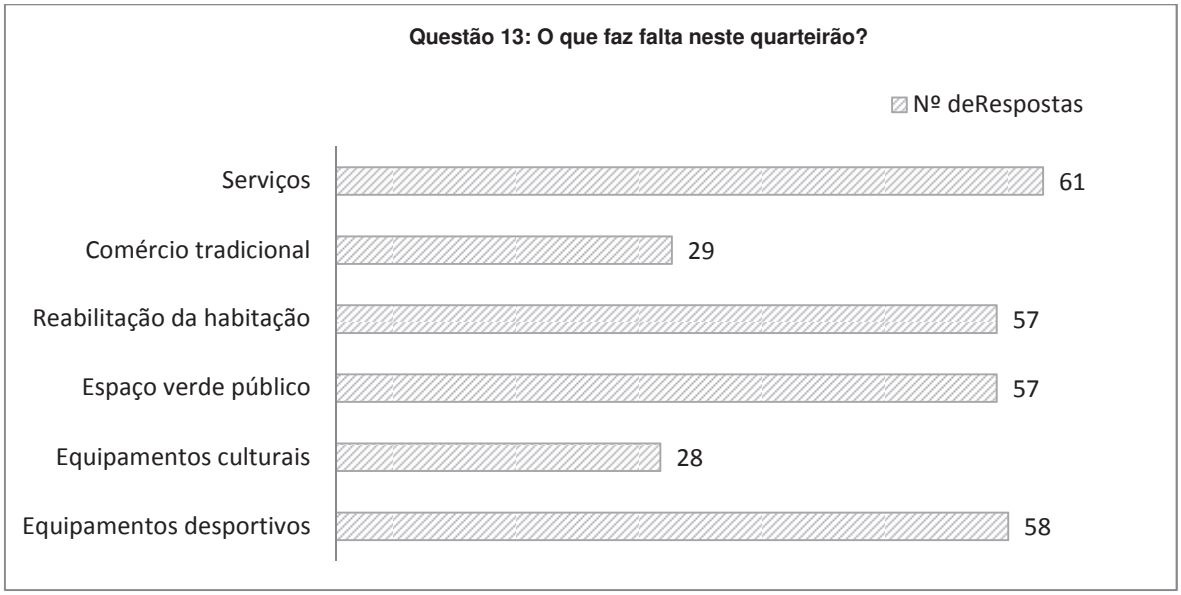
ATL ☐ Lar/Centro de dia ☐ Outros ☐ .....

13.5 **Reabilitação da Habitação** Sim ☐ Não ☐

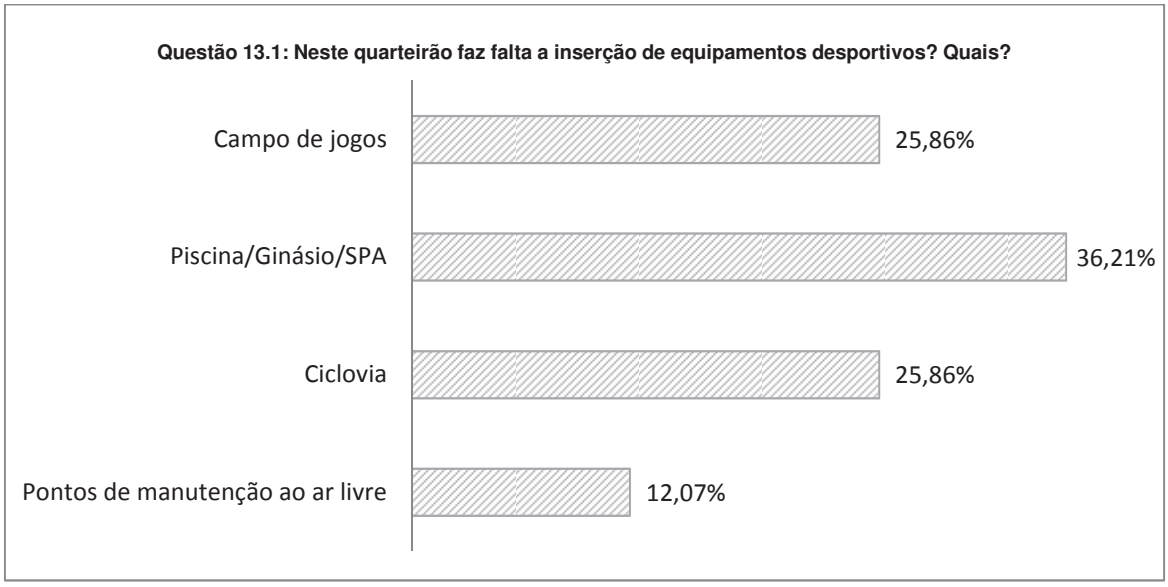
13.6 **Comércio Tradicional** Sim ☐ Não ☐

Obrigada por colaborar para a melhoria da qualidade de vida da cidade onde vive!

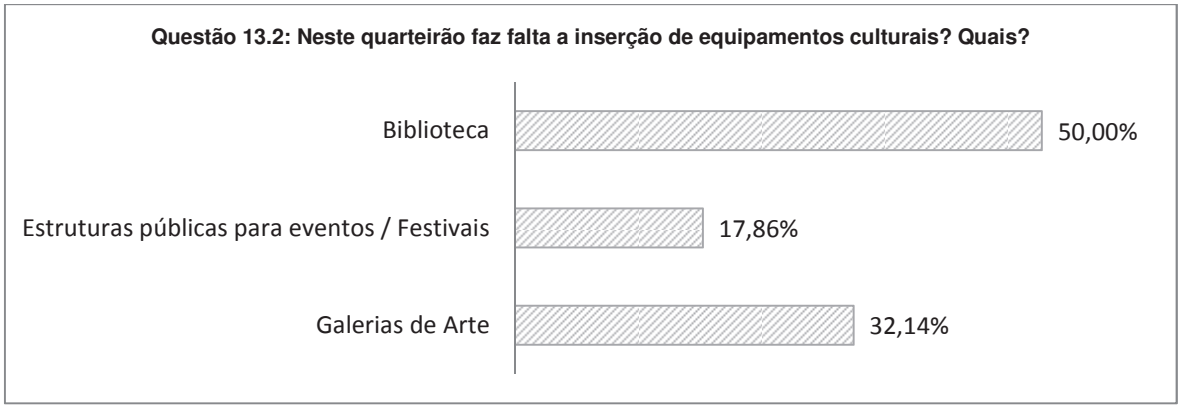
Anexo A1 – Inquérito elaborado à população residente e utilizadora da zona de intervenção.



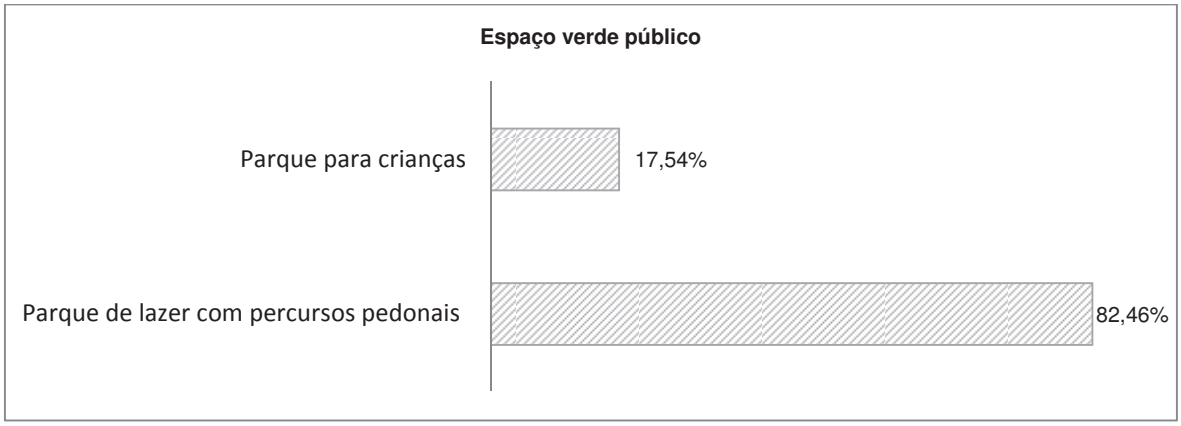
Anexo A2 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão 13: *O que faz falta neste quarteirão?*



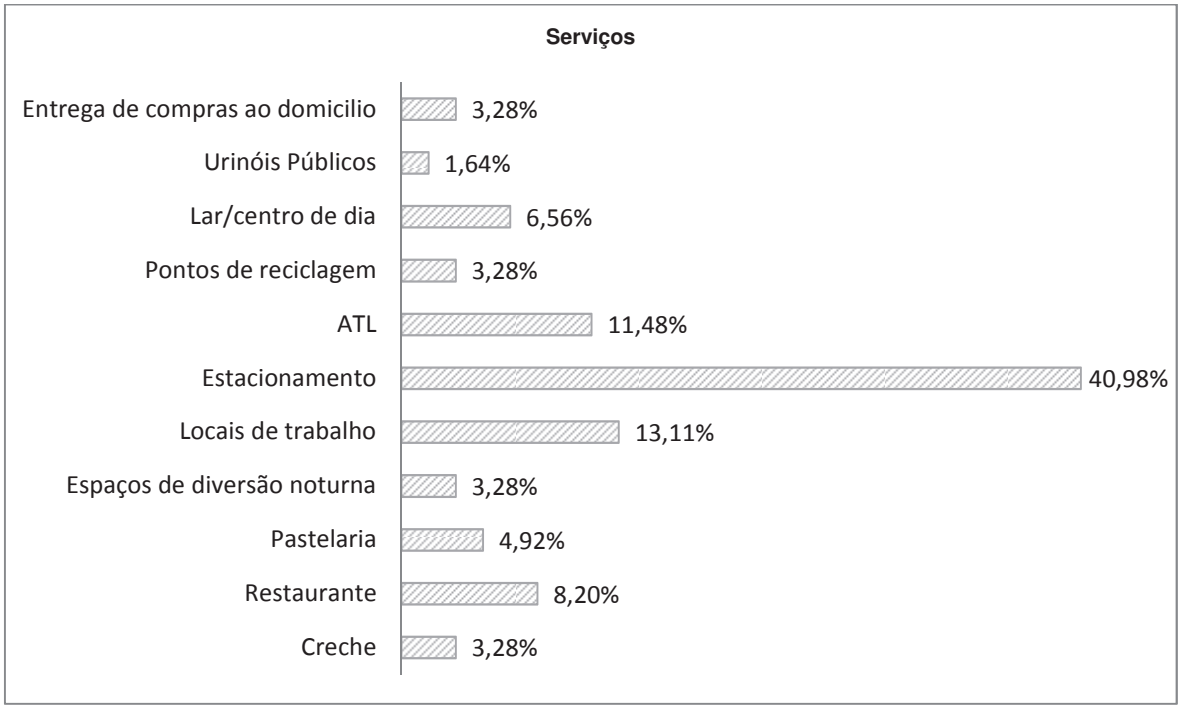
Anexo A3 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão 13.1: *Neste quarteirão faz falta a inserção de equipamentos desportivos? Quais?*



Anexo A4 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão 13.2: *Neste quarteirão faz falta a inserção de equipamentos culturais? Quais?*



Anexo A5 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão 13.3: *Neste quarteirão faz falta a inserção de espaço verde público? Que tipo de espaço verde público?*



Anexo A6 - Resumo das respostas aos inquéritos elaborados aos moradores e utilizadores do Centro Histórico do Porto, para a questão:13.4: *Neste quarteirão faz falta a inserção de serviços? Quais?*

Anexos B



Planta de enquadramento (s/ escala)

LEGENDA:

Limite da área de intervenção

A - Quarteirão D. Lopo

B - Quarteirão da Cividade

C - Quarteirão Cimo de Vila

D - Quarteirão Jardim das Camélias

- Habitação
- Habitação e comércio
- Habitação e Serviços
- Serviços
- Equipamento
- Comércio
- Comércio e Serviços
- Edifício devoluto
- Edifício em ruina
- Edifício em obra
- Comércio tradicional e artesanto
- Bares e cafés

S1 - Hotel Vitória Village

S2 - Instalações da EDP

S3 - Instalações do CNE (Corpo Nacional de Escutas)

S4 - Atlier de Arquitectura de Joaquim Massena

S5 - Pensão Douro

S6 - Hotel Mercure

S7 - Hospedaria do Sol

S8 - Escola profissional de Condução

S9 - Conselho Profissional de Secretariado

S10 - EMAC

S11 - Centro Social - Legião da BoaVontade

S12 - Estacionamento

S13 - Terminal de Autocarros

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Enquadramento Geral - Levantamento da situação existente

Planta de Enquadramento e de Localização

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vitor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/1000

B01

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



LEGENDA:

— Limite de Quarteirão

A - Quarteirão D. Lopo

B - Quarteirão da Cividade

C - Quarteirão Cimo de Vila

D - Quarteirão Jardim das Camélias

Reabilitação de Edifícios (Habitação e Comércio ou Serviços)

Reabilitação de Edifícios (Equipamentos)

Reabilitação de Edifícios (Serviços)

Edifícios Novos (Habitação)

Edifícios Novos (Equipamentos)

Edifícios Novos (Serviços)

Verde Público

Ciclovia

Elétrico

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Enquadramento Geral - Proposta

Planta de Localização

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/1000

B02

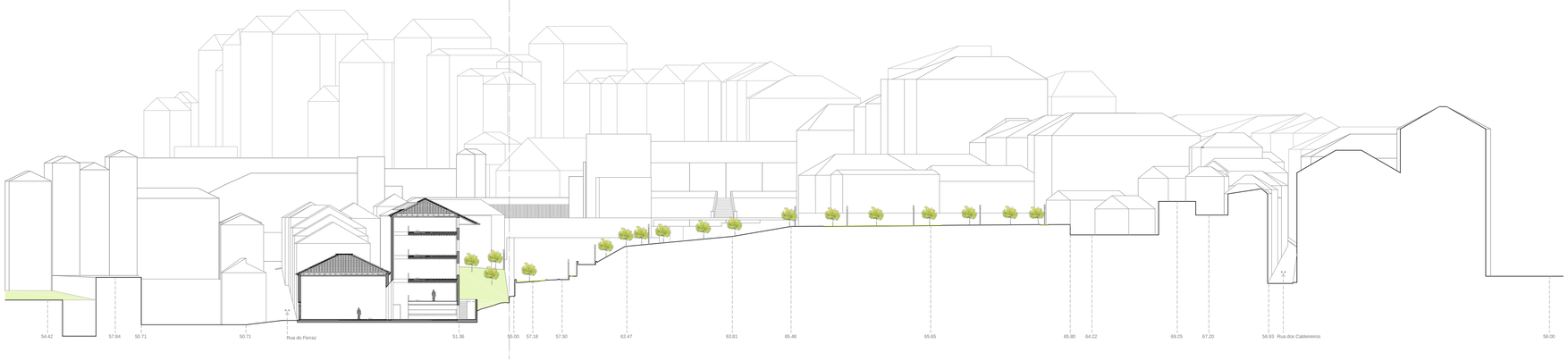
ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



Planta do setor



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P2

LEGENDA:

- Limite de Quarteirão D. Lopo
- Reabilitação de Edifícios (Habitação e Comércio ou Serviços)
- Reabilitação de Edifícios (Equipamentos)
- Reabilitação de Edifícios (Serviços)
- Edifícios Novos (Habitação)
- Edifícios Novos (Equipamentos)
- Edifícios Novos (Serviços)
- Verde Público
- Ciclovia
- Elétrico

1a - Galerias / Oficinas de Arte - entrada pela Rua da Vitória
1b - Galerias / Oficinas de Arte - Salas de trabalho e Exposição
1c - Galerias / Oficinas de Arte - Jardim

2a - Restaurante/Bar/Esplanada (piso superior) - relação com jarddim
2a - Estacionamento (pisos inferiores) - entrada pela Rua dos Caldeireiros
2b - Edifíco destinado a serviços e entrada para o edifício 2a - entrada pela Rua das Flores
2c - Entrada automóvel - Rua dos Caldeireiros

3 - Associação terceira idade

4 - Reabilitação da igreja para local de culto e de acesso às galerias de arte

5 - Jardim público

Ha - Hotel Vitória Village (entrada Rua da Vitóri)
Hb - Hotel Vitória Village (entrada Rua das Flores)

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Rua da Vitória; Rua do Ferraz; Rua das Flores; Rua dos Caldeireiros

fase: Proposta

Quarteirão D. Lopo - Planta de Setor e Perfil P2

data: 15/07/2013

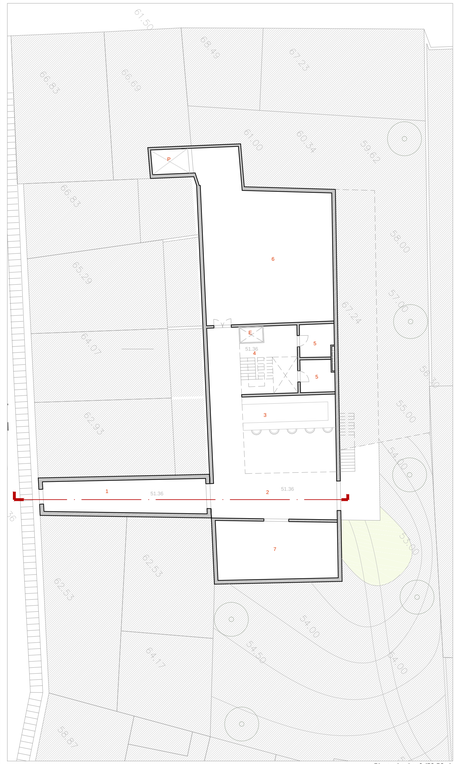
esc.: 1/500

B03

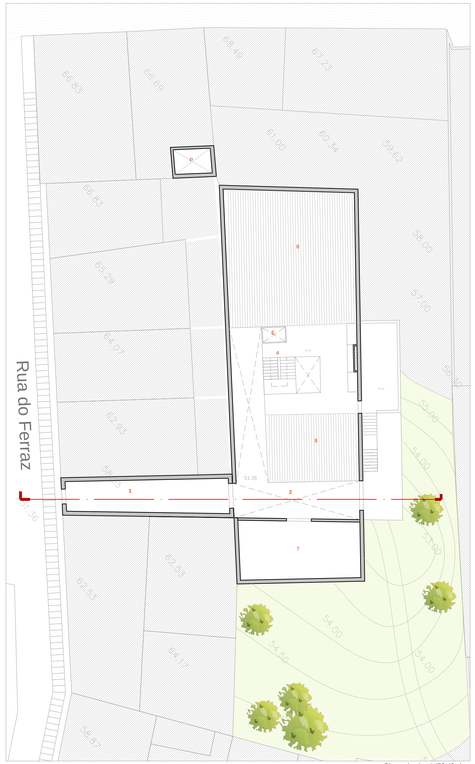
Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



Planta de piso 0 (52.56m)



Planta de piso 1 (56.40m)



Planta de piso 2 (58.76m)



Planta de piso 3 (62.31m)



Perfil P2



Planta de localização (escala:1/1000)

LEGENDA:

1 - Capela - Entrada pela Rua Ferraz para oficinas de arte
2 - Átrio / Passagem para o interior do quarteirão
3 - Bar / Cantina
4 - Acesso vertical / Pátio Interior
5 - Sanitários
6 - Armazém de obras de arte
7 - Arrumos
8 - Espaços expositivos
9 - Zona de trabalho
10 - Entrada de cargas e descargas /Receção - Rua da Vitória

E - Elevador
P - Plataforma Elevatória

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão D. Lopo

Edifício de oficinas de arte - Plantas dos piso 0, piso 1, piso 2, piso 3 e perfil P2

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/200

B04

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



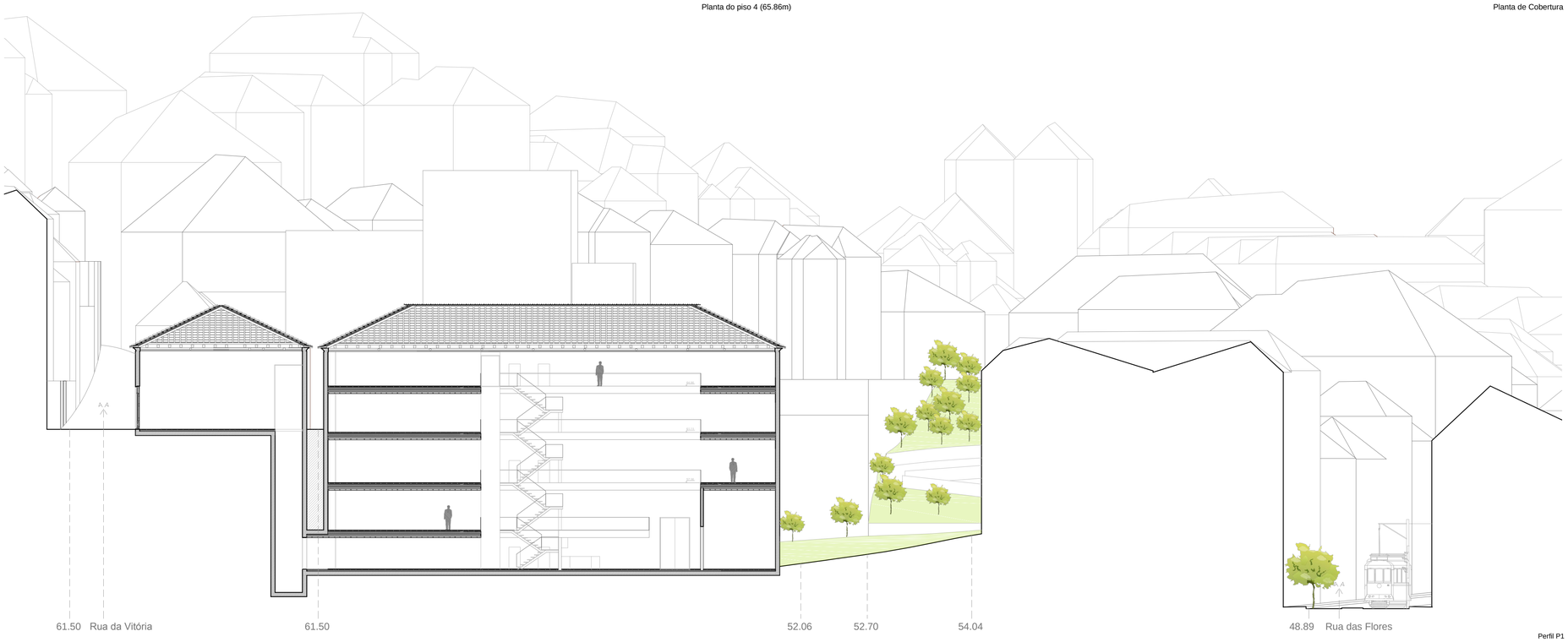
Planta do piso 4 (65.86m)



Planta de Cobertura



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P1

LEGENDA:

1 - Capela - Entrada pela Rua Ferraz para oficinas de arte
2 - Átrio / Passagem para o interior do quarteirão
3 - Bar / Cantina
4 - Acesso vertical / Pátio Interior
5 - Sanitários
6 - Armazém de obras de arte
7 - Arrumos
8 - Espaços expositivos
9 - Zona de trabalho
10 - Entrada de cargas e descargas /Receção - Rua da Vitória

E - Elevador
P - Plataforma Elevatória

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão D. Lopo

Edifício de oficinas de arte - Plantas do piso 4, da cobertura e perfil P1

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

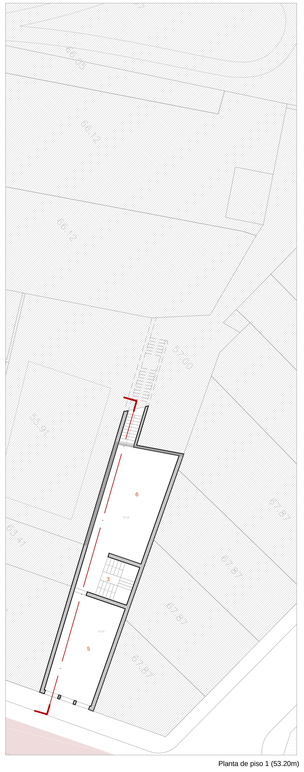
esc.: 1/200

B05

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



Planta de piso 0 (50.20m)



Planta de piso 1 (53.20m)



Planta de piso 2 (56.20m)



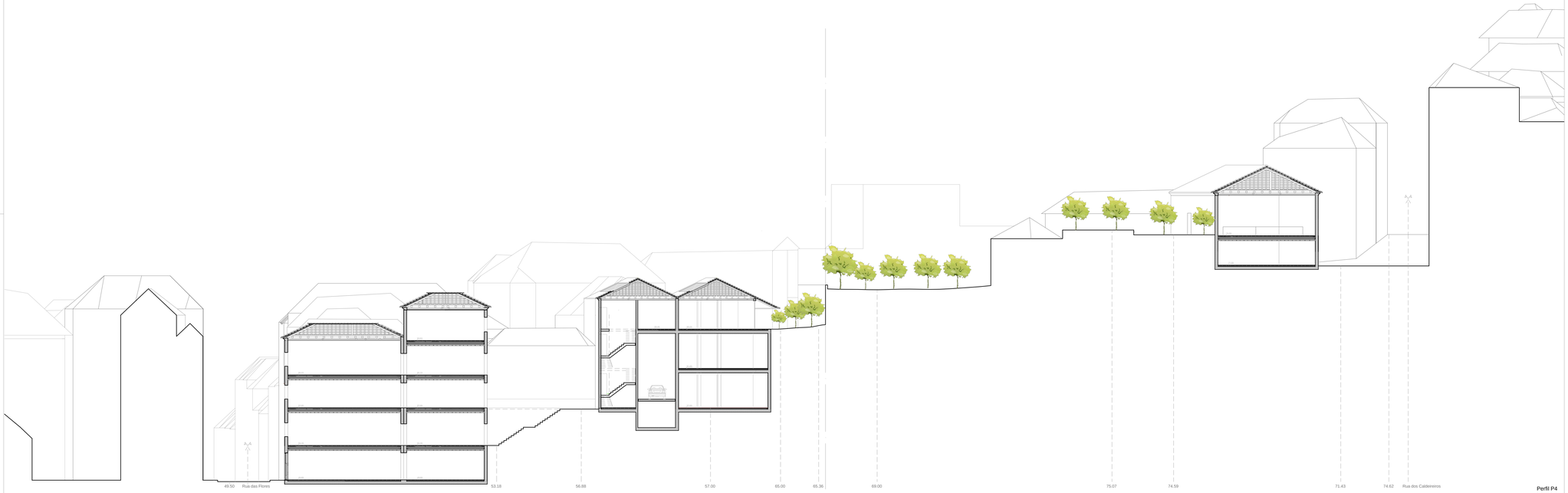
Planta de piso 3 (59.20m)



Planta de piso 4 (62.20m)



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P4

LEGENDA:

1 - Entrada pública pela Rua das Flores para edifício de serviços
2 - Comércio
3 - Acesso vertical
4 - Armazém
5 - Serviços
6 - Bar
7 - Estacionamento automóvel

E - Elevador
Pv - Plataforma elevatória de veículos

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão D. Lopo

Edifício de Serviços - Plantas do piso 0, piso 1, piso 2, piso 3, piso 4 e perfil P4

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/200

B06

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



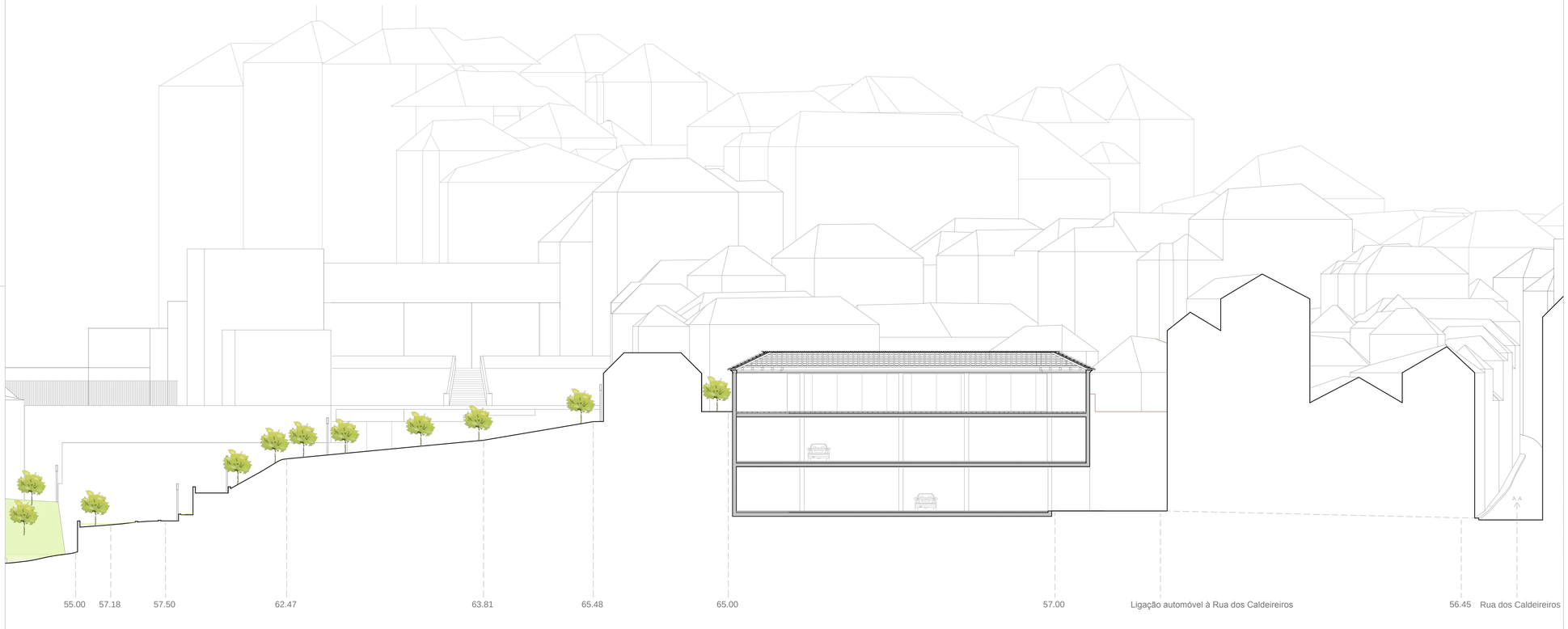
Planta de piso 5 (66.20m)



Planta de Cobertura (69.20m)



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P2

LEGENDA:

1 - Entrada pública pela Rua das Flores para Edifício de Serviços
2 - Comércio
3 - Acesso vertical
4 - Armazém
5 - Serviços
6 - Bar/Cantina
7 - Estacionamento automóvel
8 - Sanitários
9 - Restaurante Bar

E - Elevador
Pv - Plataforma Elevatória de Veículos

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão D. Lopo

fase: Proposta

Edifício de serviços - Plantas do piso 5, da cobertura e perfil P2

data: 15/07/2013

B07

Marlene da Luz Moreira Oliveira

esc.: 1/200

Prof. Doutor Vítor Oliveira

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



Planta de piso 5 (66.20m)



Planta de piso 5 (66.20m)



Planta de Cobertura



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P5

LEGENDA:

1 - Átrio de entrada (Rua da Vitória)
2 - Zona de Refeições
3 - Sala de Estar
4 - Sanitários
5 - Acesso Vertical
6 - Sala de jogos
7 - Jardim exterior

E - Elevador

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão D. Lopo

Edicício para associação de terceira idade - Plantas do piso 0, piso 1, cobertura e perfil P5

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

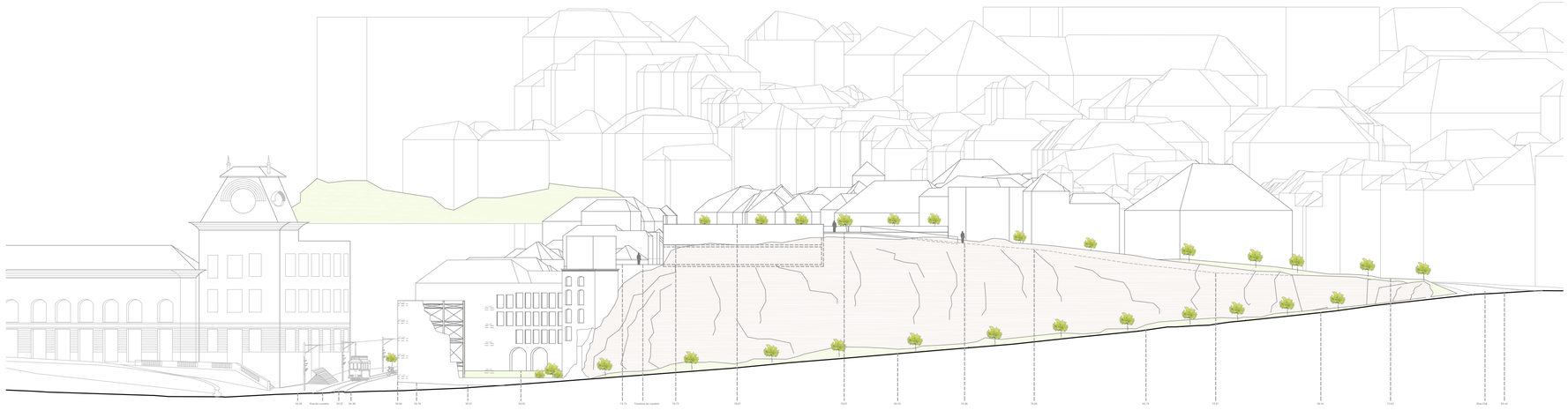
esc.: 1/200

B08

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



Planta de Setor



Perfil P1



Planta de localização (escala:1/1000)

LEGENDA:

- Limite de Quarteirão da Cividade
- Reabilitação de Edifícios (Habitação e Comércio ou Serviços)
- Reabilitação de Edifícios (Equipamentos)
- Reabilitação de Edifícios (Serviços)
- Edifícios Novos (Habitação)
- Edifícios Novos (Equipamentos)
- Edifícios Novos (Serviços)
- Verde Público
- Ciclovia
- Elétrico

1 - Edifício de Bar e Salas de provas
2 - Edifício de Restaurante
3 - Pátio exterior
4 - Passagem para edifício de acesso ao ginásio, SPA e campo de jogos
5 - Edifício com acessos verticais (ligação ao ginásio, SPA e campo de jogos)
6 - Edifício de ginásio e SPA
7 - Jardim público
8 - Campo de Jogos

a - Entrada pela Rua do Loureiro
b - Entrada pela Travessa do Loureiro
C - Entrada pela Travessa do Loureiro (através das escadas existentes)
d - Entrada pela Rua Chã

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Rua do Loureiro; Rua Chã e Avenida da Ponte

fase: Proposta

Quarteirão da Cividade - Planta de Setor e perfil P1

data: 15/07/2013

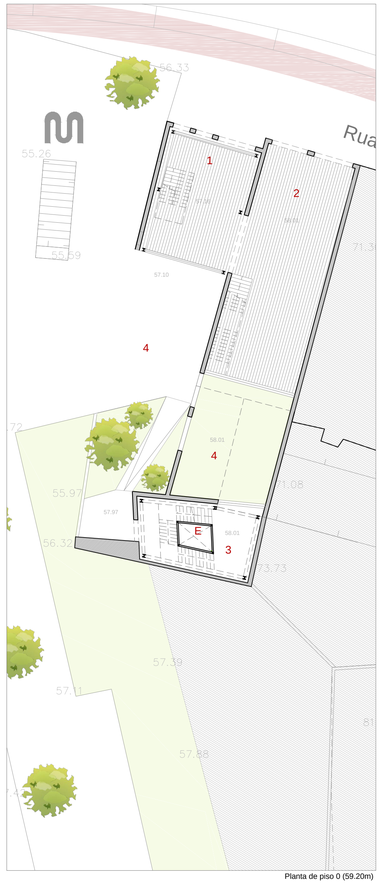
esc.: 1/500

B09

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

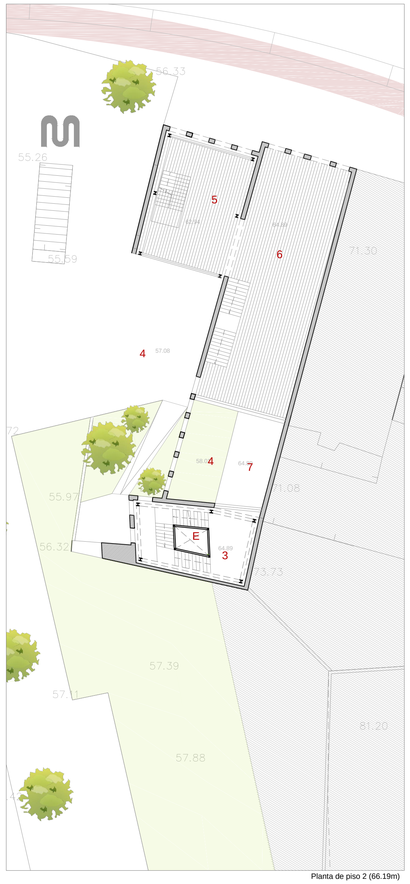
ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



Planta de piso 0 (59.20m)



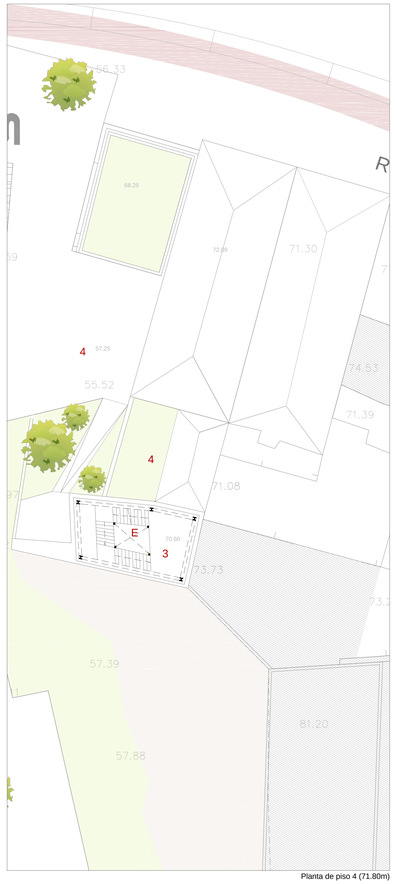
Planta de piso 1 (63.48m)



Planta de piso 2 (66.19m)



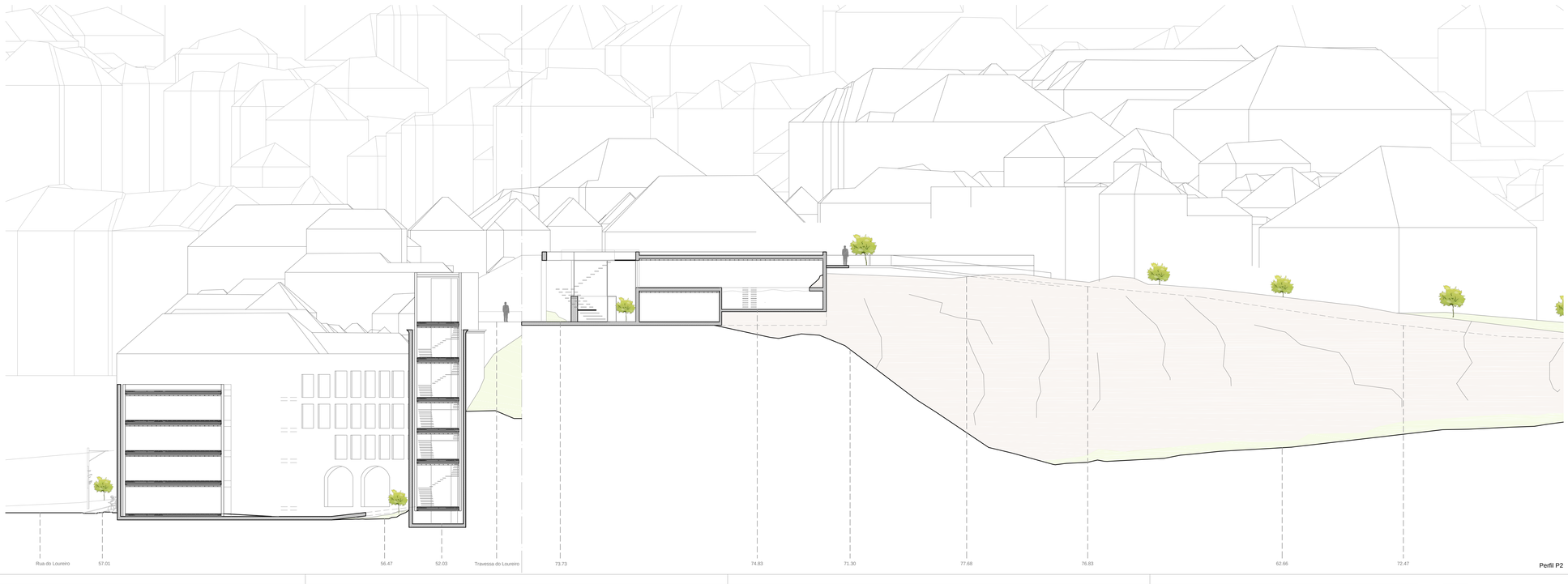
Planta de piso 3 (68.80m)



Planta de piso 4 (71.80m)



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P2

LEGENDA:

1 - Bar
2 - Restaurante
3 - Acesso vertical
4 - Pátio
5 - Sala de provas
6 - Sala de refeições
7 - Passagem entre edifícios

E - Elevador

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão da Cividade

Edifício de Serviços e equipamento - Plantas do piso 0, piso 1, piso 2, piso 3, piso 4 e perfil P2

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/200

B10

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



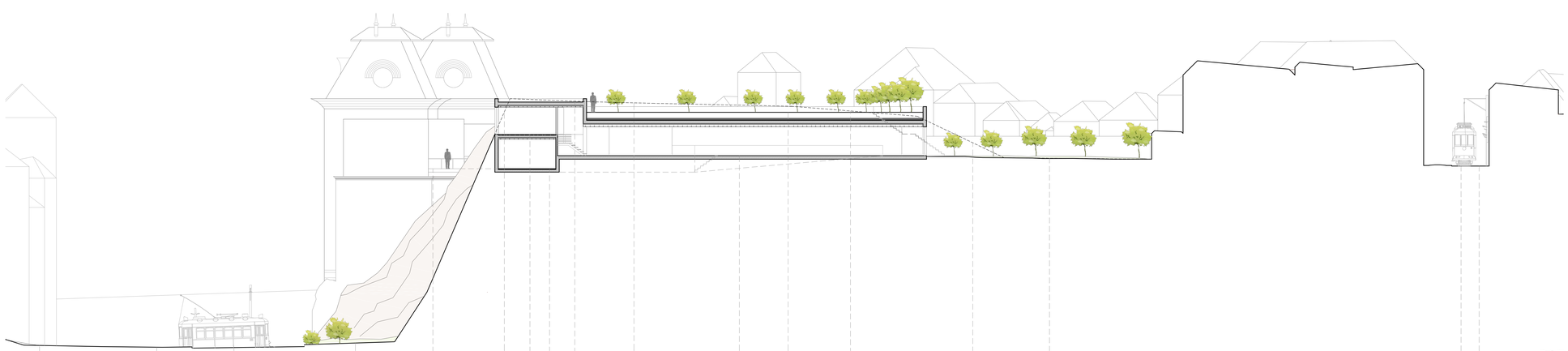
Planta de piso 5 (74.93m)



Planta de cobertura (76.17m)



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P3

LEGENDA:

1 - Bar
2 - Restaurante
3 - Acesso vertical
4 - Pátio
5 - Sala de provas
6 - Sala de refeições
7 - Passagem entre edifícios
8 - Receção do ginásio e SPA
9 - Acesso ao jardim público
10 - Balneários
11 - Escritório / Sala de reuniões
12 - Sala de funcionários (descanso, refeições, estar)
13 - Área técnica
14 - Ginásio
15 - SPA
16 - Jardim público
17 - Campo de jogos

E - Elevador
Ea - Acesso público
Eb - Acesso restrito a funcionários no piso 0

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão da Cividade

Edifício de Serviços e equipamento - Plantas do piso 5, piso da cobertura e perfil P3

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/200

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre

N

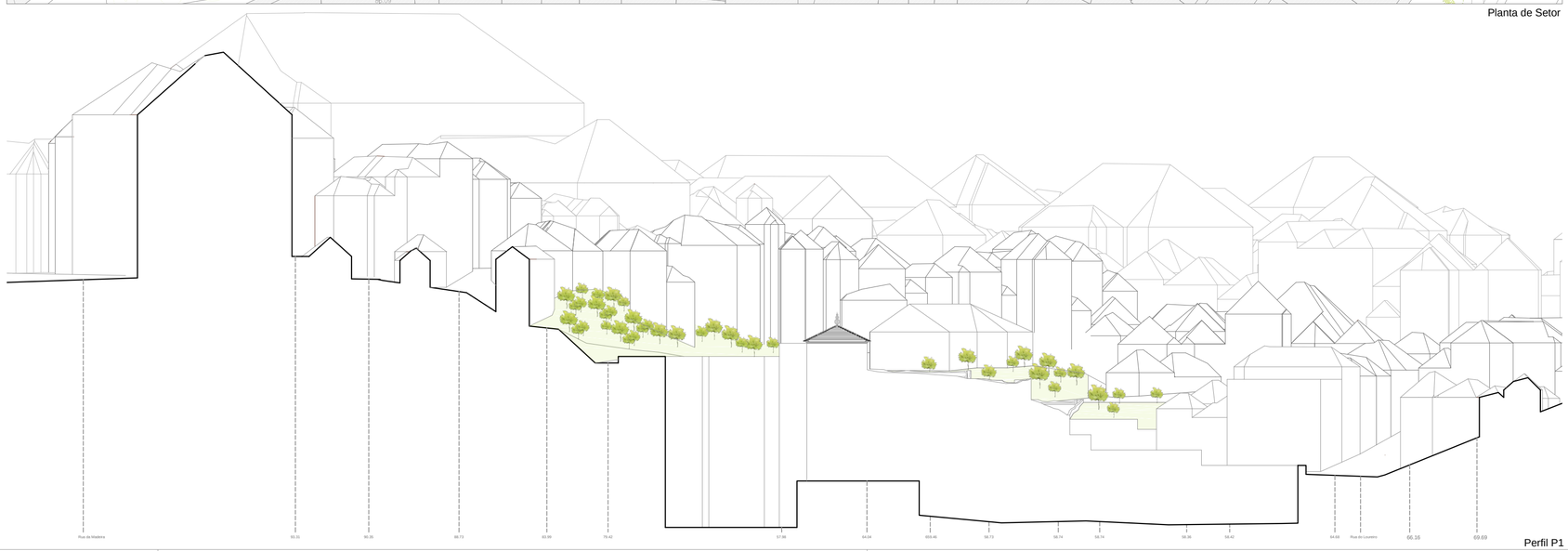
B11



Planta de Setor



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P1

LEGENDA:

- Limite de Quarteirão da Cividade
- Reabilitação de Edifícios (Habitação e Comércio ou Serviços)
- Reabilitação de Edifícios (Equipamentos)
- Reabilitação de Edifícios (Serviços)
- Edifícios Novos (Habitação)
- Edifícios Novos (Equipamentos)
- Edifícios Novos (Serviços)
- Verde Público
- Ciclovia
- Elétrico

1 - Parque para crianças
2 - Edifício de biblioteca e salas de internet
3 - ATL
4 - Jardim privado do ATL
5 - Espaço verde público
6 - Zona de manutenção física

a - Entrada pela Rua do Loureiro
b - Entrada pela Rua de Cimo de Vila (ao nível do R/Chão)
C - Entrada pela Rua da Madeira

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Rua do Loureiro; Rua de Cimo de Vila; Rua da Madeira

fase: Proposta

Quarteirão de Cimo de Vila - Planta de Setor e perfil P1

data: 15/07/2013

esc.: 1/500

B12

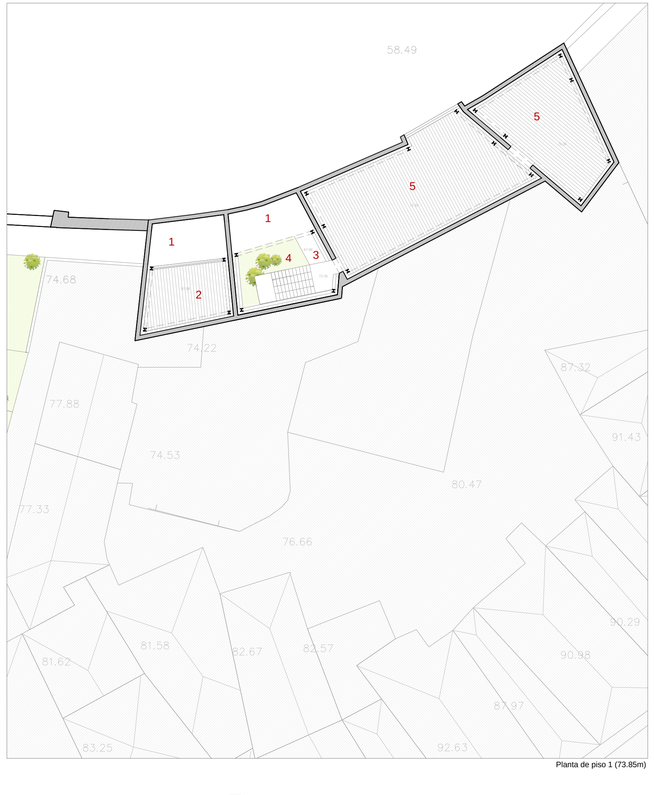
Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



Planta de piso 0 (69.64m)



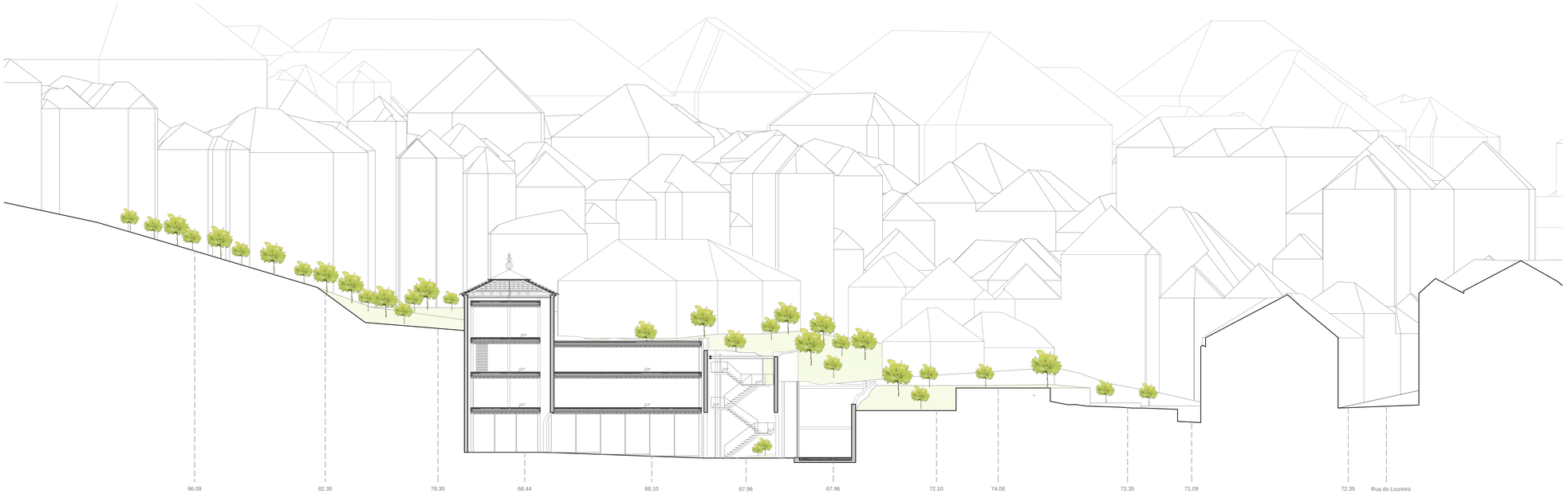
Planta de piso 1 (73.85m)



Planta de piso 2 (76.68m)



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P2

LEGENDA:

1 - Passagem pública
2 - Salas de internet
3 - Acesso vertical
4 - Pátio
5 - Biblioteca

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão de Cimo de Vila

Edifício de Serviços e ATL - Plantas do piso 0, piso 1, piso 2 e Perfil P2

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/200

B13

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



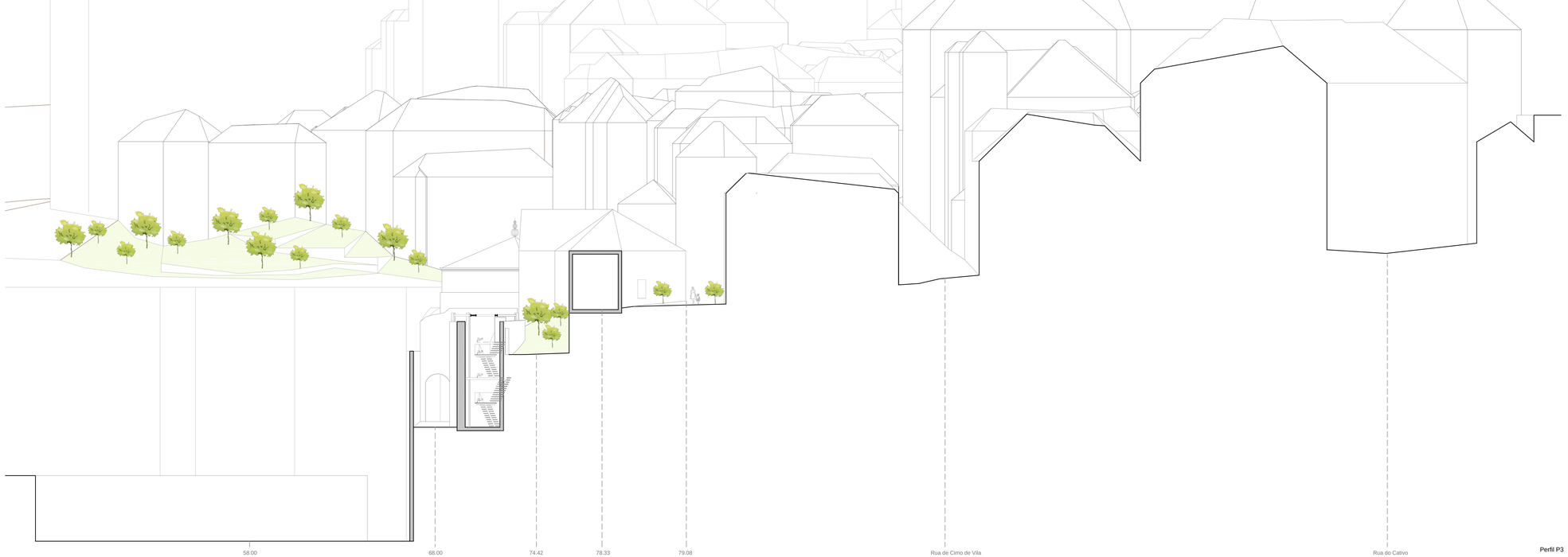
Planta de piso 3 (79.68m)



Planta de cobertura



Planta de localização (escala:1/1000)



Perfil P3

LEGENDA:

1 - Passagem pública
2 - Salas de internet
3 - Acesso vertical
4 - Pátio
5 - Biblioteca
6 - Administração
7 - Pátio exterior do ATL
8 - Zona de refeições
9 - Zona de brincar
10 - Sanitários
11 - Zona de dormir
12 - Jardim do ATL

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão de Cimo de Vila

fase: Proposta

Edifício de Serviços e ATL - Plantas do piso 3, da cobertura e perfil P3

data: 15/07/2013

B14

Marlene da Luz Moreira Oliveira

esc.: 1/200

Prof. Doutor Vítor Oliveira

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



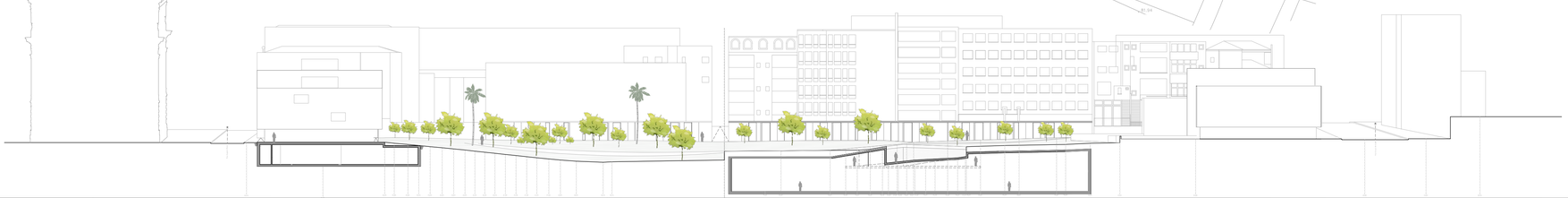
Perfil P2



Planta de localização (sem escala)



Planta de Coberturas



Perfil P1

LEGENDA:

1 - Zona de Habitação e Comércio
2 - Zona de Serviços
3 - Galerias de arte
4 - Equipamento
5 - Estacionamento Público
6 - Residência para estudantes
7 - Residência temporária para artistas

a - Entrada principal pela Rua Augusto Rosa
b - Entrada pela Rua Augusto Rosa
c - Entrada pela Rua Alexandre Herculano (percurso existente)
d - Entrada pela Rua Duque de Loulé

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Rua Augusto Rosa; Rua do Sol; Rua Duque de Loulé e Rua Alexandre Herculano

Quarteirão do Jardim das Camélias - Planta do setor e perfis P1 e P2

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/500

B15

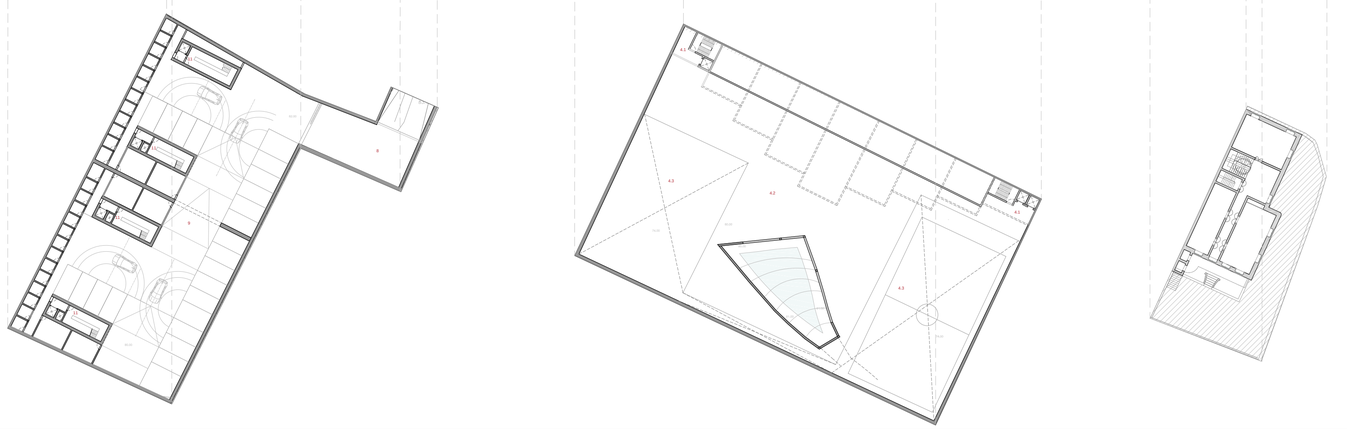
ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



Planta de r/Chão



Planta de localização (sem escala)



Planta de pisos inferiores

LEGENDA:

1 - Zona de Comércio
2 - Zona de Serviços
3 - Galerias de arte
4 - Equipamento
- 4.1 - Acesso vertical
- 4.2 - Zona de receção e balneários
- 4.3 - Zona de desporto

5 - Estacionamento Público
6 - Residência para estudantes
7 - Residência temporária para artistas
8 - Entrada para estacionamento privado
9 - Estacionamento privado
10 - Equipamento desportivo
11 - Acesso vertical

a - Entrada principal pela Rua Augusto Rosa
b - Entrada pela Rua Augusto Rosa
c - Entrada pela Rua Alexandre Herculano (percurso existente)
d - Entrada pela Rua Duque de Loulé

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Rua Augusto Rosa; Rua do Sol; Rua Duque de Loulé e Rua Alexandre Herculano

Quarteirão do Jardim das Camélias - Planta do setor (pisos do rés-do-chão e piso -1)

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/500

B16

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



Alçado Nascente



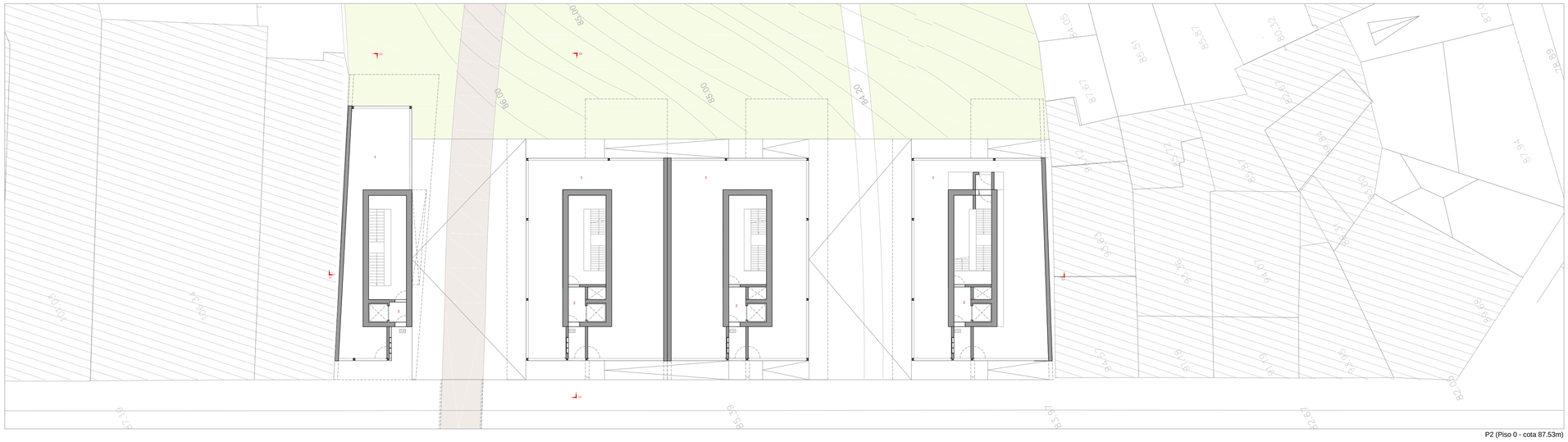
Planta de localização (sem escala)



P3 (Piso 1 - cota 89.99m)



P1 (Piso -1 - cota 84.53m)
Escala: 1/500



P2 (Piso 0 - cota 87.53m)



Alçado Poente

LEGENDA:

1 - Zona de comércio
2 - Zona de acesso vertical
3 - Zona de serviços
4 - Cozinha
5 - Sala de jantar
6 - Sala de estar
7 - Sala comum
8 - Arrumos
9 - Pátio
10 - Quarto de casal
11 - Quarto individual
12 - Sanitários
13 - Quarto com suite

a - Entrada principal pela Rua Augusto Rosa
b - Entrada pela Rua Augusto Rosa
c - Entrada pela Rua Alexandre Herculano (percurso existente)
d - Entrada pela Rua Duque de Loulé

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão do Jardim das Camélias

Edifícios de Habitação, comércio e serviços - Plantas do piso -1, piso 0 e piso 1 e alçados

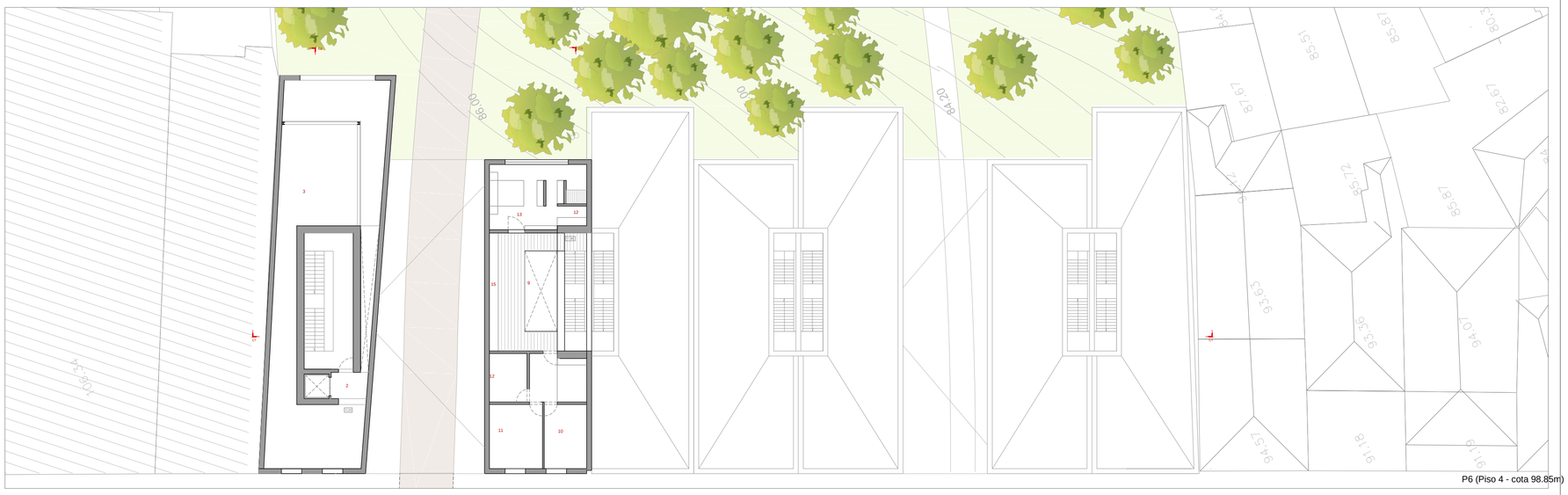
Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

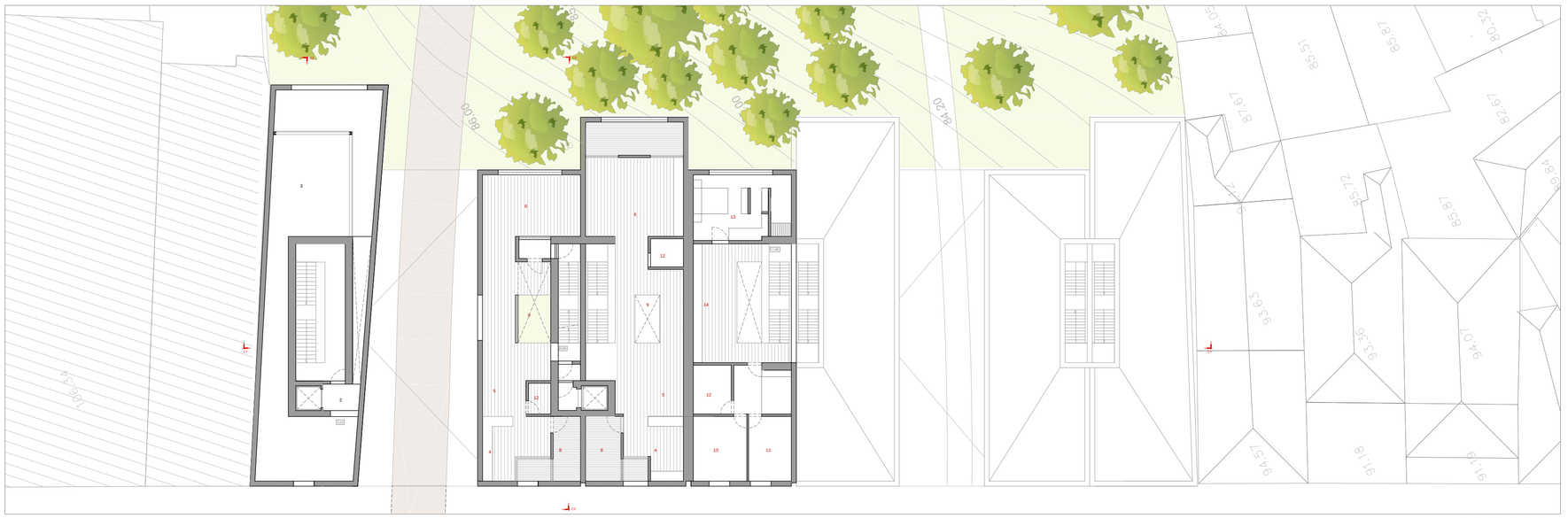
fase: Proposta
data: 15/07/2013
esc.: 1/200

B17

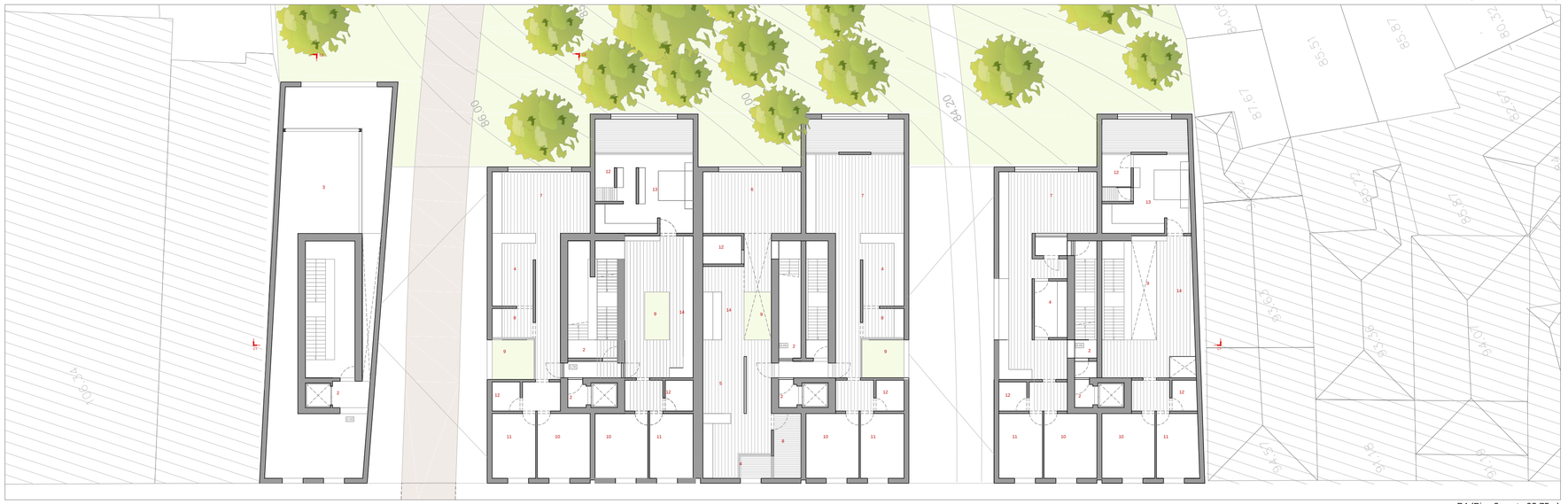
ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



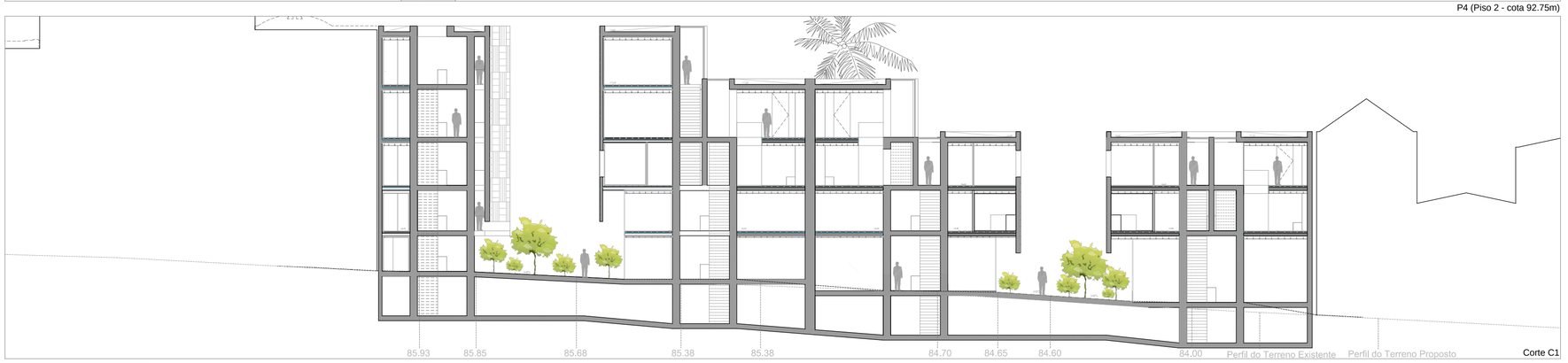
P6 (Piso 4 - cota 98.85m)



P5 (Piso 3 - cota 95.65m)



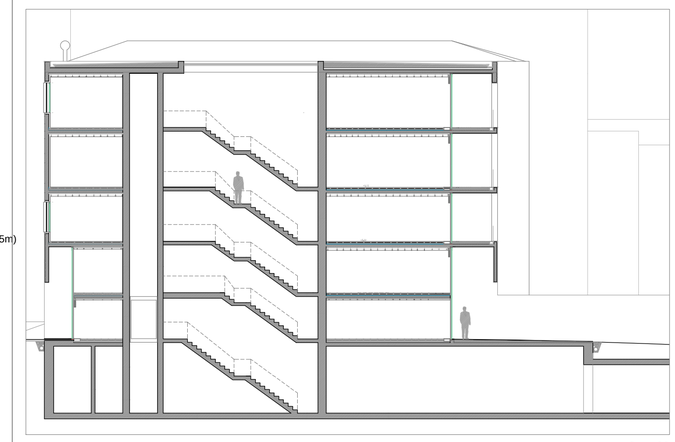
P4 (Piso 2 - cota 92.75m)



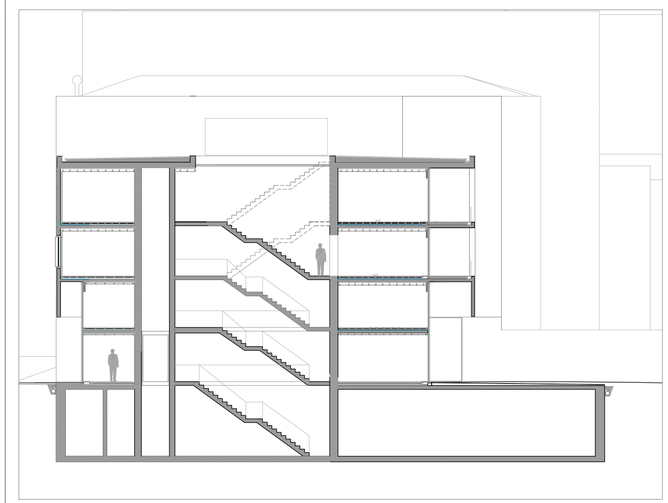
Corte C1



Corte C2
Escala 1/500



Corte C2



Corte C3

LEGENDA:

1 - Zona de Comércio
2 - Zona de Acesso vertical
3 - Zona de serviços
4 - Cozinha
5 - Sala de jantar
6 - Sala de estar
7 - Sala comum
8 - Arrumos
9 - Pátio
10 - Quarto de casal
11 - Quarto individual
12 - Sanitários
13 - Quarto com suite
14 - Biblioteca/Escritório
15 - Estacionamento

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão do Jardim das Camélias

Edifícios de Habitação, comércio e serviços - Plantas do piso 2, piso 3, piso 4 e Cortes

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/200

B18

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



P1 (Piso 0 - cota 83.10m)



P2 (Piso 1 - cota 86.77m)



P3 (Cobertura)



Planta de localização (sem escala)



Perfil P3

LEGENDA:

1 - Entrada principal
2 - Átrio
3 - Zona de convívio
4 - Acessos
5 - Pátio
6 - Cozinha
7 - Sanitários
8 - Arrumos
9 - Zona de dormir e estar

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão do Jardim das Camélias

Residencial de estudantes - Plantas do piso 0, piso 1, piso de cobertura e perfil P3

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

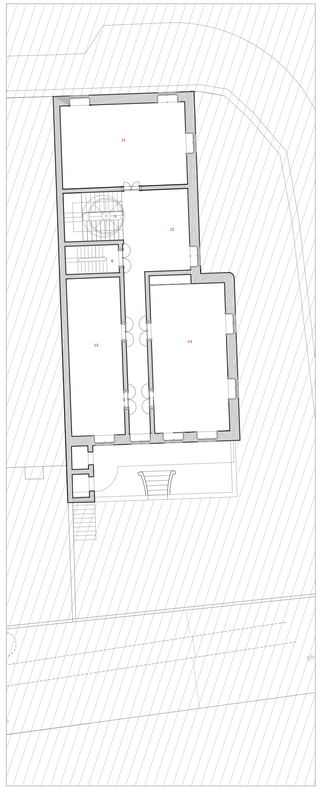
fase: Proposta

data: 15/07/2013

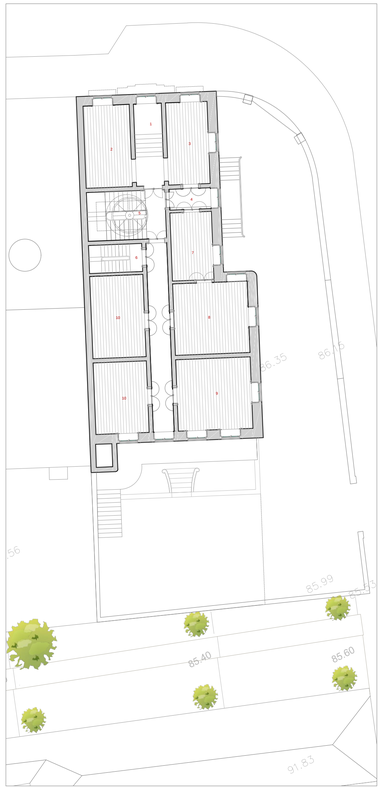
esc.: 1/200

B19

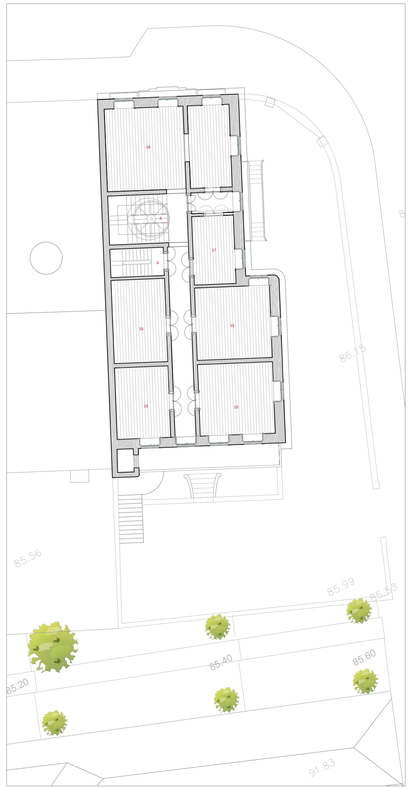
ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre



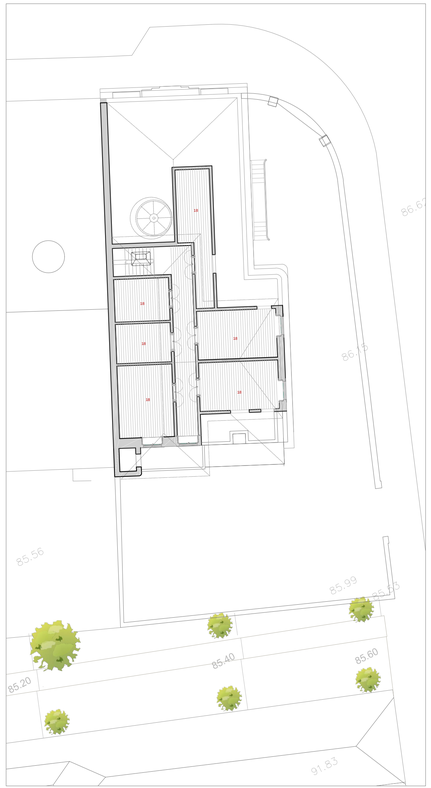
P1 (Piso -1 - cota 86.20m)



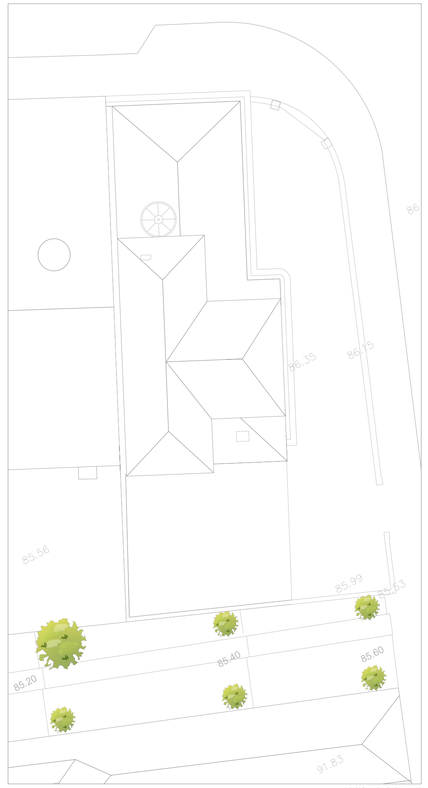
P2 (Piso 0 - cota 90.12m)



P3 (Piso 1 - cota 94.58m)



P4 (Piso 2 - cota 99.33m)



P5 (Piso de Cobertura)



Planta de localização (sem escala)

LEGENDA:

1 - Entrada principal
2 - Receção
3 - Sala de espera
4 - Entrada secundária
5 - Acesso vertical
6 - Acesso vertical de funcionários
7 - Sala de leitura
8 - Sala de música
9 - Sala de estar
10 - Sala de exposição
11 - Zona de funcionários
12 - Sala de espera
13 - Zona de confeção
14 - Zona de refeições
15 - Quarto
16 - Quarto com suite
17 - Sanitários
18 - Ateliers



Perfil P3

Proposta para revitalização do centro histórico do Porto

Quarteirão do Jardim das Camélias

Residencial temporária para artistas - Plantas do piso -1, piso 0, piso 1 e piso 2, piso de cobertura e perfil P3

Marlene da Luz Moreira Oliveira

Prof. Doutor Vítor Oliveira

fase: Proposta

data: 15/07/2013

esc.: 1/200

ULP - Mestrado Integrado em Arquitetura
2012/2013 - 5º ano - 2º semestre

B20